

ובנותיבות החיים



Nos Caminhos da Vida

בנתיבות החיים

שיחות ומאמרים במוסר ודעת

Nos Caminhos da Vida

**Uma abordagem sobre
os princípios básicos do judaísmo,
as virtudes do homem e as condutas
que o ser humano deve seguir.**

De autoria de

Isaac Dichi

Rabino da Congregação Mekor Haim

Editado pela Congregação Mekor Haim

Rua São Vicente de Paulo, 276

S. Paulo SP - Brasil

Fone: 3826-7699

Adar Bêt 5765

ÍNDICE

Elul	5
O Rei Passeia no Campo	18
Roupas Limpas	25
A Teshuvá – Uma Bondade Divina	29
A Teshuvá	34
O Shofar	38
A Satisfação que Acompanha as Mitsvot	41
Chanucá	43
Uma Promessa Divina	47
A Meguilat Ester	51
O Motivo do Estudo da Torá	56
A Presença Divina	60
Proximidade com os Sábios	64
A Razão dos Homens e a Torá	70
A Bondade	75
Uma Lição das Madeiras	84
Discrição	86
Aceitar Uma Repreensão	90
A Tsedacá	94

Quando Eles Partem	99
As Bênçãos Sobre os Alimentos	101
Condição Indispensável	114
Preocupação com o Espiritual	124
Sábios de Coração	132
Nossa Escolha	135
O Yêtsér Hará	142
Leis Sociais	147
O Corpo, Um Escravo	150
O Que se Espera de Nós?	153
Responsabilidade Coletiva	156
Responsabilidades	163
A Vida de um Grande Homem	167

ELUL

No *Zôhar Hacadosh* consta que Yaacov e Essav dividiram os meses do ano. Nessa divisão, os meses de *nissan*, *iyar* e *sivan* ficaram com Yaacov. Em *nissan* comemoramos *Pês-sach*, em *iyar* fazemos a *sefirat haômer* (contagem do ômer) e em *sivan* comemoramos a Outorga da *Torá*.

Os três meses seguintes, em princípio, ficariam sob a influência de Essav: *tamuz*, *av* e *elul*. Entretanto, desses três meses, Essav acabou ficando somente com *tamuz* e uma parte de *av*. Yaacov *Avínu* tirou dele todo o mês de *elul* e parte do mês de *av*. Qual passagem da *Torá* nos ensina isso?

Depois de sair da casa de Lavan, Yaacov encontrou-se com Essav. Nesse encontro, Essav fez uma proposta para Yaacov (*Bereshit* 33:12): “*Niss’á venelecha veelechá lenegdecha* – Ponhamo-nos a caminho e eu caminharei junto contigo”. Yaacov responde para ele (33:13-14): “Meu senhor sabe que as crianças são tenras e se as ovelhas e as vacas que têm cria se fatigarem em um só dia, morrerá todo o rebanho. Passe, meu senhor, rogo, diante de seu servo, e eu irei devagar conforme o trabalho que está diante de mim e conforme o passo dos meni-

nos até chegar a meu senhor, a Seir.”

Essav sugere a Yaacov que viajem juntos, porém Yaacov *Avínu* queria poupar sua família. Temia que Essav fosse uma má influência para ela.

Nossos livros sagrados mencionam que, neste versículo, as primeiras letras das palavras “*vaani etnahalá leiti lerêguel* – e eu irei devagar conforme” formam a palavra “*elul*”. Foi nesse encontro, que Yaacov *Avínu* conseguiu tirar de Essav o mês de *elul*.

Nesse contexto, com as palavras “e eu irei devagar conforme o trabalho que está diante de mim”, Yaacov estava afirmando que tem um trabalho de retorno até o Todo-Poderoso, realizado no mês de *elul* e em *assêret yemê teshuvá*, e que não abre mão dos trinta dias de *elul*. Esses quarenta dias formam um bloco indispensável no processo de *teshuvá*.

Mais adiante, no *Chumash Bemidbar*, há um outro trecho interessante relacionado com este conceito.

Bil’am foi o maior profeta dos outros povos. Quando Balac pediu para ele amaldiçoar o povo de Israel, Balac disse (*Bemidbar* 22:06): “*Veatá lechá ná ara li et haam hazê* – E agora vai, rogo-te, amaldiçoa para mim este povo.”

É interessante que as letras da palavra “*ara*” (amaldiçoa) – *álef, resh, hê* – são as iniciais de *elul* e *rosh hashaná*.

Balac e Bil’am temiam as poderosas “armas” de *Am Yisrael* – *elul, Rosh Hashaná, assêret yemê teshuvá, Yom Kipur*. Por isso, Balac disse para Bil’am: *ara li et haam hazê*. Num plano mais simples, isso significa: amaldiçoa para mim este

povo. Em um plano mais profundo, significa: toma deles *elul* e *Rosh Hashaná*. Mas eles não conseguiram seu intento, pois Yaacov *Avínu* já tinha adquirido essa época no encontro com Essav.

Em *parashat Ki Tetsê* está escrito (*Devarim* 23:06): “*Velô avá Hashem Elokecha lishmoa el Bil’am* – E não quis *Hashem* teu D’us ouvir a *Bil’am*”. Em vez de “*velô avá*”, deveria estar escrito “*velô ratsá*”. Mas a expressão “*velô avá*” é uma alusão ao fato de que o mês de *av* não foi entregue totalmente para Essav. Até o décimo dia do mês de *av* pertence a Essav, mas daí em diante não. Dia nove de *av*, infelizmente, os dois Templos Sagrados foram destruídos.

Além desse acrônimo (*rashê tevot*) “*elul*”, há outros quatro no *Tanach*. Estes acrônimos não são casuais. Não são apenas resultados fortuitos de uma pesquisa em computador. Eles representam ensinamentos profundos transmitidos por nossos sábios.

O primeiro *rashê tevot*, que vimos acima (*vaani etnahalá leiti lerêguel*), nos ensina que necessitamos do mês de *elul*. Yaacov *Avínu* capturou este mês de Essav e ele é imprescindível em nosso trabalho espiritual nesta época. Esses dias são um preparativo para *Rosh Hashaná* e, principalmente, para *Yom Kipur*. Seria trágico se *elul* estivesse sob a influência de Essav. *Yom Kipur* é o dia sobre o qual consta: “*Lifnê Hashem tit’háru* – Purifiquem-se perante D’us”. Em *Yom Kipur* alcançamos o nível espiritual supremo de estarmos “perante *Hashem*”.

Há outros quatro *rashê tevot*, dos quais os mais conhecidos são:

“*Ani Ledodi Vedodi li* – Eu estou para o meu Amado (D’us) e meu Amado está para mim” (*Shir Hashirim* 06:03); “*Umal Hashem Elokecha et levavechá veet levav zar’echa* – E circuncidará *Hashem*, teu D’us, o teu coração e o coração de tua descendência” (*Devarim* 30, 6); “*Umishloach manot ish lereêhu umatanot laevyonim* – e de se enviar porções uns aos outros e presentes aos pobres” (*Meguilat Ester* 09:22).

Esses três *rashê tevot* mencionados acima, exprimem a essência do nosso trabalho em *elul* e *assêret yemê teshuvá*. Eles aludem às três condutas fundamentais que conferem méritos, para se alcançar um bom resultado em *Rosh Hashaná* e *Yom Kipur*: *tefilá*, *teshuvá* e *tsedacá*, conforme o dito: “*Utfilá utshuvá utsdacá maavirim et rôa haguezerá* – A oração, o retorno ao caminho da *Torá* e a caridade revogam o mal do decreto”.

“*Ani Ledodi Vedodi li* – Eu estou para o meu Amado (D’us) e meu Amado está para mim” representa a oração.

“*Umal Hashem Elokecha et levavechá veet levav zar’echa* – E circuncidará *Hashem*, teu D’us, o teu coração e o coração de tua descendência” representa a *teshuvá*.

“*Umishloach manot ish lereêhu umatanot laevyonim* – e de se enviar porções uns aos outros e presentes aos pobres” representa a *tsedacá*.

Analisemos agora o quinto *rashê tevot* que forma a palavra *elul*. Ele está em *Parashat Mishpatim*. Lá a *Torá* narra

sobre o *rotseach bishgagá* – alguém que infelizmente matou seu semelhante de forma involuntária. A passagem que forma o acrônimo *elul* é (*Shemot* 21:13): “*Vehaelokim iná leyadó yessanti lechá macom...* – E D’us lhe destinou (que o homem seja morto) por sua mão; Eu lhe assinalarei o lugar...”.

Nesse trecho, a *Torá* trata de alguém que matou sem querer. Embora tenha matado involuntariamente, com certeza havia algum motivo para ter acontecido esta tragédia justo por seu intermédio. O *Talmud (Macot)* ensina que dos Céus desdobram-se situações positivas (méritos) aos merecedores e situações dignas de punição aos pecadores (*megalguelim zechut al yedê zacay vemegalguelim chová al yedê chayav*).

Embora o assassino em questão ter matado sem querer, a *Torá* atesta claramente que “D’us lhe destinou por sua mão”. Trata-se, portanto, de uma situação que praticamente estava preparada para ele. Ele merecia ser o causador da tragédia e o outro merecia morrer.

A *Torá* diz que um parente da vítima – chamado de *goel hadam* – tem direito de matar o assassino involuntário, enquanto ele não fugir para uma cidade abrigo (de refúgio).

Parashat Vaetchanan (Devarim 04:42) menciona sobre estas cidades de refúgio: “*Venás el achat min hearim hael vachay* – e fugirá para uma destas cidades e viverá”.

Com o termo “*vachay* – e viverá”, a *Torá* determina que se dê para este indivíduo condições de vida – tanto físicas quanto espirituais. Por exemplo, se ele tem um *rav*, o *rav* precisa ir junto com ele para a cidade de refúgio. Por conse-

guinte, se o *rav* tem outros discípulos, como é de se esperar, a *yeshivá* toda deve acompanhá-lo. O Rambam escreve que, para aqueles que estão ligados à *chochmá* (sabedoria da *Torá*), sem a *chochmá* elas não são chamadas vivas.

Sob o ponto de vista espiritual, o estudo de *guemará* é tão importante, quanto o pão e a água sob o ponto de vista material. A *Torá* afirma, que devemos encontrar meios para que esse assassino involuntário continue vivendo inclusive espiritualmente – com seu estudo de *Torá*.

O que acontece com um *guer* (um prosélito sem parentes) que foi morto de forma involuntária?

A *guemará* (*San'hedrin*) diz que se estipula um *goel hadam* (vingador) para ele. Mesmo não tendo familiares, o sujeito precisa de alguém que seja seu vingador. Qual o sentido desta determinação?

O *Rav* David (conhecido com *Rav* Deivid *Shelita*, *Rosh Yeshivat Páchad Yitschac* e genro do *Rav* Yitschac Hutner *zt"l*), explica esta questão de forma brilhante.

Ele diz que este assassino, em dimensões normais, não teria mérito de continuar vivendo. A *Torá* afirma que ele pode continuar vivendo apenas em uma nova situação, em uma nova dimensão, nas cidades de refúgio. Todo o tempo que ele estiver fora destas cidades ele pode ser morto pelo *goel hadam*.

Sendo assim, entendemos por que se designa um vingador para quem assassinou um prosélito sem parentes. Porque nesse caso, a *Torá* também diz para ele: “Em dimensões normais, você não tem mais o mérito de viver.”

Agora podemos entender qual a ligação destas palavras, cujo *rashê tevot* é *elul* e o próprio mês de *elul*. Podemos fazer uma analogia entre o *báal teshuvá* (quem retorna ao caminho correto da *Torá*) e o assassino involuntário.

O mês de *elul* é a época mais apropriada para a *teshuvá*. O acrônimo “*elul*” nas palavras “*iná leyadô vessamti lechá*” nos ensina que existe uma ligação entre o assassino involuntário e o indivíduo que pecou e precisa fazer *teshuvá*.

Há uma passagem conhecida no *Talmud Yerushalmi* (segundo capítulo do Tratado de *Macot*) que se encaixa perfeitamente nos conceitos que estamos analisando.

O *Yerushalmi* cita um versículo do *Tehilim* e disserta a respeito dele: “*Tov veyashar Hashem – Hashem é bom e correto*”. Por que *Hashem* é bom? Porque Ele é correto. Por que Ele é correto? Por que Ele é bom.

A continuação do versículo é: “*al ken yorê chataim badárech* – portanto, mostra o caminho para os pecadores”. *Hashem* é bom e correto, porque Ele mostra o caminho da *teshuvá*.

E qual o castigo do pecador?

A esta questão, a profecia respondeu que a alma que pecou deve morrer. A sabedoria respondeu que o mal deve perseguir o pecador. *Hashem* respondeu: “Que faça *teshuvá* e seja expiado seu pecado”.

Essa é a explicação do *Talmud Yerushalmi* sobre o versículo do *Tehilim* que afirma, que *Hashem* é bom e correto, porque mostra o caminho para os pecadores; porque Ele mos-

tra aos pecadores o caminho da *teshuvá*.

Por acaso a profecia e a sabedoria são ruins? Elas querem que o sujeito morra ou seja perseguido pelo mal? Por que somente o Todo-Poderoso pode mostrar o caminho da *teshuvá*?

Se eu estou devendo dinheiro para alguém, um terceiro não pode perdoar minha dívida. Ele não tem o direito de fazê-lo. O mesmo acontece em relação à profecia e à sabedoria. Elas respondem com naturalidade e objetividade. Elas não têm o direito de desculpar o sujeito, por que não foi para elas que ele pecou.

Hashem, Que é bom e correto, pode responder: “Que faça *teshuvá* e seja expiado seu pecado”.

É como se eu pedisse a um amigo um tempo a mais, para pagar uma dívida que não posso quitar hoje. Somente ele pode responder: “Tudo bem, eu lhe concedo mais um tempo”.

Assim faz *Hashem*. Ele prolonga o prazo.

Nós pedimos para *Hashem*: “*Zochrênu lechayim, Mêlech chafets bachayim, cotvênu bessêfer chayim Lemaanach Elokim chayim* – Lembra-nos para a vida, Rei Que deseja a vida; escreve-nos no livro da vida, por Tua causa, ó D’us vivo”. Nós pedimos para *Hashem* vida para viver por Sua causa, para fazer *teshuvá*. Pedimos mais uma chance para *Hashem*. Ele responde: “Tudo bem, você tem mais um ano. Até o próximo *Rosh Hashaná* você tem um crédito para Me pagar, para fazer *teshuvá*.”

A dissertação do *Talmud Yerushalmi* sobre o versículo do

Tehilim “*Hashem* é bom e correto, por isso mostra o caminho para os pecadores” está no Tratado de *Macot*. Algumas linhas antes, está escrito que, no caminho das cidades de refúgio, havia sinalizações com flechas indicando o caminho mais rápido para as cidades de refúgio – para que o assassino involuntário pudesse fugir do vingador.

Estas indicações no caminho do assassino involuntário também se encaixam no versículo: “por isso mostra o caminho para os pecadores”.

O sábio Ritbaz comenta: “Por que entrou esta questão da *teshuvá* no tratado de *Macot*, justamente no capítulo que trata de quem mata de forma involuntária? Porque antes estava escrito “*miclat miclat* – refúgio refúgio”, e a *teshuvá* nada mais é do que *miclat*, um refúgio para o indivíduo que pecou.

Depois desta análise do *Talmud Yerushalmi* e do comentário do Ritbaz, podemos entender qual é a relação do quinto passuc, que forma o acrônimo *elul*, sobre o assassino involuntário, e o próprio mês de *elul*.

Este passuc transmite a comovente lição, de que o indivíduo que pecou, está em uma situação análoga à do assassino involuntário. A única escapatória para o assassino é a cidade de refúgio, e a única saída para o indivíduo que pecou é a *teshuvá*. *Elul* é a época mais apropriada para a *teshuvá*, e devemos aproveitar a bondade de D’us, Que nos mostra esta opção de fuga.

A *guemará* em *Pessachim* menciona, que algumas coisas foram criadas antes da Criação do mundo. Uma delas é a *teshuvá*. Isso significa, que a *teshuvá* também é uma vida em

outra dimensão. Em dimensões normais o pecador não tem mérito para viver. Por isso a profecia e a sabedoria disseram o que disseram.

Quem revelou o segredo da *teshuvá*? O Criador! Ele disse: “A solução do pecador é fazer *teshuvá* e ser expiado”. Ele revelou, que o pecador tem a chance de viver em uma nova dimensão. A *teshuvá* foi criada antes do mundo e está, portanto, acima da natureza.

No início do *Shaarê Teshuvá*, o *Rabênu Yoná* escreve em relação à *teshuvá*: “Dentre as benfeitorias que o Todo-Poderoso fez com as Suas criaturas, Ele preparou o caminho para as pessoas se elevarem de suas atitudes vulgares e banais e fugirem de seus pecados.”

Portanto, a *teshuvá* é uma fuga. Não uma fuga de nós mesmos; isso seria grave!

A *guemará* escreve sobre o versículo “*Lô yihyê bechá el zar* – Não tenha um deus estranho dentro de você”: “Quem é esse ‘deus estranho’ dentro da pessoa? É o *yêtser hará* – o mau instinto.”

Sendo assim, quando nós não somos nós mesmos? Quando pecamos. E quando voltamos a ser nós mesmos? Quando fazemos *teshuvá*.

Portanto, a *teshuvá* é uma fuga. Mas não de nós. Pelo contrário, é uma volta para nós mesmos.

Estes comentários da *guemará* e do *Rabênu Yoná* sobre a *teshuvá* complementam perfeitamente a dissertação do *Talmud Yerushalmi*. Agora temos uma visão muito clara da relação

que existe entre o assassino involuntário e a *teshuvá*, que deve ser realizada em *elul*. Da mesma forma que alguém, que matou involuntariamente, só tem possibilidade de vida numa dimensão diferente – fugindo para as cidades de refúgio – o pecador também precisa de uma dimensão diferente para viver, a *teshuvá*, a única chance de fuga para retornar ao caminho da *Torá*.

Continuando neste raciocínio (de que a *teshuvá* é uma fuga que traz quem pecou de volta para perto de *Hashem*), a *guemará* (*Menachot* 29) faz uma análise de algumas letras do *álef-bê*t, que *Hashem* escolheu para escrever Sua *Torá*. Lá, a *guemará* explica, que *Hashem* criou este mundo com a letra *hê* e o Mundo Vindouro com a letra *yod*. A *guemará* continua analisando a letra *hê*: “Por que este mundo foi criado com a letra *hê*? Porque esta letra se parece com um corredor. Todo aquele que quiser, pode sair.” Sobre isso, Rashi explica: “Sair para onde? *Chas veshalom*, para o mau caminho.” O indivíduo tem o livre arbítrio para fazê-lo.

Depois, a *guemará* responde a outras duas questões. Por que há uma abertura pequena em cima da letra *hê*? Este é o corredor de volta para aquele que saiu por baixo, se quiser retornar para o bom caminho, pois não existe a possibilidade de voltar pelo mesmo corredor que saiu.

Toda essa dissertação representa conceitos profundos e o fato de não poder voltar pelo mesmo corredor que saiu, parece obscuro em uma primeira análise. Todavia há uma explicação admirável citada pelo *Rav Eliyáhu E. Desler* em nome do livro *Menorat Hamaor*. Antes de citá-la, porém, é necessário lem-

brar de um exemplo do *Midrash Cohêlet Rabá*, mencionado no livro *Shaarê Teshuvá* do *Rabênu Yoná*.

Logo no início do *Shaarê Teshuvá*, *Rabênu Yoná* diz que os pecados de alguém que tarda em fazer *teshuvá* pesam mais a cada dia. Ele traz um exemplo do *midrash Cohêlet Rabá*.

“Um grupo de marginais foi preso pelo governo. Na prisão, fizeram um túnel e escaparam. Mas um deles ficou, embora pudesse ter fugido junto.

“De manhã, o chefe da prisão encontrou o sujeito sozinho ao lado do túnel. Bateu nele e disse: ‘Infeliz! Você tem um túnel aberto e não foge para salvar sua vida?!’”

Rabênu Yoná compara este sujeito com alguém que tem condições plenas de fazer *teshuvá*.

Este alguém somos nós. As portas da *teshuvá* estão abertas. Basta lembrar, que perguntaram a *Hashem* o que deve acontecer com alguém que pecou e Ele respondeu: “Que faça *teshuvá* e seja expiado seu pecado”.

Agora podemos trazer a explicação do *Rav Desler* sobre a pequena abertura da letra *hê* citada pela *guemará*.

O *Rav Desler* pergunta se existe alguma relação entre esta *guemará* e o exemplo do túnel e responde – em nome do livro *Menorat Hamaor* – que sim.

Na *guemará* consta que, para fazer *teshuvá*, o indivíduo precisa voltar pelo vão pequeno da letra *hê* e não pelo corredor grande. Por quê? Porque há muitos promotores Celestiais acusando o indivíduo que está fazendo *teshuvá*, lembrando seus pecados cometidos. As acusações são muito consistentes, in-

dicando que D'us não deve recebê-lo de volta. Consta que *Hashem* então faz um túnel embaixo de seu Trono Celestial para receber o *báal teshuvá*.

Qual é este túnel? É a abertura do *hê*! Como o *báal teshuvá* não pode voltar pelo mesmo caminho, repleto de acusadores, é necessário que *Hashem* o esconda para recebê-lo.

Assim, logramos o entendimento da *guemará* em *Massêchet Menachot*.

Sobre todo esse pensamento, *Rav Desler* acrescenta um outro conceito. Ele diz que também podemos verificar o quanto a discrição, de uma forma geral, é importante. Até o Todopoderoso se conduz com discrição, escondendo o *báal teshuvá* dos promotores. Portanto, esta característica é fundamental, especialmente para aquele que faz *teshuvá*.

É interessante notar que, quando falamos de “*báal teshuvá*”, pela cabeça de muitos de nós, ele parece um indivíduo muito distante. Então é uma grande *mitsvá* procurá-lo e trazê-lo de volta ao caminho da *Torá*. Certamente isso é verdade. Mas quando o *báal teshuvá* é mencionado, não é somente a ele que nos referimos, mas a todos nós.

Qualquer distanciamento nosso da *Torá* e das *mitsvot*, faz com que precisemos fazer *teshuvá* e, portanto, sermos chamados também de *baalê teshuvá*.

O REI PASSEIA NO CAMPO

O terceiro capítulo de “*Cohêlet*” inicia com o seguinte versículo: “Cada coisa no mundo tem o seu determinado tempo.” O dia está dividido entre noite e dia, e o ano, em diferentes estações. A chuva e o sol, por exemplo, somente são convenientes, quando acontecem na ocasião apropriada.

No âmbito espiritual, muitas *mitsvot* também possuem um momento específico para serem realizadas. Comemos *matsá* em *Pêssach*, no mês de *nissan*, e sentamos na *sucá* em *Sucot* no mês de *tishri*. Até mesmo as *mitsvot* que são cumpridas diariamente têm o seu tempo certo, como os *corbanot*, que só podiam ser feitos até o meio do dia na época do Templo Sagrado. A recitação das orações do *Shemá* e da *Amidá* têm, da mesma forma, o seu período apropriado no dia.

Portanto, quando uma *mitsvá* possui determinado período estipulado para o seu cumprimento, somente aquele tempo é capaz de elevá-la a altos níveis espirituais. Se essa mesma *mitsvá* for realizada em outro tempo, não surtirá este efeito.

Nossos sábios explicam que os 40 dias que se iniciam no primeiro dia do mês de *elul* e terminam no dia de *Yom Kipur* são

chamados de “*yemê ratson verachamim*” – dias de boa vontade e piedade. Estes dias são propícios para a *teshuvá* – o arrependimento e o retorno ao caminho correto. Para enfatizar a importância da *teshuvá* nestes dias, nossos sábios fizeram uma analogia entre a relação das pessoas para com D’us e a relação dos súditos para com um rei passeando no campo – “*Hamêlech bassadê*”. Assim como um rei é mais acessível quando está passeando no campo, D’us está mais acessível, mais apto a aceitar a nossa *teshuvá*, neste período. Nestes dias, D’us fica “esperando” que o povo O procure e faça *teshuvá*.

Há um conceito muito importante que é indispensável no processo da *teshuvá*. É o fato de que as pessoas sempre podem consertar suas atitudes e passar a se comportar de outra forma, mais adequada. Isto depende de um trabalho interior voltado às qualidades de cada indivíduo.

Não é correto alguém afirmar que já está acostumado com determinada rotina, que já possui uma personalidade formada e que não conseguiria mais alterá-las. É necessário, isso sim, um esforço no sentido do aperfeiçoamento de suas características; principalmente no mês de *elul*, quando há uma “*segulá*”, uma garantia Divina, de que a força do mal é mais facilmente dominada pela força do bem. Neste período, o *yêtser hatov* – o bom instinto dentro de nós – tem mais força que o *yêtser hará* – o mau instinto. Isso torna propícia uma mudança de comportamento para chegar no Dia do Julgamento em um elevado nível espiritual de *teshuvá* e com grandes méritos.

No livro “*Chayê Adam*” (início de *Hilchot Rosh Hasha-*

ná, clal 138) consta que, por amar tanto o Povo de Israel, o Todo-Poderoso sempre gostou de fazer bondades conosco. Assim, quando alguém faz um pecado, em qualquer dia do ano, pode imediatamente arrepender-se, fazer *teshuvá*, e ser perdoado. Ainda assim, os 40 dias que antecedem o *Yom Kipur* são especiais e mais oportunos para que a *teshuvá* seja aceita. De onde provém o poder deste período para que seja tão especial para a *teshuvá*?

O livro “*Pirkê Derabi Eliêzer*” responde a isso: Depois que as Tábuas da Lei foram quebradas, no dia 17 de *Tamuz*, Moshê subiu novamente ao Monte Sinai e rezou 40 dias para que D’us perdoasse o pecado do povo. Depois disso, Moshê subiu ao *Har Sinay* pela terceira vez, no dia de *Rosh Chôdesh Elul*, e rezou mais 40 dias para trazer as novas tábuas. O dia no qual o Todo-Poderoso aceitou as orações de Moshê *Rabênu*, perdoou definitivamente o povo e entregou as novas Tábuas da Lei foi o *Yom Kipur*. Por isso a importância destes 40 dias que precedem o *Yom Kipur*.

O livro “*Nôam Siach*” traz um interessante comentário sobre este período. O autor traz (pág. 65) em nome de seu pai, o *Rav Aharon Kotler zt”l*, que estes dias são especiais para a formação espiritual do homem. Da mesma forma que um feto, na barriga da mãe, passa por um processo fundamental de formação do seu corpo, nós passamos por um processo de formação espiritual nestes dias.

No caso do feto, um pequeno lapso que ocorra nestes dias de formação, pode provocar danos físicos bem maiores no

futuro. O mês de *elul* é um mês no qual a parte espiritual do indivíduo se consolida. Se este processo não for firme e estável, se não houver uma elevação espiritual contínua, a parte espiritual do indivíduo pode resultar abalada. Para que esta fique completa, nestes 40 dias não pode haver nenhuma interrupção e desvio de atenção no caminho da elevação espiritual.

O livro “*Nôam Siach*” traz ainda o comentário do “*Messilat Yesharim*” (cap. 25) sobre o “*hessêach hadáat*” – o desvio de atenção. Com o *hessêach hadáat* é muito difícil que o indivíduo consiga adquirir a *yir’at shamáyim* (o temor a D’us) necessária. Isso pode acontecer, porque ele está ocupado em seu dia-a-dia, ou mesmo de forma propositada, desviando intencionalmente sua atenção das coisas espirituais.

Na *Torá* consta, que o rei de Israel tem a obrigação de levar sempre consigo um *Sêfer Torá* – “*vehayetá imô*” – e estará consigo. Sobre isso, a *guemará* (*San’hedrin* 21b) questiona, se ele deve levar o livro da *Torá* também ao banheiro ou à casa de banho. A *guemará* responde então, que o rei só pode levar o *Sêfer Torá* a lugares onde possa estudá-lo também. Sendo assim, fica proibido entrar no banheiro com ele.

O livro “*Sichot Mussar*” comenta este trecho da *guemará*. O autor explica, que a dúvida inicial, se é necessário que o rei leve a *Torá* até mesmo ao banheiro, provém do conceito básico tratado anteriormente: de que não deve haver nenhuma interrupção para se conseguir alcançar o temor a D’us. A sabedoria e o parecer da *Torá* devem acompanhar o indivíduo a todos os lugares.

Podemos encontrar vários exemplos na *Torá* e na *guemará*, que demonstram a necessidade do esforço constante para se alcançar um elevado nível de *yir'at shamáyim* – o temor a D'us.

Tanto Avraham *Avinu* quanto Sará *Imênu* se esforçaram continuamente, durante todos os anos de suas vidas, para atingirem um nível espiritual elevado e ficarem longe dos pecados. No versículo que conta que Sará viveu 127 anos (*Bereshit* 23:1), a *Torá* repete a palavra “*shaná*” (*meá shaná veesrim shaná vesheva shanim*). Rashi explica, que a *Torá* quer transmitir a idéia de que, assim como ela não possuía pecados aos 20 anos, também não possuía com 100 anos. Segundo esse aspecto, ela continuava no mesmo nível. Rashi explica também que a passagem “*shenê chayê Sará*” refere-se ao fato de que todos os anos da vida de Sará foram “igualmente bons”.

Analogamente, quando a *Torá* que relata que Avraham *Avinu* viveu 175 anos, o comentarista Rashi explica que “Com 100 anos de idade estava no mesmo nível de quando tinha 70, e quando tinha 70 anos estava no mesmo nível de quando tinha cinco”.

Na *guemará* também observamos uma dedicação constante, por parte dos nossos sábios, para atingirem um elevado nível de temor a D'us.

Rabi Akiva, por exemplo, estudou ininterruptamente 24 anos no *bêt midrash* – o centro de estudos. Depois dos primeiros 12 anos de estudos, ele voltou para sua casa. Quando se aproximava de casa, ouviu sua esposa comentando com uma amiga que, se ela pudesse, diria a seu marido que ficasse mais

12 anos estudando. Ao ouvir isso, *Rabi Akiva* nem entrou em sua casa, voltou ao *bêt midrash* e estudou por mais 12 anos. Pergunta-se: por que *Rabi Akiva* nem entrou em casa para conversar com sua esposa? A resposta está no conceito da importância de uma elevação espiritual contínua e ininterrupta. Para o sábio, 12 anos de estudos, um dia de interrupção e mais 12 anos não equivaleriam aos 24 anos de estudos contínuos. O nível que ele almejava só seria atingido com anos de estudos sem interrupção.

Portanto, o *hessêach hadáat* – o desvio de atenção – atrapalha a aquisição do temor a D’us. Este deve ser algo completo e contínuo, como um bloco compacto. Assim também, a elevação espiritual do mês de *elul* deve formar um bloco, até o final de *Yom Kipur*.

O “*Sichot Mussar*” explica também, que há um outro problema do *hessêach hadáat* – o desvio de atenção. Ele enfraquece o efeito das *mitsvot*. Quando um indivíduo tem a possibilidade de cumprir uma *mitsvá*, mas desvia sua atenção do objetivo e não a executa imediatamente, é prejudicial na busca da elevação espiritual. O autor traz uma passagem do *Talmud* (*Ketubot* 62b) condizente com este princípio:

Rabi Shim’on Bar Yochay, na ocasião de seu casamento, pediu a seu amigo, *Rabi Chananyá Ben Hachinay*, que o esperasse até o final dos sete dias de festividades – chamados de “*sheva berachot*” – para irem juntos estudar no *bêt midrash*. *Rabi Chananyá* esperou *Rabi Shim’on Bar Yochay* por três ou quatro dias, mas depois disso não esperou mais e foi estudar

durante doze anos no *bêt midrash*.

A pergunta imediata que surge é: por que *Rabi Chananyá Ben Hachinay* não esperou mais três dias? Que diferença faria postergar três dias dos doze anos de estudos?

O “*Sichot Mussar*” continua explicando, que quando um indivíduo assume uma boa decisão, deve executá-la imediatamente. Não deve nem mesmo esperar poucos dias. Assim, *Rabi Chananyá* decidiu que era preferível realizar, sem mais delongas, sua decisão de ir estudar no *bêt midrash*, mesmo sabendo, que perderia a oportunidade de ter um *chavruta* – um companheiro de estudos – do porte do grande sábio *Rabi Shim'on Bar Yochay*.

Se um indivíduo decide cumprir uma *mitsvá*, mas não a realiza imediatamente, quando ela for cumprida não terá a mesma força. O ato deve suceder imediatamente a decisão.

Os 40 dias, desde o primeiro dia do mês de *elul* até *Yom Kipur*, são especiais para a *teshuvá*. Devemos aproveitá-los para alcançar uma elevação espiritual contínua e sem desvios de atenção. Segundo os conceitos judaicos, sempre é possível efetuar uma mudança de comportamento e de características. Além disso, para alcançarmos o melhor efeito de cada *mitsvá*, é importante ter em mente a necessidade de concluir seu cumprimento, assim que tomarmos a decisão positiva.

ROUPAS LIMPAS

Como apresentar-se nos *yamim noraim* sem “manchas nas roupas”.

Consta na *Meguilat Ester* (4:2) a seguinte passagem: “*Vayavô ad lifnê sháar hamêlech, ki en lavô el sháar hamêlech bilvush sac* – E veio Mordechay até a frente do portão do rei, mas não se deve ir ao portão do rei com roupas de saco (de luto)”.

Sabe-se que em toda *Meguilat Ester* não figura o nome de D’us, mas os versículos que trazem “*hamêlech*” – o rei – referem-se diretamente ao Todo-Poderoso. Sendo assim, conforme comentários de nossos sábios, este versículo, mencionando que não se deve ir ao portão do rei (*hamêlech*) com vestimentas de saco, deve ser explicado de uma forma mais profunda. Ele transmite o conceito de que não se deve chegar aos dias próximos de *Rosh Hashaná* e *Yom Kipur* (o mês de *elul* e os 10 dias de *Rosh Hashaná* até *Yom Kipur*) com “roupas sujas”.

Os dias do mês de *Elul* e *Assêret Yemê Teshuvá* (os Dez dias de Penitência – de *Rosh Hashaná* até *Yom Kipur*) são

dias em que o Criador está mais próximo de nós. Isso exige de nós uma apresentação diferente perante Ele. Da mesma forma que temos vestimentas para nosso corpo e zelamos para que estejam sempre limpas, principalmente em ocasiões especiais, temos também nossa vestimenta espiritual. Nossos sábios ensinam que nossa *neshamá* (alma) tem suas vestes, que são o cumprimento das *mitsvot* e o estudo da *Torá*. É muito importante manter estas vestimentas limpas continuamente, ou seja, sem pecados, e mais ainda nestes dias que precedem os *Yamim Noraim* – os Dias Temíveis.

O livro “*Or Yisrael*” do Rabino Yisrael Salanter *zt”l*, traz que, em tempos passados, os judeus estremeciam ao ouvir falar que se aproximava o mês de *elul*. Era tal o efeito, que eles sentiam a necessidade de se aproximar de D’us, de sua *Torá* e de suas *mitsvot*, cada um de acordo com seu nível. Percebiam que se haviam distanciado do Criador durante o ano e que a única forma de se reaproximarem Dele, era se protegendo mediante o estudo da *Torá* e do cumprimento das *mitsvot*.

O profeta Yeshayá (58:06) escreve: “*Halô zê tsom evcharêhu pateach chartsubot resha hater agudot motá... – o jejum escolhido por D’us é aquele no qual se desata o nó dos pecados*”. Quando os pecados se excedem, são comparados a uma corda com muitos nós. É preciso desatar os pecados amarrados durante o ano. Este trabalho deve ser feito principalmente quando se aproximam os *Yamim Noraim* – *Rosh Hashaná* e *Yom Kipur*. Para isso, o Criador nos deu o mês de *elul*, chamado de *chôdesh harachamim*, o mês da piedade, quando temos

uma oportunidade especial de cancelarmos nossos pecados por meio da *teshuvá* – o arrependimento.

O Rei Shelomô escreve “*al tirshá harbê* – não faça muitos males”. Não precisaríamos do auxílio da sabedoria do Rei Shelomô, considerado o homem mais sábio da Terra, para nos dar um conselho aparentemente tão simples. O Rabino Natan Meir Wachtfoigel nos diz, que Shelomô *Hamelêch* pretendia nos transmitir, que quando repetimos o pecado seguidas vezes, ele passa a ser encarado de forma diferente. Não será apenas um pecado, mas será encarado agora como “*harbê* – muito”.

Mesmo que esse pecado seja enquadrado entre os pecados menos graves da *Torá*, pelo fato de ter sido repetido inúmeras vezes, passa a ser considerado grave. Por exemplo: um pecado proveniente de más qualidades, já que é também a origem de outros males, é considerado um pecado de “*harbê*”. Cabe a nós, portanto, neste período de *elul*, refletirmos sobre essa situação e desatar os nós dos pecados, para que saíamos desta situação de “*harbê*”.

De uma forma geral, o que faz com que uma *mitsvá* (preceito) tenha um valor superior, ou que uma *averá* (transgressão) tenha um valor grande?

Com relação às *mitsvot*, nossos sábios nos disseram no *Pirkê Avot*: “*Lepum tsaará agrá*” – Conforme o esforço feito para se fazer a *mitsvá*, assim é sua recompensa. A recompensa não é a mesma para alguém que estuda *Torá* em uma determinada hora, quando está tranqüilo, sem preocupações ou incômodos, e em outro momento, agitado e com muitas

preocupações. Quando o indivíduo faz um esforço para vencer sua natureza e concentra-se no estudo da *Torá*, sua recompensa é muito maior, do que quando estudou ao estar sossegado.

É assim também com relação ao pecado. De qualquer forma, existe punição para todos os pecados. No entanto, essa punição varia de acordo com as circunstâncias que levaram à transgressão. Existe uma grande diferença entre o indivíduo que peca – mas poderia ter evitado facilmente este procedimento errado – para quando as circunstâncias eram tais que seria muito difícil evitar a transgressão. Assim também, há uma diferença no caso de praticar o pecado com remorso por estar agindo desse modo. O fato de fazê-lo com remorso diminui sua gravidade.

Da mesma forma, se as circunstâncias dificultam evitar o pecado e, mesmo assim, o indivíduo emprega todas as forças para não cair no erro, a recompensa será maior do que simplesmente se tivesse de evitá-lo em circunstâncias normais.

O Rabino Chayim Vital *zt”l*, em seu livro “*Shaarê Kedushá*”, nos dá um conselho decisivo para cumprirmos as *mitsvot* da *Torá* e para evitarmos sua transgressão. Ele diz que devemos trabalhar nosso interior e nos esforçar para adquirir virtudes. Isso já é uma parte importante para a preservação das *mitsvot* e evitar transgredi-las.

Seguindo essas recomendações, estaremos devidamente preparados para nos apresentar perante o Rei com “roupas limpas”.

A TESHUVÁ

UMA BONDADE DIVINA

A *Torá* não esconde os pecados cometidos pelo Povo de Israel. Pelo contrário; faz questão que aprendamos com eles.

Em *Avodá Zará* (4b), *Rabi Yochanan* diz em nome de *Rabi Shim'on Bar Yochay*: “Nem o Rei David, nem o Povo de Israel estavam em nível de pecar – o Rei David com Bat Sheva e o Povo de Israel com o bezerro de ouro. Mas pecaram para demonstrar às futuras gerações que existe a *teshuvá* – o Rei David, para ensinar ao indivíduo e o Povo de Israel, para ensinar ao público.”

Rashi explica esta passagem, dizendo que o Povo de Israel, na ocasião, era composto por *tsadikim* – homens justos – que dominavam o seu *yêtsér hará* – o mau instinto. No entanto, naquele momento D'us decretou que este *yêtsér hará* os dominasse. Isso para que, no futuro, se o povo pecasse e achasse que não haveria mais conserto, aprendesse uma grande lição: a possibilidade de fazer *teshuvá* – voltar atrás, confessando seus pecados ao Criador, arrependendo-se dos erros come-

tidos e comprometendo-se em não repeti-los no futuro. O Povo de Israel como o Rei David fizeram *teshuvá* e foram perdoados, para que cada indivíduo em particular e o povo em geral soubessem que podem – e devem – fazer *teshuvá* por seus pecados.

O Maharshá explica esse trecho da *guemará* da seguinte forma: sabemos que o homem escolhe o seu caminho – para o bem ou não. Além disso, *badêrech sheadam rotsê lelech, báh molichin otô – no caminho que o homem deseja seguir, os Céus o conduzem (Macot 10b)*. Neste contexto, está escrito também (*Shir Hashirim Rabá* 5:3): “E falou o Todo-Poderoso para Israel: ‘Meus filhos, abram para Mim uma abertura de *teshuvá* como a ponta de uma agulha e Eu abrirei para vocês aberturas pelas quais carruagens e vagões possam passar.’” Segundo o Maharshá, então, certamente o povo e o Rei David desejavam seguir o caminho correto e recebiam esta ajuda dos Céus. No entanto, nos referidos acontecimentos, D’us cortou esta ajuda. Isso os levou a errar, para ensinar que existe a *teshuvá* para todos.

Com relação a David *Hamêlech*, a *guemará (Shabat)* diz que não devemos incriminá-lo.

No Tratado de *Pessachim* (54a), a *guemará* diz que D’us criou sete coisas antes da Criação do Mundo. Uma delas é a *teshuvá*. O livro “*Mipicudecha Etbonan*” explica o que há de tão especial na *teshuvá* para ter sido criada antes mesmo da Criação do Mundo:

Eventualmente, qualquer um pode vir a pecar. Mesmo os

mais justos pecam em certas circunstâncias de suas vidas. O mais grave, porém, é praticar um pecado constantemente, persistindo no erro. Quando um *yehudi* peca freqüentemente, contrariando a vontade do Todo-Poderoso, ele fica tão envolvido pelo pecado que, naturalmente, não consegue desvincular-se dessa má conduta. O pecado passa a fazer parte de sua natureza, como um vício. Por isso, fez-se mister uma obra com poderes sobrenaturais, desvinculada de toda a Criação, que pudesse salvar o homem.

Esse livro traz ainda, em nome do *Rabênu Yoná*, na introdução do capítulo “*Shaarê Teshuvá*”, que D’us proporcionou uma grande bondade aos seres humanos, criando uma “porta aberta” para o homem abandonar o caminho errado. Se não fosse esta benevolência, o homem permaneceria sempre envolto pelos seus erros, como dizem nossos sábios: “O pecado encobre o *yehudi*”.

Vimos que D’us alterou o percurso natural dos acontecimentos com o Rei David e com o Povo de Israel, com o intuito de transmitir-nos a possibilidade de fazer *teshuvá*. Além de aprender sobre o poder da *teshuvá*, podemos deduzir outra grande lição: que os acontecimentos e os atos relacionados com um indivíduo influenciam os demais. Ou seja, algo que acontece a um, pode servir de lição e exemplo para outros. Portanto, devemos tomar cuidado com nossas atitudes, já que outras pessoas poderão ser influenciadas ao nos observarem.

Quando um *yehudi* é considerado um indivíduo justo e temente a D’us e é tomado como exemplo por outros, será

cobrado por suas atitudes, já que poderá exercer influência sobre outras pessoas.

Portanto, mesmo que alguém não se considere um “modelo”, é importante a forma como ele é visto pelos outros. Temos conhecimento do quanto é grave o pecado de *chilul Hashem* – profanar o nome de D’us com um mau exemplo. Nossas atitudes não devem desmerecer nosso *status* como *yehudim*. Assim, segundo os conceitos judaicos, é totalmente incorreto pensar: “Eu não ligo para o que os outros possam pensar de mim!”

Neste contexto, por exemplo, os indivíduos que conversam durante as orações, que chegam atrasados nos *shiurim*, que raramente comparecem à sinagoga, ou as senhoras que não se vestem de maneira recatada, devem reconsiderar suas atitudes também pela má influência que causam ao próximo.

A *guemará* (*Yomá* 86a) nos ensina o quanto o *yehudi* deve ser responsável por seus atos. Sobre quem estuda *Torá*, mas não é cortês com o próximo, ou não se conduz honestamente em seus negócios, consta que as pessoas ao seu redor comentam: “Coitado deste homem que, apesar de conhecer os valores da *Torá*, age assim”.

Conclui-se, portanto, que ao errar, um indivíduo não somente prejudica a si próprio, mas também aos que o rodeiam. Cada um está vinculado à sociedade e cada ato que se pratica, por menor que seja, pode influenciar terceiros.

A *guemará* (*Menachot* 29b) cita outro trecho a respeito da eterna possibilidade da *teshuvá*:

Na *Torá* (*Bereshit* 2:1) está escrito: *Estas são as origens dos Céus e da Terra ao serem criados*. Rabi Yehudá diz: “Não leia ‘*behibaream*’ (ao serem criados), mas sim ‘*behê beraám*’ (foram criados com ‘*hê*’)”, ou seja: assim como a letra *hê* [ה] parece um pátio com uma porta sempre aberta, em nosso mundo sempre há uma “porta aberta” por onde as pessoas podem sair do caminho correto.

A *guemará* continua este raciocínio, explicando que, além da grande “porta” embaixo da letra *hê*, existe uma pequena separação entre a perna esquerda e a parte superior da letra: [ה], para ensinar que há também uma porta ao lado para os que quiserem retornar ao caminho da *Torá*. Segundo a *guemará*, não seria possível aos que saíram, retornar pela mesma porta, devido a um impedimento natural. Conforme mencionamos, por pecar freqüentemente, o indivíduo fica tão envolvido pelo pecado que, naturalmente, não consegue libertar-se desta má conduta. Assim, há a necessidade de uma ajuda especial, uma “porta adicional”, próxima ao Eterno, que se mantém permanentemente aberta para acolher os *baalê teshuvá*.

A TESHUVÁ

A *mishná*, no tratado de *Rosh Hashaná* (1:2), cita: “*Berosh Hashaná col baê olam ovrin lefanav kivnê maron*”, ou seja, que em *Rosh Hashaná* todos os seres passam diante de *D’us* como “*benê maron*”. A *guemará* (18a) traz três explicações para esta expressão:

1. Como o rebanho que o pastor conta para tirar o dízimo – neste caso, os animais são forçados a passar, um a um, por uma porta estreita (Rashi).

2. Resh Lakish diz que é como o caminho de *Bêt Maron* que, por ser muito estreito, não permitia que duas pessoas passassem juntas, para não caírem nos vales (Rashi).

3. *Rav Yehuda*, em nome de Shemuel, diz que “*benê maron*” significa como os soldados do exército do Rei David, que eram contados um a um, antes de saírem para a guerra.

Portanto, conforme todas as explicações, em *Rosh Hashaná*, no Dia do Julgamento, cada um de nós passa sozinho diante do Todo-Poderoso. Raba *Bar Bar Chaná* explica que, apesar disso, o veredicto de todos é decretado de uma só vez.

O livro “*Cochevê Or*”, do Rabino Yitschac Blazer, indaga

por que *Hashem* avalia um a um de *Am Yisrael*. Não poderia D’us analisar todos de uma vez? Por acaso Ele não conhece todos os pecados das pessoas mesmo antes do julgamento? Por acaso, ao julgar cada *yehudi*, D’us vai ficando cada vez mais furioso? O rabino explica, que o Todo-Poderoso quis fazer o Julgamento Celestial tal qual o julgamento terrestre. D’us quer que cada *yehudi*, particularmente, preocupe-se em “procurá-Lo”, arrependendo-se de seus erros e fazendo *teshuvá* o quanto antes. Assim, apressando-se em retornar ao caminho correto, será beneficiado; assim como em um julgamento terrestre: quando o juiz ainda não ouviu os transgressores, ele está mais calmo.

No livro “*Shaarê Teshuvá*” (1:3), consta que o atraso em fazer a *teshuvá* é característica dos “*amê haárets*” que “dormem”, sem a percepção e agilidade para “despertar”.

Sobre não demorar a retornar ao caminho correto, a *guemará* (*Berachot* 19a) diz que se alguém vê um *talmid chacham* – um estudioso da *Torá* – fazendo um pecado à noite, não deve, na manhã seguinte, fazer deduções, pois, certamente, já fez *teshuvá*.

Porque este mandamento que Eu hoje te ordeno, não te é encoberto nem está longe de ti. Não está nos Céus para dizeres: “Quem subirá por nós aos Céus para nos trazê-lo e fazer-nos ouvir para que o observemos?” Nem está além do mar para dizeres: “Quem passará por nós além do mar, para nos trazê-lo e fazer-nos ouvir, para que o observemos?” Pois isto está muito perto de ti, na tua boca e no teu

coração, para que o observes (Devarim 30:11-14).

Rashi, baseado no Tratado de *Eruvin* 55a, explica que a expressão “não está nos Céus” quer nos ensinar que: mesmo que a *Torá* estivesse “nos Céus”, deveríamos ir buscá-la.

O *Rav Shelomô Brevda*, em seu livro “*Yemê Ratson*”, traz um comentário sobre estes *pessukim*, relatado no livro “*Toledot Haadam*”:

Certa vez, o *Gaon Rabi Shelomô Zalman Mivolodjin zt"l* queria estudar um livro que estava atrás de uma pesada estante. Para movê-la, seriam necessários três homens. O sábio, entretanto, estava sozinho e começou a recitar o versículo citado anteriormente – “Não está nos Céus...” – e a explicação citada, que mesmo que estivesse nos Céus, deveríamos buscá-la. Depois de recitar algumas vezes, sentiu-se fortalecido e conseguiu mover a estante sozinho.

Isso nos ensina que, apesar de certas vezes nos parecer que a *Torá* está longe de nós, que é impossível de cumpri-la, se nos esforçarmos e realmente desejarmos, poderemos alcançá-la.

O “*Toledot Haadam*” continua explicando que nas últimas gerações, e principalmente nesta, a dedicação à *Torá* e às *mitsvot* no mês de *elul* está enquadrada nestas “*Bashamáyim hi*”, ou seja, *mitsvot* que parecem impossíveis de serem realizadas.

No mês de *elul* deveríamos nos dedicar à prática das *mitsvot* com mais energia e intensificar a concentração nas orações. O profeta *Yeshayáhu* (29:13-14) relata sobre uma época na qual D’us diz que o povo chegou à situação em que os lábios e a boca pronunciam as orações, mas o coração está distante;

que as *mitsvot* são cumpridas sem nenhuma emoção, sem vivacidade. Por isso, D’us diz ao profeta, que acrescentaria desgraças ao povo e que a sabedoria desapareceria.

Sobre isso, o livro “*Sedê Chêmed*” explica também que, pelo fato de já estarmos acostumados a pronunciar o “*Viduy*” – a oração na qual relatamos nossos erros – duas vezes por dia, não lhe damos a devida importância, nem sequer pensamos nas palavras que pronunciamos.

O mês de *elul* traz uma grande oportunidade para cada um de nós. Está escrito no livro “*Mishnat Rabi Aharon*”, que o mês de *elul* é propício para o *yehudi* adquirir novas forças para subir espiritualmente. Não devemos nos esquecer que sempre que nos acomodamos, as forças negativas tendem a nos rebaixar espiritualmente.

De tudo isso concluimos, portanto, que o mês de *elul* é uma época propícia para repensarmos nossas atitudes; que quanto antes despertarmos, mais queridos seremos aos olhos de *Ha-shem*; e que possuímos um grande potencial interno, nem mesmo imaginado por nós, para alcançar altos níveis espirituais.

O SHOFAR

“Im yitacá shofar beir veam lô yecherádu?!” (Amôs 3:6).

Se o *shofar* for tocado na cidade, as pessoas não estremecerão?!

A *mitsvá* mais importante relacionada com *Rosh Hashaná* é a de ouvirmos o toque do *shofar*, conforme consta na *Torá* (*Vayicrá* 23:24): *“Bachôdesh hashevií beechad lachôdesh yihyê lachem shabaton zichron teruá micrá côdesh”* – No sétimo mês, o primeiro dia do mês será para vós descanso solene, memorial de toque de *shofar*, convocação de santidade.

O Rei David diz sobre o *shofar* (*Tehilim* 81:4-5): *“Tik’u vachôdesh shofar bakesse leyom chaguênu, ki choc Leyisrael hu, mishpat Lelokê Yaacov* – Toquem o *shofar* no mês em que a Lua está coberta (*Rosh Hashaná* cai no início do mês judaico de *tishri*, quando a Lua é nova e está oculta) no dia do nosso *chag*, pois esta *mitsvá* é *choc* (*mitsvá* que desconhecemos seu motivo) para o povo de Israel, porém é *mishpat* (*mitsvá* cujo motivo é conhecido) para o D’us de Israel.” Neste versículo, a expressão *“vachôdesh shofar”* alude a *“chidshu*

maassechem” – renovem suas atitudes.

O Rambam escreve, em *Hilchot Teshuvá* (cap. 3 par. 4), que a *mitsvá* do toque do *shofar* é um decreto do Criador. Porém, ele diz que esta *mitsvá* possui um indício: “*Uru yeshenim mishenatchem venirdamim hakítsu mitardematchem vechipsu bemaassechem vechizru bitshuvá vezichru Boraachem* – Acordai de vosso sono, vós que estais dormindo, e despertai de vossa sonolência, vós que estais cochilando, e buscai em vossos atos e fazei *teshuvá* e lembrai-vos do vosso Criador”. Diz o Rambam, que o versículo se refere aos que acabaram sendo arrastados pelas futilidades da vida, esquecendo a tarefa principal pela qual o ser humano foi enviado para o mundo, que é o cumprimento das *mitsvot* e o estudo da *Torá*.

A *mitsvá* e o som do *shofar*, em sua essência, despertam corações para a *teshuvá*. Por isso, o *Ben Ish Chay*, em seu livro *Adêret Eliyáhu*, diz que combinando as letras da palavra *shofar* (*shin, vav, pê e resh*), podemos obter quatro diferentes palavras, que aludem ao nosso comportamento nesta época do ano e às nossas decisões para o ano que se inicia.

- *Pirshu* (*de lifrosh*, afastar-se) – afastar-se do pecado.

- *Pareshu* (*de lefaresh*, confessar) – confessar o pecado perante o Criador por intermédio do *Viduy*.

- *Pishru* (*de peshará*, conciliação) – a *teshuvá* faz a conciliação entre nós e o Criador.

- *Shipru* (*de leshaper*, melhorar) – o toque do *shofar* nos faz despertar para melhorar nosso comportamento.

Em *Rosh Hashaná*, os toques do *shofar* estão distribuídos da seguinte forma:

Dezoito vezes *tekiá* no início, antes de devolver o *Sêfer Torá* ao *Aron Hacôdesh*, dezoito vezes *tekiá* no *Mussaf Beláchash* e dezoito vezes *tekiá* na *Chazará* do *Mussaf*, perfazendo um total de 54 toques ($3 \times 18 = 54$).

Tocamos seis vezes *shevarim* no início, antes de devolver o *Sêfer Torá* ao *Aron Hacôdesh*, seis vezes *shevarim* no *Mussaf Beláchash* e seis vezes *shevarim* na *Chazará* do *Mussaf*, perfazendo um total de 18 toques ($3 \times 6 = 18$).

Tocamos seis vezes *teruá* no início, antes de devolver o *Sêfer Torá* ao *Aron Hacôdesh*, seis vezes *teruá* no *Mussaf Beláchash* e seis vezes *teruá* na *Chazará* do *Mussaf*, perfazendo um total de 18 toques ($3 \times 6 = 18$).

O versículo diz (*Cohêlet* 7:2): “...*Vehachay yiten el libô* – ...E o vivo dará a seu coração”. Separando a palavra “*hachay*” (o vivo) em duas partes, obtemos: *hê* = 5 e *chet* + *yud* = 18, que se refere às cinco vezes que tocamos dezoito toques. Portanto, ao ouvirmos o som do *shofar*, devemos despertar nossos corações para a *teshuvá*. Assim estaremos captando a verdadeira essência do toque do *shofar*.

Desta maneira, melhorando nossos atos e corrigindo nossos erros, nós nos aproximamos do Criador e de suas *mitsvot*.

A SATISFAÇÃO QUE ACOMPANHA AS MITSVOT

No século XVIII vivia numa pequena cidade próxima à cidade de Vilna, na Lituânia, um grande sábio chamado *Rabi Avraham*, autor do livro “*Maalot Hatorá*”. *Rabi Avraham* era irmão do famoso *Rabi Eliyáhu*, o *Gaon* de Vilna.

As viagens de *Rabi Avraham* para visitar seu irmão na cidade de Vilna eram freqüentes. Em uma dessas viagens, algumas pessoas lhe perguntaram se ele nunca pensara em mudar-se para Vilna, para estar mais próximo do *Gaon Rabi Eliyáhu*. *Rabi Avraham* respondeu que, de fato, certa vez conversara com sua esposa a esse respeito, mas que ela preferia não se mudar.

Intrigadas, essas pessoas foram perguntar para a esposa do *Rabi Avraham*, qual o motivo que não queria se mudar para Vilna. A *rabanit* contou-lhes, que alguns anos antes, perto da festa de *Sucot*, seu marido estava muito preocupado, porque ainda não tinha conseguido comprar um *etrog*. Ao perceber que o tempo estava passando e talvez não conseguissem a quantia

necessária para cumprir a *mitsvá*, a *rabanit* acabou tendo uma idéia. Ela aconselhou o marido que vendesse a casa na qual moravam, pois ela era muito grande. Eles já estavam ficando velhos e uma casa menor seria ideal. Assim, com a diferença dos valores, poderiam certamente comprar um belo *etrog*. *Rabi Avraham* aceitou o conselho da *rabanit* e pôde, dessa forma, cumprir a *mitsvá* de *arbaát haminim*, as quatro espécies.

A *rabanit* continuou, que desde aquele ano, cada vez que ela passa em frente à sua antiga casa, ela sente uma imensa satisfação: a de lembrar-se de que foi o conselho dela que proporcionou a seu marido a possibilidade de cumprir uma *mitsvá* da *Torá*. Esta satisfação ela não teria na cidade de Vilna.

No futuro, quando *Hashem* avaliar nossos atos, além da recompensa por cada detalhe de nossas *mitsvot*, receberemos uma grande recompensa pela satisfação que acompanhou cada *mitsvá*.

CHANUCÁ

O comentarista da *Torá* Ramban, Nachmânides, no princípio de *Parashat Vayishlach*, explica que a salvação do patriarca Yaacov das mãos de seu irmão Essav foi providenciada por D’us, Que o salvou “do mais poderoso”.

O Ramban salienta, também, que por intermédio da história de todo o conflito e dos desentendimentos entre Essav e Yaacov, a *Torá* ensina às futuras gerações que sempre haverá conflitos entre os descendentes de Yaacov e os de Essav; e o Todo-Poderoso sempre salvará o Povo de Israel. Isso foi constatado no decorrer da História; fisicamente mais fraco que seus opressores e até em menor número, o povo judeu é sempre salvo por D’us.

Nos dias de *Chanucá*, recitamos nas orações o trecho “*Al Hanissim*”, escrito pelos *Anshê Kenêset Hagedolá*, os sábios do grande sinédrio. No “*Al Hanissim*” consta, que D’us entregou, milagrosamente, os fortes nas mãos dos fracos e muitos nas mãos de poucos. Ou seja; não é correto, como se poderia pensar, que *Chanucá* comemora uma vitória natural, pela força e pela luta armada.

O conceito, de que o Todo-Poderoso salvou Yaacov *Avínu* das mãos de seu opressor mais poderoso (Essav) é expresso também na oração noturna de *Arvit*, após a leitura do *Keriat Shemá* (leitura do *Shemá Yisrael*), quando recitamos a passagem “porque D’us redimiu Yaacov e livrou-o da mão do mais forte que ele”. O nosso sentimento de fraqueza deve levar-nos a concluir, que não temos em quem nos apoiar, a não ser em D’us, Que nos salvou e sempre salvará.

Os nossos sábios instituíram, que devemos difundir o milagre de *Chanucá* – *pirsumê nissa* – e acender as velas da *chanukiyá* na janela ou na porta de casa, para que sejam visíveis aos transeuntes.

A *mitsvá* de divulgação de um milagre existe também na festa de *Purim*, com a leitura da *Meguilat Ester*, e em *Pêssach*, com os quatro copos de vinho. No entanto, os sábios enfatizaram a *mitsvá* justamente em *Chanucá*, pois haveria uma brecha para pensarmos que a vitória de *Chanucá* ocorreu pela força natural dos *macabim*. Essa é a razão da ênfase na divulgação deste milagre Divino, Que fez com que muitos (os gregos) caíssem nas mãos de poucos (os *chashmonaim*).

Em todas as guerras recentes de Israel, contemplamos a ajuda óbvia de D’us contra os inimigos. Na guerra de *Yom Kipur*, por exemplo, os egípcios atacaram de surpresa e, repentinamente, suspenderam seu ataque. É claro que aí estava “a mão” de D’us.

O livro “*Chashmonayim I*” (cap. 3 vers. 13 a 25) narra como os fatos da história de *Chanucá* aconteceram exatamente e revela que os gregos eram muito numerosos. Os *ye-*

hudim se perguntavam, como poderiam vencê-los e Yehudá *Hamacabi* respondeu, que D'us era Quem os salvaria. E realmente foi assim. D'us, com Sua piedade, salvou os *yehudim* das mãos dos gregos.

Os gregos davam muito valor ao material, à plenitude física e à glória dos homens. Naquela época, os gregos quiseram impedir que os judeus cumprissem três *mitsvot*: *berit milá*, *rosh chôdesh* e *Shabat*.

Berit Milá:

Fisicamente, pode-se dizer que o *berit milá* enfraquece o corpo mas, conforme ensina o Rambam, o Povo de Israel cumpre esta *mitsvá* para enfraquecer o *yêtsér hará*, o mau instinto, com relação aos pecados ligados com o desejo físico. Isto, automaticamente, fortalece o espírito. Os gregos, que davam demasiada importância ao corpo, queriam, portanto, abolir a *mitsvá* de *berit milá*.

Rosh chôdesh:

Os meses judaicos e, conseqüentemente, as solenidades judaicas, são definidos de acordo com as fases da Lua.

A Lua também representa a fraqueza. Sabemos que, em princípio, D'us criou o Sol e a Lua do mesmo tamanho. A Lua reclamou dizendo que “dois reis não governam com uma só coroa”. Como castigo, D'us diminuiu a Lua, que passou também a representar a fraqueza. Os gregos tentaram, então, acabar com as leis de decretação do *rosh chôdesh*, já que eram dependentes deste “símbolo da fraqueza”, contrário aos seus ideais de poder e glória.

Shabat:

A terceira *mitsvá* que os gregos proibiram foi a observância do *Shabat*. O *Shabat* é um dia especial, que deve ser dedicado aos temas espirituais e não aos cotidianos. Esta *mitsvá* também fortalece diretamente o espiritual – *ruchniyut* – e enfraquece o material – *gashmiyut* – e por isso os gregos desejavam revogá-la.

Os gregos decretaram, ainda, que os *yehudim* tinham de gravar, sobre os utensílios usados como copos, a seguinte frase: “Não fazemos parte do povo que tem *Hashem* como seu D’us”. Seu intuito era que, como estes copos eram utilizados freqüentemente, a cada vez que tomassem algo ao longo do dia, os judeus vissem a mensagem e a idéia penetrasse em suas mentes.

As duas grandes lições de *Chanucá* são que, independentemente do poder de nossos opressores, nossa salvação depende unicamente de D’us. E que nossas vidas devem ser priorizadas com os valores espirituais.

UMA PROMESSA DIVINA

A *guemará* (*Meilá* 17a) conta que os romanos proibiram aos judeus da época observarem três preceitos: *Shabat*, *Berit Milá* e *Taharat Hamishpachá* (pureza familiar). Decretaram também, que as moças judias passassem a noite anterior ao seu casamento com um general romano.

O *Rav* Yehudá Tsadca *zt"l* escreve em seu livro “*Col Yehudá*”, que uma criança que nasce em um ambiente de santidade, no qual os pais observam as leis de pureza familiar, tem a mente mais refinada e maior facilidade em não se deixar influenciar pelas coisas mundanas.

O Rambam, em “*Hilchot Micvaot*” (cap. 11, *halachá* 12) escreve, que os conceitos de pureza e impureza espiritual são totalmente abstratos. A *tum'á* (impureza espiritual) não têm nada a ver com sujeira; ela não pode ser visualizada ou “lavada”.

Um dos preceitos referentes à pureza familiar é a *tevilá* – a imersão em um *micvê*. Esta imersão é um “*chok*” da Torá – um decreto determinado pelo Criador, que a mente humana não consegue compreender. Para que a *tevilá* seja eficiente, para que produza o efeito espiritual desejado, é necessário que

seja acompanhada pela “*cavaná*” – a intenção, a concentração no momento da realização do preceito. O fato de o judeu ter a intenção de purificar-se e libertar-se de pensamentos impuros durante a *tevilá* é o que o purifica.

A intenção dos romanos era acabar com a pureza do Povo de Israel.

Os gregos, na época do milagre de *Chanucá*, desejavam fazer com que “*leshakecham Toratach*” – o povo judeu esquecesse, D’us não permita, a *Torá*.

O “*Siftê Chayim*”, *Rav Chayim Friedländer zt”l*, questiona por que os gregos, conhecidos por sua sabedoria, queriam anular a *Torá*, que é a mãe de todas as sabedorias. Ele responde que os gregos reconheciam e admiravam a *Torá*, até certo ponto, mas não admitiam a idéia de que a *Torá* exigisse do judeu que anulasse sua inteligência perante ela.

O “*Or Guedalyáhu*” (pág. 72) escreve algo semelhante: os gregos não toleravam que a *Torá* fosse algo sagrado, acima do intelecto humano.

A intenção dos gregos certamente não se concretizou. D’us prometeu que a *Torá* nunca será esquecida pelo povo judeu. No entanto, devemos ter em mente, que essa promessa é para o povo num contexto geral; porém cada indivíduo deve se esforçar continuamente para não perder seus conhecimentos e não descer de nível.

O livro “*Atará Lemêlech*” conta, que na época dos *genuinim*, logo após a era do *Talmud*, quatro grandes sábios foram seqüestrados: *Rabênu Chushiel*, *Rabênu Moshê* (e seu filho

Rabênu Chanoch), *Rabênu Shemaryáhu* e um quarto, cujo nome atualmente desconhecemos.

Os seqüestradores os colocaram em um navio e seguiram viagem. *Rabênu Chushiel* foi resgatado por judeus na África; ele foi o pai de *Rabênu Chananel* e de *Rabênu Nissim*. *Rabênu Chananel* foi o mestre do Rif – *Rabênu Yitschac Alfassi* – e este, o mestre do Ri Migaash, que por sua vez foi o mestre do Rambam (Maimônides).

Rabênu Moshê foi resgatado na Espanha e foi o mestre de grandes sábios “*rishonim*”.

Rabênu Shemaryáhu foi resgatado no Egito e difundiu a *Torá* naquele país.

Apesar das más intenções dos outros povos, a promessa do Todo-Poderoso de que a *Torá* nunca será esquecida pelo Povo de Israel, sempre se concretiza. Esta promessa consta no Profeta Yesha’yáhu (59:21): “*Quanto a Mim, é este o Meu pacto com eles*”, disse o Eterno. “*Meu Espírito Que está em ti e as Minhas palavras que pus em tua boca, não se afastarão da tua boca nem da boca dos teus filhos nem da boca dos filhos dos teus filhos*”, disse o Eterno. “*Desde agora e para todo o sempre*”.

Neste contexto, nossos sábios mantêm o seguinte dito: “*Torá machazêret al achssánya sheláh*” – a *Torá* sempre volta às suas raízes. A *Torá* tende a voltar para uma família que já possuía eruditos.

Sobre isso, o Chafets Chayim pergunta, por que famílias que outrora possuíam famosos sábios, hoje estão sem *Torá*?

Ele responde que, nestes casos, a *Torá* é como um visitante batendo à porta sem que lhe abram. É necessário “abrir a porta” para a *Torá* entrar.

Apesar da promessa Divina de que a *Torá* nunca será esquecida por nosso povo, o Chafets Chayim diz que cada indivíduo deve ficar atento a seus deveres, para garantir seu futuro e o de seus filhos.

A MEGUILAT ESTER

No final de *Parashat Bô*, o Ramban explica que, a partir de um grande milagre, as pessoas têm condições de perceber os milagres que acontecem à sua volta no dia-a-dia.

A base de toda a *Torá* é a crença de que tudo o que acontece é produto da Providência Divina, exceto a fé em D'us, que depende de cada indivíduo. Nada ocorre por acaso, tudo tem o seu motivo.

A *guemará* (*Meguilá* 3a) declara que quando chegava a hora da leitura da “*Meguilat Ester*”, tanto os *cohanim* quanto os *leviyim* e os *yisraelim* que trabalhavam no *Bêt Hamicdash* tinham de interromper o trabalho sagrado que estavam realizando, para ir ouvir a *meguilá*. Disto constatamos que os sábios deram grande importância à leitura desta *meguilá*. Nela existem muitos ensinamentos a serem aprendidos e exemplos a serem seguidos. Analisemos alguns deles:

“*Vaticrá Ester Lachatach missarissê hamêlech asher heemid lefanêha vatetsavehu al Mordechay ladáat má zê vel má zê*” (4, 5).

Ester chamou Hatach, um dos ajudantes que o rei lhe de-

signara, e ordenou que perguntasse a Mordechay por que ele está no pátio do palácio vestido com um pano de saco e cinzas.

Sobre este trecho da *meguilá*, a *guemará* explica (15a) a passagem “*má zê veal má zê* – o que é isso e sobre o que é isso”, da seguinte forma: primeiramente, Ester quis perguntar a Mordechay “*má zê* – o que é isso?” ou seja: Por que existe este decreto tão ruim sobre o Povo de Israel? Utilizando a expressão “*ma zê veal má zê*”, no entanto, Ester fazia uma alusão a uma passagem da *Torá* com palavras parecidas, que diz “*mizê umizê hem ketuvim* – deste (lado) e deste elas estavam escritas”. Esta passagem se refere às Tábuas da Lei. Mesmo tendo as letras esculpidas vazando (transpassando) a pedra de lado a lado, as Tábuas da Lei podiam ser lidas corretamente dos dois lados.

Sobre as Tábuas da Lei, o *Rav Saadyá Gaon zt"l* explica que elas representam toda a *Torá*.

Com essa referência então, Ester quis perguntar a Mordechay: “Talvez o Povo de Israel está negando os cinco livros da *Torá* e este é o motivo do mau decreto?!”

Devemos, portanto, aprender uma importante lição: quando alguém se depara com uma desgraça ou doença, D’us nos livre, deve logo fazer uma auto-análise da sua situação espiritual e verificar se não decaiu do nível em que estava. Com isso, deve procurar corrigir as eventuais faltas.

“*Lô higuida Ester et amáh veet moladtáh ki Mordechay tsivá alêha asher lô taguid* (2 ,10).”

Ester não revelou qual o seu povo e a sua ascendência,

pois Mordechay ordenou-lhe que ela não revelasse.

Conforme comentário do Rashi, Mordechay não queria que Ester se casasse com o rei. Ele imaginou que se ela não dissesse a que povo pertencia, o rei pensaria que ela fazia parte de uma família desprezada. Isto poderia servir de motivo para não se casar com ela. Mas, caso soubesse que ela era descendente do Rei Shaul, teria mais um motivo para escolhê-la como esposa.

O versículo seguinte cita, que Mordechay sempre ficava no pátio do palácio para saber o que aconteceria com Ester. Sobre esta passagem, Rashi comenta que Mordechay sabia, por meio de uma profecia, que a salvação do povo viria por intermédio de Ester.

Sobre estes dois comentários do Rashi, cabe a seguinte pergunta: Se Mordechay sabia que a salvação viria por intermédio de Ester, por que ele se esforçava em tirá-la do rei, omitindo sua origem nobre? Segundo a lógica, deveria fazer exatamente o contrário: deveria deixar que ela fosse escolhida como rainha, para que pudesse salvar o povo.

O comentarista da *Torá* Rashi explica esta questão da seguinte forma: Mordechay possuía uma visão clara da *Torá* e sabia como o *yehudi* deve agir. Como a *Torá* proíbe o casamento entre um judeu e um não judeu, apesar da profecia que recebera, Mordechay deveria agir de acordo com a *Torá* e tentar evitar que Ester continuasse com o Rei.

“...*Ultsavot alêha lavô el hamêlech lehitchanen lô ulvakesh milefanav al amáh*” (4, 8).

Quando Mordechay percebeu, que Ester foi obrigada a se casar com o rei e que ele já não podia fazer mais nada para impedir o casamento, Mordechay pediu que ela fosse até Achashverosh e implorasse pelo seu povo.

Ester respondeu a ele que alguém que entra no palácio do rei sem ser chamado é condenado à morte, a menos que o rei lhe estenda seu cetro de ouro. Acrescentou que ela já não era chamada há 30 dias. Mordechay replicou, então, que ela não deveria se preocupar consigo e sim procurar o rei apesar do perigo. Ester atendeu a ordem de Mordechay e entrou no palácio arriscando sua própria vida.

Ester obedeceu a Mordechay por ele ser um *tsadic* e possuir uma visão nítida da *Torá*. Por este motivo, deve-se sempre ouvir as recomendações do *rav* ou do “*gadol batorá*”.

Com relação a esta virtude de obediência, o comentarista Seforno faz um comentário sobre o fato de *Am Yisrael* ser um povo “*keshê ôref*” – de dura cerviz (*Devarim* 9:6). Ele explica que isso se refere àquele que faz as coisas de acordo com sua própria vontade; àquele que continua com sua escolha, mesmo que o *rav* ou o *tsadic* diga que está agindo de modo errado e que será prejudicado se persistir no erro.

Ordem Seqüencial

O “*Shulchan Aruch*” (680:6) prescreve que quem lê a *Meguilá* fora da ordem seqüencial não cumpre a *mitsvá*. Portanto, não se deve ler, por exemplo, o capítulo 8 antes do 5. A *Meguilá* deve ser lida na ordem dos acontecimentos.

A história relatada na *Meguilá* ocorreu em um período de

10 anos e em cada episódio pode-se constatar a interferência Divina. Mas isso só ocorre quando os episódios são relacionados. Assim, por exemplo, podemos entender por que Achashverosh mandou matar a Rainha Vashti, por que Ester foi escolhida como rainha, a insônia do rei, etc.

“*Ki Mordechay hayehudi mishnê lamêlech Achashverosh vegadol layehudim veratsuy lerov echav doresh tov leamô vedover shalom lechol zar’ô*” (10, 3).

Este último versículo da *Meguilá* relata que Mordechay tornou-se o vice-rei, generoso para os *yehudim* e estimado pela maioria de seus irmãos...

A *guemará* (*Meguilá* 16b) comenta que Mordechay era querido pela “maioria” do povo e não por todo o povo. Os sábios do *San’hedrin* daquela época perceberam que Mordechay se tornara muito importante e muito ocupado. Isso certamente prejudicaria o seu estudo da *Torá*. Por essa razão, separaram-se dele.

Se até Mordechay, que salvou o povo e era um *tsadic*, recebeu críticas por ter diminuído o estudo de *Torá*, certamente nós devemos nos esforçar ao máximo para aumentar a frequência nos *shiurim* e no *bêt midrash*.

Assim, buscando sempre a ascensão espiritual e o estudo da *Torá*, poderemos estar protegidos de qualquer infortúnio.

O MOTIVO DO ESTUDO DA TORÁ

A *guemará* (*Shabat* 88b) traz a seguinte passagem em nome de *Rabi Yehoshua Ben Levi*: “Quando Moshê *Rabênu* subiu ao Monte Sinai para receber a *Torá*, os anjos perguntaram a D’us: ‘O que faz aqui um ser humano?’ E D’us disse: ‘Ele veio receber a *Torá*.’ Eles responderam: ‘D’us quer dar para estes humanos uma obra Divina que foi escrita 974 gerações antes da Criação do Mundo?!’”

Então D’us disse para Moshê que respondesse diretamente aos anjos, mas Moshê disse que tinha medo de ser queimado por eles.

– Agarra no Meu trono e responde – disse D’us.

– O que está escrito na *Torá*? – Moshê indagou então aos anjos. – Pois não consta: “Eu sou o Eterno teu D’us que te tirou do Egito?” Por acaso vocês anjos estiveram no Egito como escravos? E mais: “Não terás outros deuses como os outros povos.” Vocês, anjos, vivem entre outros povos?

– Guardarás o *Shabat*! – continuou Moshê. – Vocês traba-

lham seis dias para guardar o *Shabat*?

E assim por diante.

Aprendemos das respostas de Moshê, que a *Torá* foi dada exclusivamente ao Povo de Israel aqui na Terra, pois, para cumprir os preceitos da *Torá*, é necessário agir, cumprir os mandamentos na prática. Para conseguir isso, necessita-se do corpo físico.

O livro “*Yad Yechezkel*” comenta que o indivíduo que estuda a *Torá*, tem a obrigação de se esforçar para que seu estudo não fique somente na teoria, no intelecto. Deve procurar executá-lo na prática, com ações. Esta é a vontade de D’us. Por isso, aquele que estuda *Torá* não deve somente “filosofar”.

Não basta, por exemplo apenas estudar sobre a Saída do Egito. Deve-se também recitar a *Hagadá*, comer a *matsá* em lembrança à Saída do Egito. O mesmo ocorre em relação aos outros mandamentos da *Torá*: a *cashrut*, a pureza do lar, a *sucá*...

O final do trecho que menciona que D’us criou o mundo, em *Parashat Bereshit*, o capítulo de “*Vaychulu Hashamáyim vebaárets*”, consta (*Bereshit* 2:3): “*asher bará Elokim laassot*” – *Que criou D’us para fazer*, ou seja, a finalidade da Criação é o “fazer”, “agir”.

O Povo de Israel é eterno, mas cada indivíduo tem o seu tempo limitado aqui na Terra. Após os 120 anos, o indivíduo já não poderá agir. Por isso, quando temos uma chance de fazer qualquer *mitsvá*, devemos agarrá-la fortemente e realizá-la o mais rápido possível, com força de vontade e dedicação.

O “*Sêfer Hachinuch*” (*mitsvá* 15) escreve, que o homem se comporta conforme seus afazeres cotidianos. Seu coração e pensamentos são influenciados por sua ocupação, por sua conduta. O comerciante, por exemplo, normalmente tem seus pensamentos voltados para o comércio, mesmo em períodos que não está trabalhando. Sendo assim, as pessoas, e mesmo as de má índole, que tentem se ocupar com coisas boas, observando as recomendações da *Torá*, tenderão a transformar seus corações e pensamentos para o bem. Mesmo que, inicialmente, as ações não sejam realizadas por uma causa nobre – não sejam “*Leshem Shamáyim*” – e contenham interesses pessoais, com o tempo, o coração e os pensamentos destas pessoas estarão voltados para a *Torá*.

Está escrito na *Torá* (*Vayicrá* 19:3): “*Ish imô veaviv tira’u*” *O homem à sua mãe e ao seu pai temerá*. Consta também (*Devarim* 5:16 e *Shemot* 20:12): “*Cabed et avicha veet imechá*” – *Honrarás o teu pai e a tua mãe*. Temer os pais e honrá-los são dois mandamentos distintos na *Torá*.

Nossos sábios explicam que cumprimos o mandamento de “temer” os pais observando determinados procedimentos como: não se sentar no seu lugar, não contrariar suas palavras, etc. Cumprimos o mandamento de “honrar” os pais, dando a eles de comer e beber, roupas, acompanhamento.

O livro “*Dáat Torá*” explica que a *guemará* (*Kidushin* 31b) se viu obrigada a questionar – e instruir – como cumprir na prática os mandamentos de temer e honrar os pais, pois a *Torá* não os teria trazido para ficar somente na teoria.

Nesse mesmo contexto, o “*Dáat Torá*” explica a *guemará* que relata sobre o não judeu que queria se converter e foi pedir auxílio a Hilel *Hazaken*. Ele pediu ao sábio que o ensinasse toda a *Torá* rapidamente. Hilel respondeu então: “O que você não gosta que lhe façam, não faça aos demais”. Cabe aqui a seguinte pergunta: Por que Hilel não lhe disse: *Amarás o próximo como a ti mesmo* – que é um versículo da *Torá* (*Vayicrá* 19:18) semelhante à sua recomendação? De acordo com o que vimos anteriormente, a resposta é simples: a *Torá* não deve ficar somente na teoria, mas sim na prática. Devemos amar o próximo não fazendo com ele o que não gostaríamos que fizessem conosco.

Portanto, o objetivo do estudo da *Torá* deve ser sempre realizar as *mitsvot* na prática, como, por exemplo, ajudar o próximo com atos, palavras e financeiramente, servir os pais, colocar *tefilin*, segurar o *lulav* em *Sucot* e comer *matsá* em *Pêssach*.

A PRESENÇA DIVINA

Nossos sábios ensinam que, desde o dia em que foi destruído o *Bêt Hamicdash*, o Todo-Poderoso só possui “quatro *amot* de *halachá*”. Ou seja, o único local que D’us escolhe para centralizar Sua Presença é o lugar onde se estuda *Torá*. Entre todos os locais do mundo, a *Shechiná* – a Presença Divina – escolhe os centros de estudo de *Torá*.

O *Mishcan* – o Tabernáculo – foi o santuário construído pelo Povo de Israel no deserto. Esse foi o lugar escolhido por D’us para concentrar Sua Presença – a *Shechiná*. Posteriormente, em *Êrets Yisrael*, o Rei Shelomô construiu outro santuário no lugar deste, que foi chamado de *Bêt Hamicdash*.

Conforme ordena a *Torá*, o Tabernáculo deveria ser construído no deserto com oferendas voluntárias do Povo de Israel.

A *Parashat Terumá* inicia com as oferendas para a construção do Tabernáculo: *Fala aos Filhos de Israel e separem para Mim uma oferenda*. O *midrash* relata que este versículo está associado a outro versículo do livro de *Mishlê* (4:2): *Que um presente bom Eu lhes dei; Minha Torá não abandonem*.

O *midrash*, portanto, associa a *mitsvá* de donativos para o *Mishcan*, o Tabernáculo, com a importância de estudar e cumprir os mandamentos da *Torá*.

O *midrash* traz uma parábola para explicar essa associação – entre a construção do *Mishcan* e o estudo da *Torá* – e o fato de que o Povo de Israel, a *Torá* e D’us são inseparáveis:

“Havia um rei que possuía uma filha única. Como a uma princesa é apropriado um nobre marido, um outro rei se ofereceu para casar-se com ela. Após o casamento, seu pai se dirigiu ao genro, dizendo: ‘Você acaba de se casar com minha única filha, mas eu não posso aceitar me separar dela. Por outro lado, também não posso negar que você a leve consigo. Portanto, peço, que em cada lugar que vocês estiverem, reservem um aposento para mim, para que eu possa estar junto a ela.’”

Da mesma forma que o rei não podia se separar de sua filha, assim também, D’us não pode se separar de Sua *Torá*, pois ela é **חכמת אלוקים**, parte da sabedoria Divina. Sendo assim, D’us pediu ao Povo de Israel que construísse um “aposento” para Ele na Terra – o *Mishcan*.

Essa é, portanto, a relação entre os dois versículos citados; entre a construção do *Mishcan* e o estudo da *Torá*. D’us entregou a *Torá* para o Povo de Israel, para que a estudassem, e pediu para eles construírem um lugar onde a Presença Divina pudesse estar concentrada – próximo da *Torá*.

O Ramban (Nachmânides) também explica a relação entre o estudo da *Torá* e a Presença Divina. Além disso, ele relacio-

na esses conceitos com o nível espiritual do Povo de Israel e com sua redenção.

No seu prefácio do “*Sêfer Shemot*”, o Ramban escreve, que mesmo depois de terem saído do Egito, os Filhos de Israel ainda não estavam livres. A *galut* (o exílio) deles só terminaria quando alcançassem o nível espiritual de seus antepassados.

Quando os Filhos de Israel saíram do Egito – embora tivessem sido libertados fisicamente – ainda permaneciam no exílio, porque não tinham alcançado uma elevação espiritual. Ao chegarem no Monte Sinai e construírem o *Mishcan* (Tabernáculo), a Presença Divina pairou sobre o povo. Só então eles atingiram o nível espiritual de seus ancestrais e puderam ser denominados “*gueulim*” – redimidos.

A *gueulá* (redenção) é alcançada, portanto, quando o nível espiritual do povo é elevado. Isso só acontece com o estudo da *Torá*. Quanto maior a presença da *Shechiná*, a Presença Divina, mais completa a redenção.

Rabi Chayim de Volodjin também comenta a relação entre o estudo da *Torá* e a Presença Divina. Escreve em seu livro “*Nêfesh Hachayim*”, que do versículo da *Torá* (*Shemot* 25:8) que trata do *Micdash* (o Santuário – o Tabernáculo também é chamado de “*Micdash*”), aprendemos que o homem tem a possibilidade de se transformar em um santuário, um “*minimicdash*”. Assim, ele pode receber a Presença Divina.

No versículo citado, consta: *E Me farão um Santuário e morarei neles*. Para explicar que D’us estaria no Santuário, deveria estar escrito “e morarei nele”. O fato de estar registra-

do “e morarei neles” é uma alusão a cada judeu. A intenção da *Torá* é que os *yehudim* façam um Santuário para D’us e, dessa forma, Ele residirá “neles”, em todos os *yehudim*.

Quando o judeu se autopurifica estudando *Torá* e cumprindo *mitsvot*, torna-se um recipiente que contém a Presença Divina. Assim, cada ato bom que o *yehudi* realiza é um tijolo acrescentado em seu “santuário” interior.

D’us escolheu o Povo de Israel para outorgar a *Torá* e, portanto, cabe a nós – da mesma forma que àquele genro do rei – “reservar um lugar” para que o Rei dos reis sempre esteja conosco. Isto só é possível, mediante o estudo da *Torá*.

PROXIMIDADE COM OS SÁBIOS

Na *parashá de Shofetim* consta “*Não te desviarás da sentença que te anunciarem nem para a direita nem para a esquerda*” (*Devarim 17:11*). É um preceito da *Torá* seguir com zelo as determinações dos nossos sábios.

A *guemará*, no tratado de *Sucá* (44b), relata: Um *yehudi* procurou dois sábios daquela época – *Aibo* e *Rabi El’azar Ben Rabi Tsadoc* – com uma dúvida. Ele perguntou aos sábios se seus empregados podiam comer um pouco de azeitonas e uvas dos seus campos, embora estivessem em um ano sabático – o ano em que a terra deve descansar. *Rabi El’azar* respondeu que não. O homem imediatamente acatou a determinação do sábio; ordenou aos trabalhadores que não mais comessem as frutas.

Sobre isso, *Aibo* conta que *Rabi El’azar* disse que fazia 40 anos que era rabino naquele lugar e nunca vira alguém tão diligente em acatar tão rapidamente as palavras dos sábios.

Após algum tempo, o mesmo homem voltou. Disse que já ordenara a seus empregados que parassem de comer e pergun-

tou como deveria proceder agora. *Rabi* El'azar respondeu que deveria fazer “*hefker*” dos seus campos, ou seja, abrir as portas para os pobres. Dessa forma, eles poderiam comer das frutas. Além disso, ele deveria pagar o salário devido a seus empregados já que, naquele ano, as frutas não poderiam servir como salário.

Sobre este episódio da *guemará*, *Rabi* Yisrael Missalant *zt”l* pergunta, por que *Rabi* El'azar *Ben Rabi* Tsadoc ficou impressionado com aquele homem. Afinal, era apenas um caso de obediência a uma decisão rabínica, a uma interpretação da lei. Ou seja, normalmente, quando um indivíduo pergunta alguma coisa a um sábio, tem a intenção de cumprir a recomendação à risca. Então, o que aquele homem fez de tão peculiar que impressionou o sábio?

A resposta de *Rabi* Yisrael Missalant a isso é que, realmente, o caso foi especial. Aquele homem foi acatar a decisão do sábio imediatamente após ouvir sua determinação, agindo com zelo e diligência. Somente depois de corrigir a situação, que ele foi perguntar como deveria proceder daí para frente.

Sobre respeitar o conselho dos sábios, o “*Michtav Meeli-yáhu*” (vol I, pág 59) explica que o Criador, com Sua bondade, fez com que cada geração possuísse os seus guias espirituais – os sábios da *Torá*, de abençoada memória. Todo aquele que analisa os conselhos destes sábios, percebe o quanto suas palavras são claras e suas condutas adequadas, dignas de pessoas “*yesharim*” – corretas.

O Rambam diz sobre isso, que alguém que toma decisões

sem consultar primeiramente os sábios é comparado a alguém que anda na escuridão.

O “*Michtav Meeliyáhu*” continua dizendo que todos aqueles que desejam, podem valer-se dos conhecimentos, da sabedoria dos eruditos da *Torá*. Basta seguir seus passos e sempre questioná-los sobre qual deve ser a conduta correta. Até mesmo em coisas pequenas, em assuntos corriqueiros, as opiniões dos sábios são claras e diretas. Os verdadeiros sábios são aqueles que seguem os passos de mestres anteriores, tendo recebido uma influência direta deles.

O *Rav* Aharon Kotler, no livro “*Mishnat Rabi Aharon*” (vol. 1, pág. 211) explica, que muitos são levados a pensar que, em uma geração na qual a *Torá* está mais enfraquecida, podemos nos contentar com pouco. Em um lugar onde o nível de *Torá* é frágil, poder-se-ia pensar que um procedimento ‘meio errado’, é melhor do que nada. De acordo com o judaísmo, esse raciocínio não é correto. Vemos na *guemará*, que os sábios têm uma visão diferente desta. Justamente onde a *Torá* está mais debilitada é que deve haver um esforço maior.

No *Talmud* (*Massêchet Eruvin* 6a) consta que *Rav* “viu um precipício e fez uma cerca”. Rashi explica que o sábio percebeu que havia pessoas desconhecedoras da *Torá*, que desprezavam as *mitsvot*, e recomendou que elas seguissem um procedimento mais rigoroso, para protegê-las do pecado. Este “cuidado adicional”, instituído por *Rav*, foi comparado com uma cerca ao redor de um buraco perigoso.

Portanto, em uma situação na qual existe um afrouxamen-

to da *Torá*, devemos estabelecer mais uma cerca para nos protegermos. Esse conceito de “cerca” depende de cada um. Cada indivíduo sabe em que pontos do cumprimento da *Torá* e das *mitsvot* está mais frágil. A melhor maneira de conseguir fazer uma cerca é mediante o estudo da *Torá*. Quando nos esforçamos no estudo da *Torá*, ergue-se uma barreira diante dos pecados.

Sobre esse conceito, encontramos um comentário do *Rabi Yoel Missátmer* no livro “*Divré Yoel*” (pág. 35): Algumas pessoas argumentam, que uma *balanit* (senhora que cuida do *micvê*) que é rigorosa na verificação das freqüentadoras, poderia inibir o comparecimento ao *micvê*. Sobre isso, o *Rabi Yoel* diz, que não podemos relaxar em nada por esse tipo de argumentação. Nós temos que cumprir nosso dever. Justamente nos pontos onde há um afrouxamento das *mitsvot* é que devemos ser mais cuidadosos.

Um comentário parecido com esse, encontramos no “*Shut Igrot Moshê*” do *Rav Moshê Feinstein*. Segundo a lei judaica, uma mulher que recebe o *guet*, o divórcio, deve esperar pelo menos 92 dias para se casar novamente. Este livro traz o caso de uma mulher que esperava há muitos anos que seu marido lhe desse o *guet*. Quando finalmente ela o recebeu, não queria esperar mais para se casar novamente. O rabino, que acompanhava o caso, perguntou ao *Rav Moshê Feinstein* sobre como proceder, argumentando que se ele não acatasse o desejo da mulher, ela talvez fosse procurar algum outro lugar, não idôneo, para se casar. O *Rav Moshê Feinstein* respondeu: “Nós precisamos desempenhar nossa obrigação e seguir as reco-

mendações dos nossos sábios. Devemos esperar os 92 dias.”

A *guemará* cita em *Massêchet Avodá Zará* (35a) algo muito interessante. Em *Êrets Yisrael*, quando os sábios estipulavam um decreto, eles não revelavam seu verdadeiro motivo durante o primeiro ano. A *guemará* acrescenta, que há pessoas que acabam desprezando as palavras dos sábios. O comentarista Rashi escreve que, se os sábios explicassem o motivo do decreto, muitos poderiam argumentar que não concordam totalmente com ele, ou tirar conclusões enganosas que achassem compatíveis com seus casos particulares. Poderiam até concluir, que o decreto não se aplica a eles. Na realidade, além do motivo aparente, que levava nossos sábios a estipularem um decreto, havia outros. Não revelando um motivo único, exclusivo, do decreto, ficava subentendido que há uma explicação clara para a atitude dos sábios, mesmo que não fosse perfeitamente compreensível por todos. Assim, as pessoas acabavam com mais zelo o que era determinado.

O *Rav* Mordechay Gifter traz a seguinte observação sobre o conceito de “*emuná*” – fé: De um modo geral, por natureza, em nosso cotidiano existe uma confiança mútua entre as pessoas. Quando alguém compra a prazo, por exemplo, o vendedor acredita que receberá o pagamento no mês seguinte. Num táxi, igualmente, ninguém pergunta se o motorista possui carteira de habilitação. Da mesma forma, confia-se que o piloto do avião seja competente para pilotá-lo. Se as pessoas não acreditassem um pouco umas nas outras, não haveria possibilidade de convivência entre os seres humanos. O *Rav* Gifter

pergunta, então, por que motivo, com relação à crença em D’us e em nossos sábios, esta convicção não é tão natural. Por que existe a dúvida? Por que quando o *rav* diz alguma coisa, as pessoas questionam tanto?

Rabênu Yoná explica, que a fé em D’us é algo totalmente contrário à natureza humana. Naturalmente, o ser humano não acreditaria em D’us. É dever de cada um dominar seus maus instintos, lutar contra a sua natureza e procurar a verdade.

Nesse sentido, para fortalecer a “*emuná*”, a fé em D’us, e dominar os instintos naturais do “*yêtser hará*”, o mau instinto, é indispensável estar sempre próximo dos sábios da *Torá*, aconselhando-se para resolver eventuais dificuldades e esclarecer dúvidas.

Conforme consta no *Talmud*: “Tudo está nas mãos de D’us, exceto o temor a D’us”. Tudo o que ocorre depende dos decretos Divinos; exceto acreditar em D’us, na *Torá* e na palavra dos sábios. Isso é algo que depende somente das pessoas. Para conseguir alcançar essa fé, é necessário um trabalho interior constante de dominação dos instintos naturais.

A RAZÃO DOS HOMENS E A TORÁ

“Vayômer Moshê zê hadavar asher tsivá Hashem taassu vayerá alechem kevod Hashem” – E disse Moshê: ‘Esta é a coisa que ordenou o Eterno que fizésseis e aparecerá a vós a glória do Eterno’ (Parashat Shemini – Vayicrá 9:6)

O “*Torat Cohanim*” explica que Moshê disse ao Povo de Israel: “Vocês devem anular ‘aquele’ *yêtser hará* (mau instinto) e unir-se em torno de uma só idéia para servir o Criador.”

O *Rav Yitschac Aizik Sher zt”l* pergunta a qual *yêtser hará*, especificamente, Moshê estava se referindo. Possuímos o *yêtser hará* do *Shabat*, que incita a transgredir o *Shabat*, o *yêtser hará* da *cashrut*, que estimula a ingerir alimentos proibidos, etc.

Mais adiante, consta no texto (*Vayicrá 9:23*): *E vieram Moshê e Aharon à Tenda da Assinação.*

O comentarista Rashi questiona, por que Moshê acompanhou Aharon ao *Ôhel Moed* – a Tenda da Assinação – dentro do *Mishcan* – o Tabernáculo. Uma das explicações que ele traz é

que Aharon já tinha feito todos os *corbanot* (oferendas) e toda a cerimônia que os acompanhava. Apesar disso, a *Shechiná* – a Presença Divina – ainda não havia descido sobre o *Mishcan*. Aharon estava muito constrangido, pensando que era sua a culpa pela ausência da *Shechiná*. Ele achava que não havia sido perdoado por ter colaborado, anteriormente, na elaboração do bezerro de ouro. Então, Moshê se uniu a ele para rezar para D’us e a Presença Divina desceu sobre a Tenda da Assinção. Portanto, a lembrança do pecado do bezerro de ouro ainda estava “fresca” entre o povo.

O *yétser hará* que fez o povo pecar com o bezerro de ouro foi aquele que instiga as pessoas a agirem conforme sua própria lógica. Antes da Outorga da *Torá*, os patriarcas serviam a D’us de acordo com a razão e a inteligência, mas a partir da Outorga da *Torá*, o *yehudi* deve submeter sua razão aos mandamentos da *Torá* e anular-se perante ela.

Os Filhos de Israel cometeram o pecado do bezerro de ouro, porque erraram no cálculo da volta de Moshê e concluíram que ele já deveria ter voltado. Como não retornara, pensaram, que ele tinha morrido. Recearam ficar sem esta importante intermediação entre eles e D’us. Então julgaram conveniente fazer um lugar especial, para que a Presença Divina Se concentrasse. Isto de fato ocorreu mais tarde com a construção do *Mishcan*, o Tabernáculo.

Depois da Outorga da *Torá*, o *yehudi* passou a não poder mais agir conforme sua própria razão. O *yehudi* deve sempre se aconselhar com os nossos sábios, mestres e rabinos, que se

baseiam nas prescrições da *Torá*.

O livro “*Bêt Halevi*”, na *Parashat Pecudê*, explica por que, várias vezes na *Torá*, consta a passagem “*Caasher tsivá Hashem et Moshê*” – *Conforme ordenou o Eterno a Moshê* – quando trata da construção do Tabernáculo. A construção do Tabernáculo veio como reabilitação pelo pecado do bezerro de ouro. A *Torá* quis enfatizar que, desta vez, o povo não pecou seguindo sua própria lógica, mas fez cada detalhe “conforme ordenou o Eterno a Moshê”. Por isso, essa iniciativa foi coroada de pleno êxito e alcançou o apogeu espiritual, que é o mérito do comparecimento da *Shechiná*, a Presença Divina.

Por ser influenciado por este *yêtser hará* – de agir conforme idéias individuais – o Povo de Israel foi denominado na *Torá* (*Devarim* 9:6, Seforno) de “*am keshê ôref*” – um povo de dura cerviz. Da mesma forma que a nuca fica atrás do rosto, o raciocínio humano se opõe à *Torá*. Sobre este versículo, o Seforno diz ainda que o judeu deve superar este mau instinto, corrigir-se e seguir as recomendações de seu rabino.

Portanto, na construção do *Mishcan* – que foi em reparação ao pecado do bezerro de ouro – Moshê disse ao povo que corrigisse “aquele” *yêtser hará* de seguir apenas o intelecto e que acatassem as palavras da *Torá*. Para que um pecado seja perdoado, deve-se provar a superação da falta.

Neste contexto, o “*Torat Cohanim*” comenta também, que depois de dizer para o povo anular “aquele” *yêtser hará*, Moshê disse: “...e unir-se em torno de uma só idéia para servir o Criador”. Isso porque quando as pessoas procuram seguir suas

próprias idéias, trilham diferentes caminhos, uma vez que as teorias e opiniões variam de pessoa para pessoa.

Nessa ocasião, Moshê explicou um conceito muito importante para o povo. Poder-se-ia pensar que, como foi D'us que deu a inteligência ao homem, ela deveria ser sempre seguida por nós. Entretanto, muitas vezes, pela própria natureza do homem, ele não consegue raciocinar de maneira clara, pois é influenciado por sentimentos subjetivos; além disso, possui uma inteligência limitada, que não alcança os conceitos da *Torá* plenamente.

Por estas razões, devemos nos unir à *Torá* e às suas idéias. Os preceitos da *Torá* sempre devem orientar nossas vidas.

Com estes esclarecimentos, podemos entender melhor o episódio que relata sobre Nadav e Avihu, os filhos de Aharon que morreram no *Mishcan*. No livro “*Sichot Levi*” (pág. 107), de autoria do *Rav* Yaacov Yitschac Halevi Ruderman zt”l, consta que o pecado dos filhos de Aharon foi o de não consultar Moshê e Aharon. Embora tivessem a boa intenção de cumprir uma *mitsvá*, a de servir no *Mishcan*, ainda assim deveriam ter consultado os seus mestres.

Nadav e Avihu acenderam fogo no altar por conta própria. O correto seria primeiramente perguntar para Moshê e Aharon o que fazer. Agindo dessa forma, eles não seguiram a sabedoria da *Torá* e sim sua própria, o que não é a vontade de D'us.

Os não judeus também devem cumprir alguns preceitos Divinos. Eles devem cumprir sete *mitsvot* denominadas de “*shêva mitsvot benê Nôach*”. O Rambam escreve (*Hilchot*

Melachim cap. 8, *halachá* 11) que eles devem cumprir estas *mitsvot* por acreditarem ser uma ordem de D’us. Quando não pensam desta maneira e cumprem-nas por sua própria lógica, ou simplesmente por acreditarem que é uma coisa certa, não são classificados como “*chassidê umot haolam*” – generosos dos povos do mundo.

A *guemará* (*Berachot* 17a), explica que “A finalidade da sabedoria é a *teshuvá* (o retorno ao caminho correto) e os bons atos. O *yehudi* não deve ser um indivíduo que estuda *Torá* e ao mesmo tempo ‘desdenha’ seus pais, o rabino, os mais sábios e os mais velhos.”

O livro “*Lêket Sichot*”, de autoria do *Rav* Yitschac Aizik Sher ז”ל comenta esta passagem da *guemará*: Por que, ao tratar da finalidade da sabedoria, a *guemará* cita justamente o pecado de desprezar os pais, o rabino, quem é mais sábio ou mais velho? Porque alguns estudiosos poderiam pensar que não precisam mais destas pessoas. Porém, mesmo aqueles que estudam e tem um grande conhecimento de *Torá*, devem sempre se aconselhar com seu *rav* e reconhecer, com humildade, que é necessário submeter-se ao rabino.

Em nosso dia-a-dia, devemos sempre consultar a sabedoria da *Torá* antes de tomarmos decisões “lógicas”.

A BONDADADE

Analiseemos a virtude de “*chêssed*” – bondade. Como ela deve ser praticada? Será que um judeu pode optar por não praticá-la?

Sobre Avraham Avinu está escrito (*Michá* 7:20): “...*Titen emet Leyaacov chêssed Leavraham...*” – Que Hashem recompensará a bondade de Avraham. Avraham é chamado de o “Homem da Bondade” por excelência.

Na *Parashat Chayê Sará* consta a importância que Avraham atribuía a esta qualidade. Ele pediu para procurarem uma mulher de sua família, da cidade de Aram Naharáyim, para casar com seu filho Yitschac. Avraham não queria que Yitschac se casasse com uma moça das regiões de Aner, Eshcol, Mamrê ou Charan. Embora sua família também praticasse idolatria, a virtude de *chêssed*, bondade, era uma de suas qualidades, e a isso deu prioridade.

No livro de “*Michá*” (6:8) consta a seguinte passagem: “*Higuid lechá adam má tov umá Hashem doresh mimechá ki im assot mishpat veahavat chêssed...*” O profeta diz que D’us **exige** do *yehudi* que pratique *chêssed*, a bondade. Esta é uma

virtude que deve fazer parte da personalidade dos *yehudim*.

No terceiro dia após seu *berit milá*, Avraham, contando 99 anos de idade e convalescendo, ficou fora de sua tenda, exposto ao sol, esperando eventuais viajantes que necessitassem de alguma ajuda. Quando avistou três viajantes, tomou todas as providências necessárias para recebê-los da melhor forma possível. Isso demonstra o quanto a bondade fazia parte de sua personalidade.

O profeta Yirmeyáhu (9:22) escreve: “*Al yit’ halel chacham bechochmatô* – Não se vanglorie o sábio por sua sabedoria”, mas sim, conforme o versículo seguinte (9:23), “*Haskel veyadoa Oti, ki Ani Hashem ossê chessed*”, por conhecer o Todo-Poderoso, Que pratica o *chêssed*. Logo, temos a obrigação de procurar seguir as mesmas virtudes de D’us.

Consta no *Talmud* (*Massêchet Dêrech Êrets Zuta*, cap. 2) que aquele que quer reforçar o amor ao próximo deve procurar fazer o bem a ele sempre.

Há uma outra passagem do *Talmud* de onde aprendemos a importância de controlar o nosso instinto e praticar o bem, mesmo que isso vá contra a nossa natureza. Há uma *mitsvá* de ajudar a colocar carga no animal do próximo e há uma outra *mitsvá*, parecida com esta, que caso o animal do próximo tenha arriado devido ao peso da carga, deve-se ajudar a descarregá-lo para que possa levantar. Se ocorrer, coincidentemente, uma situação na qual haja a possibilidade de fazer a *mitsvá* de carregar um animal e, ao mesmo tempo, a *mitsvá* de descarregar um outro, deve-se optar primeiramente por des-

carregar o animal arriado. Isto, porque o animal arriado está sofrendo (*tsáar baalê chayim*).

O *Talmud* em *Bavá Metsiá 32b* nos diz que, se houver a possibilidade de praticar simultaneamente uma das duas *mitsvot*, quando o animal a ser carregado pertence a um inimigo e o arriado a um amigo, devemos dar prioridade ao animal do inimigo, ajudando-o a carregá-lo. Devemos agir assim, para controlar nossos instintos e corrigir nossa tendência natural, fazendo o bem e dando prioridade a um inimigo.

Nossos sábios referem-se a três tipos diferentes de *chêssed*: ao falar, ao ouvir e ao receber o próximo com um semblante agradável.

Um exemplo de *chêssed* ao falar é que devemos saudar o próximo e não esperar que ele venha nos cumprimentar.

Sobre isso, o Rambam (*Hilchot Deot 5:7*) ensina que devemos agir assim para estar de bem com as pessoas, para sermos queridos por todos.

Muitas pessoas se sentem muito bem ao receber um cumprimento. Isso pode melhorar o seu ânimo e proporcionar-lhe um dia mais agradável. Tudo como consequência de uma pequena boa ação.

Há pessoas que têm vergonha de cumprimentar o próximo por considerarem-se inferiores. Nestes casos, especialmente, devemos tomar a iniciativa de saudá-las.

Um exemplo de *chêssed* ao escutar é o que consta em *Mishlê* (12:25): “*Deagá belev ish yashchena*”. Nossos sábios dizem que este versículo pode ser lido também como:

“*Deagá belev ish yessichena*”, ou seja: quando alguém está preocupado, deve procurar outra pessoa para contar sobre sua apreensão, pois isso poderá aliviar sua aflição. Portanto, ao ouvir o próximo também praticamos *chêssed*.

Um exemplo de *chêssed* ao receber com um semblante agradável é o que consta em *Avot Derabi Natan* capítulo 8: “Aquele que recebe o próximo com um semblante bonito, mesmo que não lhe tenha cedido nada (material), é como se tivesse dado todos os presentes do mundo.”

Em *Parashat Vaychi*, Yaacov Avinu fala sobre Yehudá (*Be-reshit 49:12*): “*Hachlili enayim miyáyin ulven-shináyim mechalav* – Vermelho de olhos, mais que o vinho, e branco de dentes, mais que o leite”. Sobre este versículo, a *guemará* (*Ketuvot 111*) explica que é preferível aquele que sorri para o seu amigo – *leven-shináyim* – ao que lhe dá leite.

Ao fazermos uma doação (*tsedacá*) também devemos fazê-lo com boa fisionomia, praticando assim mais um ato de bondade.

Um indivíduo que está sempre com “cara feia”, pode estar ofendendo o próximo. O livro *Atará Lamêlech* acrescenta, sobre este tema, que alguém assim pode ser incluído entre os que pecam por “*onaát devarim*”, por insultar o próximo.

Portanto, praticar o *chêssed*, a bondade, não é uma virtude opcional.

Há situações nas quais se deve praticar o *chêssed*, mesmo que este possa parecer dispensável ou ineficiente segundo o modo de pensar das pessoas. A *Torá* ensina que até mesmo

nesses casos, esta virtude é imprescindível.

O “*Michtav Meeliyáhu*” (vol. 4 pág. 1) escreve que a bondade deve ser praticada mesmo com aqueles que não a necessitam, assim como Avraham fez com os anjos que vieram visitá-lo, dando a eles comida e abrigo; afinal os anjos não comem nem dormem. Prova de que este *chêssed* praticado por Avraham *Avinu* foi bem visto por D’us, são as recompensas que o Povo de Israel recebeu no deserto, em decorrência destes atos.

Outra passagem que nos ensina este mesmo conceito é a proibição de aceitar homens de Amon e Moav em nosso povo, conforme consta na *Torá (Devarim 23:4-5)*: “Não entrará nenhum (homem) *amoni* e nem *moavi* na congregação de D’us, mesmo depois da décima geração; para sempre. Isto porque eles não os acolheram com pão e água quando vocês estavam no caminho, saindo do Egito...”

Mesmo que o Povo de Israel não precisasse da ajuda de ninguém, pois recebiam o “*man*” como alimento e um poço de água os acompanhava, aqueles povos foram castigados por não terem praticado o *chêssed* de ceder pão e água.

Estes exemplos nos mostram que não podemos “escolher” com quem praticar a bondade.

Sendo assim, também não devemos pensar que só porque alguém é muito rico e tem de tudo, não precisa de nossa ajuda.

Uma situação que pode nos parecer que não seja a prática da virtude da bondade é o caso da retribuição de uma bondade feita para conosco, quando somos obrigados a ajudar. Mesmo neste caso, D’us considera esta ação – a retribuição de um

favor – como uma ação de *chêssed*.

Este conceito, aprendemos de uma passagem da *Torá*; de uma atitude tomada por Yitrô em relação a Moshê *Rabênu*:

Moshê fugiu do Egito e foi para Midyán. Lá, salvou as filhas de Yitrô, conforme consta (*Shemot* 2:17): “E levantou-se Moshê e salvou-as...”. Quando as moças contaram o incidente para Yitrô, ele perguntou (2:20): “Onde está ele? Por que deixastes o homem? Chamai-o e que coma pão.”

Yitrô quis retribuir a bondade feita por Moshê com suas filhas. Esta retribuição também foi considerada como um *chêssed* e, 300 anos depois, quando o Rei Shaul se preparava para guerrear contra o povo de Amalec, avisou aos descendentes de Yitrô – o povo Keni – que se retirassem para não serem prejudicados pela guerra, como pagamento pela bondade que seu antecessor, Yitrô, fizera com o Povo de Israel (*Shemuel* 15:6).

Poderíamos achar que Yitrô tinha a obrigação de retribuir o favor que Moshê lhe havia feito e, portanto, não merecia nenhuma recompensa extra por isso. O que vemos, entretanto, é que, pelo mérito de Yitrô ter acolhido Moshê *Rabênu*, 300 anos mais tarde seus descendentes receberam a retribuição. E, mais ainda; consta que Yitrô fez uma bondade com “todo o Povo de Israel”. Explicam nossos sábios que quem faz *chêssed* com alguém ilustre do Povo de Israel, é como se o tivesse feito com todo o povo.

Outra situação, que pode nos parecer dispensável ou ineficiente, é quando a ação parece muito pequena e sem conseqüências.

Boaz, por exemplo, deu a Ruth um pequenino pedaço de pão. Com isso, por ser uma *tsadêket*, ela se satisfez. Por este ato de bondade, Boaz recebeu como recompensa ter, como seu descendente, o *Mêlech Hamashiach*. Boaz teve boa intenção ao praticar aquela ação. Por algum motivo, não pôde dar mais do que isso; e D’us também considera a intenção das pessoas ao praticarem *chêssed*.

O “*Shaarê Teshuvá*” (*sháar* 3 par. 54) explica que o judeu tem a obrigação de procurar as pessoas que necessitam de sua ajuda e isso é uma das bases da virtude de *chêssed*.

O livro “*Alê Shur*” (pág. 93) relata que são necessárias duas condições na prática de *chêssed*: a atenção e o esforço. Atenção para perceber quem necessita de ajuda e esforço ao praticá-lo, para que o *chêssed* seja realizado da melhor forma, pois este não se limita a dar dinheiro a alguém; o sorriso, o incentivo, o consolo, o conselho, a paciência são essenciais quando praticamos esta *mitsvá*.

O “*Shêvet Mussar*” (cap. 16) recomenda que atentemos ao ver alguém infeliz, para que não passe despercebido ou ignorado. Nesses casos, devemos nos aproximar dele, questionar o motivo da tristeza e procurar ajudar. Mesmo que não se possa fazer nada por ele, o simples fato de tê-lo ouvido já pode ser um alívio para ele, conforme mencionado acima.

Na *guemará* (*Sucá* 49b) consta, em nome de *Rabi El’azar*, que a *tsedacá* é recompensada de acordo com a bondade que a acompanha. Acerca disso, *Rashi* esclarece que o ato de “dar” é denominado de “*tsedacá*” – justiça – e o esforço ao fazê-lo é

*chêssed*m – bondade. Portanto, levar a *tsedacá* pessoalmente até o necessitado, preparar-lhe o pão, comprar-lhe o que precisa, constituem o *chêssed* da *mitsvá*.

Os grande sábios talmúdicos Rava e Abayê eram contemporâneos e companheiros de estudos. No tratado de *Yevamot* (105a) consta que Rava estudou *Torá* e viveu 40 anos e que Abayê, que estudou *Torá* e também praticou a bondade, viveu 60 anos. Com relação a isso, o *Talmud* explica que estes dois sábios eram descendentes do sacerdote Eli. Por causa da má conduta dos filhos de Eli, foi decretado que toda sua descendência viveria pouco. No entanto, o estudo da *Torá* e a prática de *chêssed* têm o poder de anular tal decreto. Assim, pela *Torá* que estudou e pela bondade que praticou em grande escala, o sábio Abayê conseguiu que tal decreto não se concretizasse com ele. O comentário “*Tossafot*” explica ainda que seu companheiro, Rava, também praticou muito *chêssed*, a tal ponto, que se tivesse vivido na época imediatamente anterior à vinda do *Mashiach* – *Chevelê Mashiach* – repleta de sofrimentos, estaria salvo deles. Contudo, não praticou *chêssed* suficiente para remover o decreto prescrito aos descendentes de Eli.

O “*Taná Devê Eliyáhu*” (cap. 23 par. 11) diz que o Rei David exaltava a qualidade da bondade do Povo de Israel quando saíram do Egito, por estarem unidos e terem feito um pacto no sentido de praticar a bondade entre si.

De tudo isso aprendemos, que o *chêssed*, uma das características do Povo de Israel, sempre foi incentivado e reforçado por nossos sábios. Preocupando-nos com as necessidades

do próximo, teremos o mérito de sermos bem-vistos por D'us,
Que também cuidará de nossas necessidades e proverá o nosso
bem.

UMA LIÇÃO DAS MADEIRAS

O “*Midrash Rabá*” (cap. 55 par. 2) comenta o seguinte versículo (*Shemot* 26:15): “E farás as tábuas para o Tabernáculo de madeiras de *shitim*, verticais”.

O *midrash* indaga por que D’us escolheu justamente esta árvore para construir o *Mishcan* (o Tabernáculo). E responde que é para ensinar que não se deve construir uma casa com madeiras de árvores frutíferas. Ou seja, se o próprio Criador, ao ordenar a construção do *Mishcan*, escolheu árvores não frutíferas, para que ninguém ficasse prejudicado, privado do consumo de frutas, quanto mais os seres humanos devem cuidar para não prejudicar o próximo, derrubando árvores frutíferas.

Deste *midrash* inferimos uma lição ainda mais abrangente. Sempre que um indivíduo planejar um projeto, não deve agir em detrimento de outrem.

Acerca disso, o *Rav* Yaacov Nayman relata em seu livro “*Darkê Mussar*” que certa vez, um pai, orgulhoso de seu filho, quis mostrar ao rabino o quanto este rapaz era *tsadic*. Para isso relatou um episódio, no qual seu filho estava reunido com alguns amigos em um dos dias intermediários da festa de *Su-*

cot, um dia de “*chol hamoêd*”. Eles estavam em uma *sucá*, na sacada de um apartamento, felizes e entusiasmados, comemorando a data festiva, entoando canções. A animação era tanta, que incomodou um dos vizinhos do andar de cima, um senhor de idade, que estava descansando. Para que os rapazes fizessem silêncio, o vizinho jogou um balde de água sobre eles.

O homem que contava a história para o *Rav* Nayman disse-lhe que a resposta de seu filho a este gesto foi gritar ao senhor de idade: “Como pode você jogar água em um lugar onde está a *Shechiná*, a própria Presença Divina?!” O pai deste jovem quis dizer com isso que seu filho era tão *tsadic* que até sentia a Presença Divina com eles naqueles instantes festivos.

O rabino, atento à história, respondeu imediatamente ao interlocutor: “Não, não, não! Certamente seu filho estava enganado. A *Shechiná* não poderia estar presente em um lugar onde se prejudica o próximo.”

Esta pequena história corrobora o dito de *Rav* Yehudá (*Bavá Camá* 30a) segundo o qual, aquele que quer ser *chassid* – piedoso – deve cumprir as leis de *nezikin*, que tratam dos assuntos referentes a danos causados ao próximo.

Em nossas realizações – antes de mais nada – devemos tomar todo o cuidado para não prejudicar o próximo.

DISCRIÇÃO

A *tсениut* (discrição) é uma virtude que deve ser adquirida por todos – homens e mulheres. Todos devemos ser discretos em relação a nossas vestimentas e a nossos modos. Além disso, a discrição se aplica a todas as aquisições materiais. A visão judaica é contrária a exageros neste contexto. A ostentação de bens materiais é um sinônimo da falta de discrição. Portanto, as pessoas devem ser discretas em seus modos, em suas vestimentas, em seus carros, em suas casas.

Houve um período na nossa História, no qual Shaul era rei de Israel e perseguia David para matá-lo. David viria a ser, depois de Shaul, o futuro rei de Israel. Certa ocasião, comunicaram a Shaul, que David e seus homens estavam escondidos nas redondezas do deserto de En Guedi. Imediatamente, Shaul *Hamêlech* reuniu 3.000 homens e saiu à sua procura para tentar matá-lo.

Quando já estavam à procura de David, Shaul se separou por alguns instantes de seus homens e entrou em uma caverna para fazer suas necessidades. Justamente naquela caverna, David e seus homens estavam escondidos. Assim que avistaram o

Rei Shaul, os homens de David reconheceram-no e exclamaram para David (*Shemuel I 24:5*): “Chegou o dia sobre o qual D’us te disse: ‘Eis que Eu te dou teu inimigo em tua mão e farás a ele conforme lhe bem pareça.’” David se aproximou silenciosamente de Shaul, mas não o matou. Ele apenas cortou uma ponta da sua túnica real. David também não permitiu que seus homens se aproximassem de Shaul *Hamêlech* para matá-lo. David disse a seus homens (*24:7*): “D’us me livre de fazer isso a meu senhor, ao ungido de D’us, de atacá-lo!”.

O *Tanach* conta, em seguida, que David se arrependeu de ter cortado a roupa do Rei Shaul.

Sobre este ato, o *Talmud* explica que, no final de sua vida, o Rei David adoeceu de forma que passou a sentir frio, e nenhuma vestimenta ou coberta eram suficientes para mantê-lo aquecido. Como ele não teve apreço pela roupa de Shaul, cortando-a, no final de sua vida foi acometido por uma doença singular, não conseguindo se aquecer com nenhuma roupa.

O Radak (*Shemuel I 24:4*) comenta este episódio de forma magnífica. Quando David se aproximou de Shaul, percebeu que Shaul possuía uma virtude muito nobre. Por isso, afirmou que Shaul ainda era um enviado de D’us e que não deveria ser morto.

Segundo a lei judaica, David tinha o direito de matar o Rei Shaul, pois aplicava-se sobre ele a lei de “*rodef*”. O Rei Shaul perseguia David para matá-lo. Quando alguém se vê ameaçada de morte, tem o direito de matar seu opressor. Ainda assim, David não ousou atacar aquele que era o enviado de D’us.

Conforme Radak, então, quando David se aproximou de Shaul, percebeu que ele fazia suas necessidades envolto por sua túnica. Para não ficar exposto, o Rei Shaul foi discreto. Envolveu-se com sua túnica mesmo estando “sozinho”, retirado em uma caverna.

Essa discrição de Shaul *Hamêlech* foi reconhecida e admirada por David e acabou salvando sua vida.

Vejam agora um outro acontecimento, no qual a virtude da discrição foi reconhecida e valorizada.

A “*Meguilat Rut*”, que é lida especialmente na festa de *Shavuot*, relata a história de uma moça chamada Rut, que se converteu ao judaísmo. Rut era uma princesa moabita, que abandonou todo o seu prestígio e riqueza para abraçar sinceramente o judaísmo. Por causa de suas virtudes, teve o mérito de ter *Mashiach* como seu descendente.

Conforme a lei judaica, os necessitados podem permanecer nos campos durante a colheita de trigo. Entre outras leis relativas à colheita, a *Torá* prescreve que, caso o agricultor deixe cair uma ou duas espigas de cada feixe recolhido, deve deixá-las no chão para os pobres.

Rut – tendo ficado muito pobre – foi, certa vez, ao campo de um homem sábio e honrado chamado Bôaz. No campo de Bôaz havia vários pobres.

Enquanto Bôaz observava a colheita em seu campo, percebeu que os modos de Rut eram muito diferentes dos modos das outras moças que ali estavam. Ela se vestia com recato e a cada vez que se agachava para pegar as espigas de trigo do

chão, fazia-o com bons modos, tomando muito cuidado para que nenhuma parte de seu corpo ficasse exposta.

Bôaz recomendou a seus empregados que tratassem aquela jovem com muito respeito e que sempre a deixassem entrar em seu campo. Mais adiante, a Meguilat Rut relata que Bôaz se casou com Rut e que eles tiveram um filho chamado Oved. Oved teve um filho chamado Ishay, que foi o pai do Rei David, do qual descenderá o *Mashiach*.

Portanto, foi por reconhecimento da virtude de recato, que levou Bôaz a aproximar-se de Rut.

Nestes dois casos – o episódio de David e Shaul na caverna e o de Bôaz e Rut – a qualidade da discrição foi fundamental para o desenrolar dos acontecimentos. David soube reconhecer e dar a devida importância a essa virtude, poupando a vida do Rei Shaul. Mas com quem ele aprendeu a dar o devido valor à discrição? Certamente este foi um legado de seus bisavós, Bôaz e Rut.

ACEITAR UMA REPREENSÃO

Ao analisarmos a personalidade de nossos patriarcas e suas ações, devemos levar em consideração de que se trata de *tsadikim*, pessoas muito justas. Eles constituem o fundamento de todo o Povo Judeu e se distinguiram por possuir grande devoção a D'us. Sua conduta, cada ato e declaração, por menor que sejam, devem ser levados em consideração, tomados como exemplo e assimilados como um ensinamento para nós.

No livro “*Messilat Yesharim*” (capítulo 16) consta que a pureza é o que aperfeiçoa as virtudes do coração e o intelecto das pessoas. Ele traz também o que foi dito pelo Rei David (*Tehilim* 51:12): *Um coração puro criou-me D'us* – e que todos os atos dos *yehudim* devem provir do intelecto e não do instinto. Devem sempre ser voltados à prática do bem e orientados pelo temor a D'us. Em cada ato, as pessoas devem ter a intenção de causar o bem.

O “*Messilat Yesharim*” (capítulo 26) explica, ainda, que a *kedushá*, a santidade, é outorgada por D'us após um trabalho interior do indivíduo. Este tem a capacidade de se autopurificar e depois receber a *kedushá*. Ou seja, a iniciativa deve

partir do indivíduo e, depois disso, D'us o coroa, presentead-o com a santidade. A tarefa do homem consiste em desvincular-se do material e, cada vez mais, ligar-se ao espiritual.

Sendo assim, nossos patriarcas conseguiram atingir um elevado nível de pureza graças aos seus esforços constantes no sentido de aprimorar suas qualidades interiores e esmerar na prática das *mitsvot*.

Na *Parashat Vayetsê* consta que, ao chegar na cidade de Charan, Yaacov encontrou pastores que estavam próximos a um poço de água. Tais pastores, pessoas singelas, reconheceram a grandeza de Yaacov *Avínu* como conseqüência de dois pronunciamentos:

1. “*Vayômer lahem hashalom lô*” (*Bereshit 29:6*): *E disse-lhes (Yaacov): ‘Ele está em paz?’* O comentarista Seforno (vers. 6) explica que, com esta pergunta, Yaacov procurou saber em que estado de espírito estava Lavan. Isso porque, antes de encaminhar-se ao encontro de alguém, deve-se saber em que situação ele. Não podemos nos dirigir a alguém que passa por um momento feliz da mesma forma que nos dirigimos a alguém que se encontra triste, por exemplo. Os pastores reconheceram a intenção de Yaacov com aquela pergunta e responderam que Lavan estava bem: “*Vayomeru shalom*” – *E disseram: ‘Está em paz’*.

2. Logo a seguir (29:7) consta: *E ele (Yaacov) disse: ‘Mas ainda é metade do dia; ainda não é o momento de juntar o rebanho. Por que não dar de beber ao rebanho e ir apascentá-lo?’*.

Conforme explicação do Rashi, a intenção de Yaacov com estas palavras era: “Se vocês são empregados, o dia ainda não terminou e estão roubando seu patrão, e se vocês são os proprietários dos animais, ainda falta muito para o dia terminar, portanto, voltem a pastorear.”

O Seforno explica, que o patriarca Yaacov não aceitava injustiças, sentia repulsa por este tipo de situação e por isso censurou os pastores.

Em vistas destas duas declarações, os pastores concluíram a verdadeira intenção de Yaacov e reconheceram sua grandeza.

Mesmo admitindo a nobreza de Yaacov, os pastores também o repreenderam. Quando Yaacov perguntou sobre o estado de espírito de Lavan, após dizer que Lavan estava em paz, eles acrescentaram: eza lgx dode באה עם הצאן – *E eis que Raquel, sua filha, vem com o rebanho.* O “*Midrash Bereshit Rabá*” (70:10) explica, que os pastores disseram a Yaacov: “Nós não somos de ficar conversando! Se você quiser conversar, fale com Rachel, pois as mulheres são mais ‘de conversa’”.

Um pouco mais adiante (29:11) consta: *E beijou Yaacov a Rachel e levantou sua voz e chorou.* Sobre isso, Rashi explica que Yaacov chorou ao saber mediante *Rúach Hacô-desh* – inspiração Divina – que futuramente Rachel não será enterrada junto a ele.

O Seforno traz outra explicação para o choro de Yaacov: chorou porque soube que Rachel era o seu *zivug* – sua predeterminada – e que se tivesse casado anteriormente, já teria tido filhos.

O “*Midrash Bereshit Rabá*” (70:12) traz uma terceira explicação: após beijar Rachel, Yaacov ouviu os pastores de Charan comentando: “Este homem veio nos mostrar pecados de *divrê ervá?!*”. Sabe-se que a humanidade havia se afastado deste tipo de pecado após o dilúvio. Por isso, Yaacov chorou; por estar dando mau exemplo aos pastores. Esses comentários serviram-lhe como repreensão. Quando nos referimos às atitudes dos nossos patriarcas sagrados, devemos encará-las por outro prisma. Sem dúvida, o beijo de Yaacov foi totalmente espiritual e puro. Porém, por ter dado oportunidade aos pastores, que tirassem conclusões erradas, Yaacov chorou ao ouvir a repreensão.

Concluimos, que aquele que busca a perfeição, aceita repreensão de quem quer que seja, pois sua aspiração é aprimorar-se. Esta é uma grande lição para todos nós.

A TSEDACÁ

A *mitsvá* de *tsedacá* (justiça, caridade) é composta de uma *mitsvat assê* (mandamento ativo – faça) e duas *lô taassê* (mandamentos passivos – não faça), conforme os versículos (*Devarim* 15:8): “*Ki fatoach tiftach et yadechá lô*” – Mas lhe abrirás tua mão (*mitsvat assê*) e (15:7): “*Lô teamets et leva-vechá velô tikpots et yadechá*” – Não endurecerás teu coração e não fecharás tua mão a teu irmão pobre (*mitsvot lô taassê*).

O Rambam (*Hilchot Matenot Aniyím* - cap. 10, *halachá* 1) escreve que temos a obrigação de manter um cuidado maior com a *mitsvá* de *tsedacá* que com qualquer outra *mitsvat assê*.

O Rav Chayim Kanievski (“*Dêrech Emuná*”, *saíf catan álef*) diz também, que com as moedas que damos de *tsedacá*, é-nos feita uma vestimenta para o *Olam Habá*, o Mundo Vin-douro, que nos protege do *Guehinam*, como um escudo.

O Rambam continua que das Alturas apiedar-se-ão daquele que se apieda dos outros.

E o “*Dêrech Emuná*”, sobre esta passagem, traz uma explicação do *midrash*, segundo a qual a porta que não está aber-

ta para a *tsedacá*, está aberta para os médicos; que a *tsedacá* repele todos os maus decretos e, nos tempos de fome, salva da morte. O não cumprimento da *mitsvá* de *tsedacá* afasta os que estão próximos e, em seu cumprimento, aproxima os que estão distantes.

A *guemará* (*Taanit* 21a) conta sobre um sábio, chamado de Nachum Ish Gam Zu, que era cego dos dois olhos, não tinha as duas mãos, nem os dois pés e todo o seu corpo estava coberto de chagas. Ele morava em uma casa que estava prestes a desabar. Nos pés de sua cama havia baldes cheios de água para que as formigas não pudessem subir, já que ele não poderia espantá-las (Rashi). Certa vez, seus alunos foram até sua casa para retirá-lo de lá, depois do que, retirariam também os móveis. Nachum Ish Gam Zu pediu que tirassem primeiro seus móveis e depois tirassem-no de lá, pois a casa só estaria segura, enquanto ele estivesse dentro dela. Os seus discípulos obedeceram: tiraram primeiramente os móveis e depois o sábio. Imediatamente após o retirarem, a casa desabou. Os alunos lhe perguntaram, então: “*Rabi*, você é um *tsadic gamur* (um justo absoluto)! Por que lhe ocorreram todas estas desgraças?”

E ele contou a seguinte história:

“Fui eu mesmo que as provoquei. Certa vez, ao viajar para a casa do meu sogro, levei comigo três burros carregados: um com alimentos, outro com bebidas e o terceiro com objetos em geral. Deparei-me com um pobre que me pediu *tsedacá*. Eu lhe pedi que esperasse um pouco, para que eu desmontasse de meu burro e descarregasse o necessário do outro. Nem

bem desmontei e o pobre morreu de fome. Eu abaixei a cabeça sobre ele e disse: ‘Meus olhos, que não tiveram piedade deste homem, que fiquem cegos; minhas mãos, que não tiveram piedade de suas mãos, que sejam cortadas; e meus pés, que não tiveram piedade de seus pés, que sejam cortados.’ Eu não me tranqüilizei e ainda acrescentei: ‘Que meu corpo se cubra de chagas’”

Os alunos lhe disseram, então: “Ai de nós, que o vimos assim!” e o sábio respondeu: “Ai de mim se não me tivessem visto assim!”

O sábio preferia passar por estes sofrimentos neste mundo a ter de pagar o seu suposto erro no Mundo Vindouro. Com certeza, Nachum Ish Gam Zu não merecia este castigo, mas ele próprio o provocou, como diz o Maharshá. Podemos aprender desta história, o quão relevante é a *mitsvá* de *tsedacá*, haja vista a importância que ele atribuiu ao incidente.

Está escrito no “*Avot DeRabi Natan*” (cap. 3, *mishná* 9) que havia um *chassid* que dava muita *tsedacá*. Certa vez, estava navegando e o navio naufragou. *Rabi Akiva*, que presenciou o acidente, ia testemunhar que a mulher do náufrago estava liberada para se casar novamente. A *guemará*, no tratado de *Yevamot*, explica que posteriormente *Rabi Akiva* voltou atrás em suas palavras, porque a *halachá*, a lei judaica, prescreve que quando se trata de um desaparecimento em “*máyim sheên lahem sof*” – mares distantes – a esposa não pode se casar novamente até que a morte seja comprovada de fato. Quando chegou ao tribunal rabínico para testemunhar, *Rabi Akiva* en-

controu o homem que naufragara e perguntou-lhe quem o salvou. Ele respondeu: “A *tsedacá* que eu sempre fiz!” *Rabi Akiva* perguntou-lhe, então, como ele poderia ter certeza disso. O náufrago contou que quando estava no fundo do mar, ouviu o rumor das ondas, que murmuravam: “Vamos salvar este homem que fez *tsedacá* toda a sua vida!” Ao ouvir estas palavras, *Rabi Akiva* proclamou: “Bendito é D’us, que escolheu a *Torá* e ordenou as palavras dos sábios como verdadeiras e eternas, como está escrito no livro de “*Mishlê*” (10:2 e 11:4): “*Utsdacá tatsil mimávet*” – *E a tsedacá salvará da morte*”.

A *Mishná Bavá Metsiá* (cap. 2 *mishná* 11) enuncia que alguém que encontra dois objetos perdidos, um que lhe pertence e o outro que pertence a seu pai, deve recuperar primeiramente o seu próprio. A *mishná* explica que aprendemos esta lei de: “*Amar Rav Yehudá amar Rav*”, do versículo (*Devarim* 15:4): “*Êfes ki lô yihyê lechá evyon*” – *Não haverá no meio de ti mendigo*. Ou melhor, devemos tomar cuidado para não chegarmos até a situação de mendicância (*Rashi*). Por isso, devemos nos preocupar com nossos próprios bens materiais.

Não obstante, *Rav Yehudá* explica, em nome de *Rav*, que quem se preocupa somente consigo próprio, pondo o próximo de lado, chegará à situação de mendicância. Do mesmo modo, *Rashi* explica que embora não tenhamos a obrigação de zelar primeiramente pelos bens do próximo, devemos ser nobres, não nos preocupando somente com nossos próprios objetos. Quem age dessa forma, futuramente precisará da ajuda dos outros.

O livro “*Or Yechezkel*”, do Rav Yechezkel Levinstein zt”l, cita o comentário de Rabênu Yoná (“*Shaarê Teshuvá*” - sháar 3, par. 5) sobre o versículo de *Devarim* 15:10: “*Naton titen lô velô yerá levavechá betitechá lô*” – *Dar-lhe-ás, e que teu coração não fique mal quando lhe deres*. Isto é, fomos advertidos a não dar *tsedacá* de mau grado e sim com bons olhos, tal como consta em outra passagem (*Mishlê* 22:9): “*Tov áyin hu yevorach*” – não é suficiente dar, e sim, dar com boa vontade. O Rav Levinstein explica ainda, em nome do Rabênu Yoná, que pode acontecer de alguém cumprir a *mitsvá* de dar *tsedacá* e ainda assim não estar livre de um certo instinto mal; por isso a *Torá* adverte sobre essa má conduta.

Por tudo isso, concluímos a importância que nossos sábios atribuem a este preceito, e também como o *yehudi* deve se dominar e dar *tsedacá* com boa vontade.

Que se concretize em breve o dito: “*Tsedacá tatsil mimávet umcarêvet et hagueulá*” – *A tsedacá salva da morte e aproxima a Redenção*.

QUANDO ELES PARTEM

Nós, seres humanos, mortais e limitados, não podemos entender a justiça de D'us. Seria o mesmo que desejar entender toda a história descrita em um livro, lendo apenas um parágrafo dele.

O *Zôhar Hacadosh* pergunta sobre o versículo “*Vayicrevu yemê Yisrael lamut*” - e aproximaram-se os dias de Israel (*Yaacov*) para falecer (*Bereshit* 47:29), por que a linguagem está no plural - aproximaram-se? O esperado seria: E aproximou-se o dia (ou o momento) de Israel para falecer. Afinal, o indivíduo morre em um segundo e em um dia apenas!

Mas o *Zôhar* diz, que após a alma passar por aqui 70 ou 80 anos e voltar ao Criador, Ele chama os dias do indivíduo para que se apresentem e dêem o *din vecheshbon* (prestação de contas) de todos os atos feitos pelo indivíduo em todos os dias de sua vida. Por isso, devemos preencher todos os dias com boas ações, para que futuramente relatem nossos méritos.

Depois que alguém morre, os amigos comparecem para consolar o cônjuque e os filhos e congregam-se com a família do falecido para estudar e ler *Tehilim*. O principal motivo para

isso é para homenagear o falecido. Entretanto, prestar homenagem por quê, se ele está morto? Prestamos homenagem ao falecido por acreditarmos que a morte não é o fim de tudo, mas somente a devolução da alma ao Criador. Ou seja, há uma continuação após o falecimento do corpo.

Assim como o credor deve ter cuidado com o objeto recebido como garantia por um empréstimo – pois não o tem para seu uso próprio – nós também devemos cuidar da alma que D'us nos confiou, de modo a não desonrá-la nem corrompê-la.

Quando éramos crianças, nossos pais cuidaram zelosamente de nós. Educaram-nos, alimentaram-nos e protegeram-nos. A isso devemos ser eternamente gratos e reconhecidos. Em certo momento de nossas vidas ocorre uma inversão nessa situação e podemos então, de certa maneira, retribuir a eles um pouco do muito que fizeram por nós. Isso acontece depois que partem desse mundo. Temos, então, a possibilidade de honrá-los, mediante nosso comportamento, por intermédio do acúmulo de boas ações, preservando seu nome, recitando o *Cadish*, freqüentando a sinagoga e obedecendo as leis da sagrada *Torá*.

Nós, que acreditamos na eternidade da alma e em sua constante elevação, temos o dever de fazer isso por eles, manifestando nossa gratidão e reconhecimento, por toda a dedicação, por tantas vezes que perderam o sono por nós e por tudo que se privaram, para nos proporcionar o máximo de conforto.

AS BÊNÇÃOS SOBRE OS ALIMENTOS

Berachá Posterior e Anterior

Nossos sábios explicam no *Talmud* que o versículo da *Torá* (Devarim 8:10): “*Veachaltá vessaváta uverachtá et Hashem Elokecha* – E comerás e ficarás satisfeito e abençoarás o Eterno teu D’us” – indica que quando comemos pão e ficamos satisfeitos, somos obrigados a agradecer a D’us por intermédio do *Bircat Hamazon*. Portanto, a *mitsvá* de recitar o *Bircat Hamazon* após a ingestão de uma certa quantidade de pão é uma das 248 *mitsvot assê* – faça.

O *Talmud* continua dizendo que o versículo se refere exclusivamente a alguém que comeu e ficou satisfeito; portanto, o *Bircat Hamazon* é recitado após a refeição. O *Talmud* pergunta, então, de onde aprendemos que também é necessário agradecer ao Criador antes de comer. A resposta é dada com um “*cal vachômer*” – raciocínio *a fortiori*: Se alguém que já está satisfeito deve agradecer ao Criador, aquele que recebeu a possibilidade de se alimentar e tem o alimento à sua frente com mais razão deve agradecer.

Berachot da Torá

O *Talmud* traz uma outra colocação relacionada com estas *berachot* de agradecimento: “*Bircat Hatorá mináyin? Amar Rabi Yishmael: ‘Al chayê shaá mevarech, al chayê Olam Habá lô col sheken?’* – De onde sabemos que devemos bendizer o Criador, que temos de agradecer-Lhe por meio da bênção da *Torá*? Disse *Rabi Yishmael*: ‘Por uma vida momentânea agradecemos ao Criador, por uma vida eterna, que obtemos mediante o estudo da *Torá*, não é certeza que também precisamos agradecer?’”

Todos os dias, em nossas bênçãos matinais, pronunciamos três *berachot* agradecendo ao Criador por nos ter dado a *Torá*. Na passagem descrita acima, o *Talmud* indaga de onde sabemos que é necessário fazer uma bênção antes de estudar a *Torá*, e responde o seguinte: A comida que ingerimos, seja pão, carne ou verduras, é uma alimentação que nos dá sustento para a nossa vida material. Sobre isso, vimos anteriormente que é necessário agradecer ao Criador antes e depois de comer. A alimentação propriamente dita é denominada pelo *Talmud* de “*chayê shaá*” – vida momentânea, vida passageira. O estudo da *Torá* é a alimentação da nossa alma e, por conseguinte, é uma alimentação para a vida eterna. Sendo assim, o *Talmud* conclui que se nós precisamos agradecer antes da alimentação material, certamente que temos de agradecer ao Todo-Poderoso sobre a alimentação eterna, o estudo da *Torá*. “Se sobre uma vida momentânea nós recitamos uma *berachá*, sobre a vida eterna, não deveríamos fazer *berachá*?” Portanto, quando acordamos, após

uma noite de sono reconfortante, não podemos estudar a *Torá* enquanto não pronunciarmos as bênçãos da *Torá* em agradecimento ao Criador, Que nos outorgou a *Torá*.

Quando nós somos chamados para ler a *Torá*, dizemos uma *berachá* antes e outra depois da leitura. Na primeira *berachá* dizemos: “*Baruch... asher báchar bánu micol haamim venátan lánu et Toratô, baruch Atá Hashem noten Hatorá – Bendito... Que nos escolheu dentre todos os povos e nos deu a Sua Torá; bendito és Tu, Eterno, Que nos dá a Torá.*” A *berachá* posterior à leitura da *Torá* é: “*Baruch... asher nátan lánu et Toratô Torat emet vechayê olam natá betochênu. Baruch atá Hashem noten Hatorá – Bendito... Que nos deu Sua Torá, a Torá verdadeira, e uma vida eterna plantou dentro de nós; bendito és Tu, Eterno, Que nos dá a Torá.*” Nossos sábios explicam que o termo “*Torat emet*” – a *Torá* verdadeira – na *berachá* posterior se refere à *Torá* Escrita e o termo “*vechayê olam natá betochênu*” – e uma vida eterna plantou dentro de nós – refere-se à *Torá* Oral. A *Torá* Oral – a *mishná*, a *guemará* – são inseparáveis do texto da *Torá* Escrita. Ao recitarmos as *berachot* antes e depois de ler a *Torá*, agradecemos ao Todo-Poderoso, que nos deu a *Torá* Escrita e que semeou dentro de nós uma vida eterna, referência direta à *Torá* Oral.

A Importância das Berachot

A *Torá*, em *Parashat Êkev* (*Devarim* 11:16), traz a seguinte passagem, que recitamos diariamente no *Shemá Yisra-el*: “*Hishameru lachem pen yiftê levavchem vessartem*

vaavadtem elohim acherim vehishtachavitem lahem – Guardai-vos; não suceda que o vosso coração vos seduza e vos desvieis e sirvais a outros deuses e vos prostreis diante deles.” Como é possível que alguém chegue a se desviar das recomendações da *Torá* a tal ponto de fazer idolatria? No comentário sobre o versículo acima, Rashi responde a esta pergunta, dizendo que isto pode acontecer quando a pessoa está satisfeita: “Já que vocês vão comer e ficar satisfeitos, tomem cuidado, preservem-se para que não venham a ignorar o Todo-Poderoso, porque uma pessoa só se revolta contra o Todo-Poderoso quando está satisfeita.” Quando alguém se alimentou e comeu muito, corre o risco de esquecer a verdade por um determinado momento e se desviar do caminho correto. Isto pode até levá-lo – D’us nos livre – ao ponto de servir outros deuses. Vemos, então, como é importante recitar uma *berachá* antes de colocar qualquer alimento na boca.

Quando uma pessoa pega um alimento na mão, pára para pensar e faz uma *berachá*, revela o seu reconhecimento e gratidão ao Todo-Poderoso.

Quando termina o *Yom Kipur*, por exemplo, e a pessoa está faminta, ainda assim deve se comportar de acordo com os princípios judaicos. Digamos que, nesta oportunidade, alguém, ao chegar em casa, vendo um mesa farta de alimentos, avance sobre ela sem pensar. Como pode agir assim se há apenas meia hora esta mesma pessoa parecia um anjo e jejuava vestida de branco? De repente, como se nada tivesse acontecido, atira-se sobre a comida sem reconhecer Quem a concedeu!?

A *berachá* nos ensina um comportamento ético, um comportamento nobre do ser humano. Ela parece dizer: “Pare! Lembre-se de quem é você. Saiba que você é um ser humano; você foi criado à imagem de D’us! Antes de comer, pare e pense por que está se alimentando.” E o verdadeiro motivo da alimentação é que nós precisamos dela para sustentar o nosso físico, sendo que a função do corpo é ajudar a nossa alma a se elevar e servir o Todo-Poderoso.

Um dos motivos pelos quais fazemos *berachá* antes do consumo de qualquer alimento é o que chamamos de “*kidush hachayim*” – santificação da vida. Por intermédio da *berachá*, “elevamos” a nossa existência a um *status* de *kedushá* – santidade. Transformamos um comportamento físico, “animalesco”, em algo nobre. Por intermédio da bênção antes de se ingerir qualquer alimento, nós não somente elevamos a nós mesmos, mas também elevamos o alimento. A bênção antes da alimentação impede que o indivíduo tome o alimento e o introduza na boca sem o devido equilíbrio, com o único intuito de satisfazer sua vontade, seu desejo físico.

Existe uma diferença muito grande entre os conceitos do Povo de Israel e os conceitos dos outros povos. Há religiões que pregam a santidade por meio do afastamento das coisas materiais. Por exemplo, o catolicismo prega que a santidade é atingida por meio da castidade. Isto é totalmente contrário a essência do ser humano; é contra o que *Hashem* queria ao criá-lo. A *Torá* prega exatamente o oposto: a pessoa só atinge a santidade por intermédio do casamento. Assim, ao colocar a

aliança no dedo da sua noiva, o marido diz embaixo da *chupá*: “*Harê at me cudêshet li* – Eis que és consagrada a mim.”

Ainda segundo este raciocínio, de “eivar” a matéria, realizamos todas as práticas terrestres por sermos formados de corpo e de alma. A matéria é necessária para satisfazer as necessidades físicas do nosso corpo, mas precisamos elevá-la a um *status* de *kedushá* – santidade – e isto só é possível por intermédio das *mitsvot* da *Torá Hakedoshá*.

Conforme mencionamos, com a recitação das *berachot*, com o casamento, enfim, com a prática das *mitsvot*, elevamos espiritualmente e também a própria matéria, que serviu como agente no processo. Vejamos um caso interessante sobre a elevação da matéria – um alimento – mediante uma *mitsvá* – a recitação da *berachá*.

Os nossos sábios nos transmitiram que existe a reencarnação. Nós sabemos que determinadas almas podem até voltar encarnadas em animais, vegetais ou minerais. Pode acontecer, então, de uma alma estar em algum alimento, esperando que alguém a “salve” desta encarnação e a devolva ao seu *status* anterior. Este “resgate” pode ocorrer ao pronunciarmos a *berachá* sobre aquele alimento. Com isso, a pessoa que recita a bênção tem condições de devolver esta *neshamá* ao seu *status* anterior.

Uma *neshamá* pode estar encarnada em uma maçã, por exemplo, esperando ansiosamente que o seu *ticun* – reabilitação – venha por intermédio de uma *berachá*. Que tristeza e frustração sentirá esta alma quando alguém pegar a maçã de

maneira contrária à ética e à nobreza do ser humano, consumindo-a sem pronunciar a devida *berachá*? A angústia desta *neshamá* pode ser comparada à de alguém que está seqüestrado e sabe que possui uma chance de ser resgatado. Quanto um seqüestrado espera e deseja que apareça alguém, que venha a polícia, ou que a família pague o resgate para salvá-lo? A ansiedade e o desespero dessa pessoa aumentam com o passar dos dias. Eis que um dia, finalmente, aparece uma luz “*min hashamáyim*” – dos Céus – e chega o momento da sua salvação.

O *Talmud* nos diz: “*Col hanehenê min haolam hazê belô berachá, keílu gozel Mehacadosh Baruch Hu uknêset Yisrael* – Todo aquele que desfruta deste mundo sem pronunciar uma *berachá* (come uma fruta ou uma verdura, bebe um copo d’água sem fazer a devida *berachá*) é como se tivesse roubado o Criador e a congregação de Israel.”

Entendemos facilmente a afirmação de que quem omite uma *berachá* é como se estivesse roubando algo de D’us. Afinal, todas as criações pertencem a Ele e a *berachá* funciona como um pedido de permissão e de agradecimento. Sobre isso, no livro de *Tehilim* constam dois versículos aparentemente contraditórios. O primeiro diz: “*Lashem haárets umloáh* – A D’us pertence a Terra e tudo o que ela contém”. O segundo: “*Vehaárets natan livnê adam* – E a Terra outorgou aos seres humanos. Nossos sábios nos explicam que estes dois versículos não são contraditórios, pois referem-se a momentos diferentes: a Terra e tudo o que ela contém pertencem a D’us antes que o homem pronuncie a *berachá*, porém, passa a pertencer ao

ser humano depois que ele pronuncia a *berachá*.

Sendo assim, mesmo depois de ter adquirido monetariamente determinado alimento, ainda não temos o direito de consumi-lo. O que nos dá o direito de tirar proveito das coisas deste mundo, que pertence ao Todo-Poderoso, é a *berachá*. É como alguém que vai ao supermercado, enche o carrinho e pensa que pode sair sem passar pelo caixa. Tudo o que existe no mundo pertence ao Criador. Uma pessoa só pode usufruir das coisas terrestres após o “pagamento”, quando então elas passam a pertencer a ele.

A segunda colocação do *Talmud*, segundo a qual alguém que não faz *berachá* é como se tivesse roubado a congregação de Israel, necessita de um esclarecimento. Esta afirmação é explicada por nossos sábios da seguinte forma: em termos espirituais, há um canal por onde flui a abundância, a fartura que vem a este mundo. Esta fartura flui para toda a humanidade. Todos os povos desfrutam deste canal de abundância, que vem do Criador, por intermédio das atitudes e do comportamento do Povo de Israel.

Uma pessoa que desfruta deste mundo sem ter “pago” por isso, sem fazer a *berachá*, restringe, ou até bloqueia, esse canal, impedindo a passagem da fartura para este mundo e, conseqüentemente, para a congregação de Israel. Se tivesse feito a *berachá*, se tivesse elevado aquele alimento a um nível de *kedushá*, a um *status* de santidade, este canal estaria desobstruído e a abundância fluiria com maior intensidade por intermédio dele para o mundo inteiro.

Cem Berachot Diariamente

O Rei David instituiu que cada pessoa recitasse diariamente 100 bênçãos. Assim, o “*Shulchan Aruch*”, o código das leis judaicas, prescreve: “*Chayav adam levarech bechol yom meá berachot lefachot* – Cada pessoa deve fazer diariamente pelo menos 100 bênçãos.”

Vejamus uma análise das *berachot* que recitamos diariamente:

Em um dia comum da semana recitamos 19 *berachot* em cada oração da *Amidá*. Assim, com as três *Amidot* das orações diárias – *Shachrit Minchá* e *Arvit* – recitamos 57 *berachot*. As *berachot* matinais, incluindo a de *Netilat Yadáyim* e a de *Asher Yatsar*, somam 21. Ao colocar os *tefilin* e o *talet* recitamos duas *berachot*. As *berachot* que antecedem o *Shemá* e posteriores a ele, incluindo as de *Shachrit* e as de *Arvit*, somam sete. No *Shachrit* recitamos mais duas *berachot*, em *Baruch Sheamar* e em *Yishtabach*. Portanto, levando em consideração apenas as *berachot* obrigatórias das orações, em um dia comum recita-se 89 *berachot*.

As 11 *berachot* que faltam são completadas com as seguintes *berachot* eventuais: de *netilat yadáyim* antes de comer pão, *Hamotsi*, *Bircat Hamazon* – que possui 4 *berachot* – *berachot* de alimentos, *Asher Yatsar* ao sair do banheiro, etc. Assim, em um dia comum da semana atinge-se facilmente as 100 *berachot*.

Já no *Shabat*, as *berachot* obrigatórias predeterminadas totalizam um número menor do que as 89 dos dias comuns e,

portanto, devemos tomar mais cuidado para alcançar o número recomendado de 100 *berachot*.

Vejamos: no *Shabat* são recitadas 4 *amidot* – *Arvit*, *Shachrit*, *Mussaf* e *Minchá* – com 7 *berachot* em cada, totalizando 28 bênçãos. Contando-se as *Bircot Hasháchar*, 21, a *berachá* do *talet*, do *Baruch Sheamar*, do *Yishtabach*, as *berachot* anteriores e posteriores ao *Shemá* de *Arvit* e de *Shachrit*, 10, temos 59 *berachot*. No *Shabat* temos ainda três refeições obrigatórias com pão, resultando então em mais 18 *berachot* – *Hamotsi*, *Netilat Yadáyim* e 4 do *Bircat Hamazon* em cada uma das refeições. Até agora totalizamos, portanto, 77 *berachot* no *Shabat*. Em duas dessas refeições recita-se o *Kidush*. O *Kidush* da noite de *Shabat* contém duas *berachot* e o de *Shachrit*, uma *berachá*. Logo, o total das *berachot* obrigatórias no *Shabat* é de 80. Sendo assim, devemos cuidar para recitar 20 *berachot* extras: antes e depois de comer, beber, após sair do banheiro, etc.

Berachot Anteriores ao Consumo

De uma forma geral, sem entrar em maiores detalhes e nos pormenores da lei, as *berachot* anteriores ao consumo das comidas e bebidas são as seguintes:

A *berachá* de *Hamotsi Lêchem Min Haárets* é feita sobre o pão.

A *berachá* de *Borê Minê Mezonot* é feita sobre biscoitos, bolo, macarrão.

A *berachá* de *Borê Peri Haguêfen* (*ashkenazim*: *Hagá-*

fen) é feita sobre vinho, suco de uvas e champanhe.

A *berachá* de *Borê Peri Haêts* é feita sobre os frutos da árvore.

A *berachá* de *Borê Peri Haadamá* é feita sobre os frutos da terra.

A *berachá* de *Shehacol Nihyá* (*ashkenazim: Nihyê*) *Bidvarô* é feita sobre todos os líquidos – com exceção dos derivados de uva – sobre ovos, carnes, frango, peixes e queijos.

Estas *berachot* anteriores são proferidas sobre qualquer quantidade de alimento a ser consumida.

Quando se faz a *berachá* de *Hamotsi* no início de uma refeição, não se deve fazer *berachá* para nenhum outro alimento que faz parte da refeição. No entanto, deve-se fazer *berachá* para a sobremesa, pois ela não acompanha o pão.

No caso de não se comer pão, é necessário fazer uma *berachá*, e somente uma vez, para cada categoria de alimentos. Assim, se houver dois tipos de frutas de árvore, por exemplo, só deverá fazer a *berachá* de *Borê Peri Haêts* no momento que for comer a primeira delas.

No caso de se desejar recitar *berachot* para mais de uma categoria, deverá observar a seguinte ordem de prioridade: *Hamotsi*, *Mezonot*, *Haguêfen*, *Haêts*, *Haadamá* e *Shehacol*. Imediatamente após recitar cada *berachá*, deve-se provar um alimento da categoria.

Vemos, portanto, que o pão normalmente deve receber preferência sobre todos os demais alimentos nas refeições.

No *Shabat*, excepcionalmente, a *berachá* do vinho deve ser feita no *Kidush*, antes da *berachá* do pão. Por este motivo, nesta oportunidade o pão deve estar coberto, para que não seja “envergonhado”.

Berachot Posteriores ao Consumo

Existem três *berachot* posteriores ao consumo de alimentos: o *Bircat Hamazon*, a *berachá* de *Meên Shalosh* e a de *Borê Nefashot*.

Estas três *berachot* não são recitadas para qualquer quantidade de alimento ingerido. Elas devem ser recitadas somente nos seguintes casos:

a) Quando se consumiu algo sólido numa quantidade maior do que *kezáyit*. Esta quantidade mínima corresponde a uma porção de alimento que, se esfarelada, preencheria o volume de 50ml. Além desta condição, para recitar a *berachá* posterior, deve-se ter ingerido um *kezáyit* num intervalo de tempo máximo de quatro minutos em princípio, ou seis minutos segundo outras opiniões.

b) Quanto aos líquidos, para se recitar a *berachá* posterior, deve-se ter consumidos no mínimo 86ml sem interrupção – sem parar de beber.

O *Bircat Hamazon* é feito após o consumo de pão.

O segundo tipo de *berachá* posterior é a *berachá* de *Meên Shalosh*. “*Meên Shalosh*” significa “resumo de três”, porque o texto desta *berachá* contém o resumo do *Bircat Hamazon*, que foi instituído pela *Torá* com três *berachot*.

A *berachá* de *Meên Shalosh* é recitada após a ingestão de três categorias distintas de alimentos. Para cada categoria foram inseridas passagens exclusivas no texto da *berachá*:

a) Após o consumo de alimentos cuja *berachá* anterior é *Borê Minê Mezonot* – bolo, biscoito, macarrão. Nesta oportunidade, deve-se recitar a passagem “*al hamichyá veal hacalcalá*”.

b) Após o consumo de bebidas cuja *berachá* anterior é *Borê Peri Haguêfen* (*ashkenazim: Hagáfen*) – vinho, suco de uva ou champanhe. Nesta oportunidade, deve-se recitar a passagem “*al haguêfen veal peri haguêfen*”.

c) Após o consumo de cinco frutas específicas, por intermédio das quais *Êrets Yisrael* é louvada: azeitonas, tâmaras, uvas, figos e romãs, mesmo que tenham sido plantadas em outro país. Nesta oportunidade, deve-se recitar a passagem “*al haêts veal peri haêts*”.

Estas cinco frutas também possuem uma ordem de prioridade para a recitação da *berachá* anterior, *Borê Peri Haêts*, que é a seguinte: azeitonas, tâmaras, uvas, figos e romãs. Esta ordem foi estudada da análise da passagem da *Torá* que louva *Êrets Yisrael* por intermédio destas frutas (*Devarim* 8:8).

Finalmente, a terceira *berachá* posterior, *Borê Nefashot*, é pronunciada após o consumo de frutas (exceto as cinco mencionadas), após verduras, legumes e bebidas em geral (exceto vinho, suco de uva e champanhe), para carnes, frangos, ovos, leite, etc.

CONDIÇÃO INDISPENSÁVEL

Em toda sua existência, o indivíduo se ocupa com três atividades básicas: o pensamento, a fala e a ação. Não podemos levar a vida fundamentados somente em um desses fatores. Ninguém pode se eximir de agir como um judeu, dizendo “sou um ótimo judeu de coração”. Por outro lado, nunca devemos agir – ou falar – sem pensar, sem refletir cada situação e ponderar as conseqüências. Finalmente, a fala também é indispensável para atingir nossos objetivos e cumprir nossas obrigações.

Nesse sentido, a *guemará* (*Berachot* 17a) cita uma lição que era freqüentemente transmitida por *Rabi* Meir:

“Aprende com todo o teu coração e toda a tua alma a conhecer os Meus caminhos e ser diligente nos caminhos da Minha *Torá*. Guarda Minha *Torá* em teu coração e tem o temor a Mim, perante teus olhos. Guarda tua boca de todo pecado, purifica-te e santifica-te de toda transgressão e iniquidade e Eu estarei contigo em todo lugar.”

O Maharshá explica, que o indivíduo pode estar ocupado de três maneiras: com o pensamento, fala ou ação. “Guarda

Minha *Torá* em teu coração” é um conselho para impedir maus pensamentos. “Tem o temor a Mim perante teus olhos” protege contra as más ações; e “guarda tua boca de todo pecado” previne as más palavras.

Trataremos aqui de alguns conceitos relacionados com o pensamento. Mais especificamente, com os pensamentos necessários durante a realização das *mitsvot*.

Há muitas *mitsvot* que são realizadas somente com o pensamento, como a *mitsvá* de *emuná* – ter fé em D’us. Há também dez lembranças que devemos ter diariamente (para os *ashkenazim* são seis). Essas lembranças constam em vários *sidurim* após a oração de *Shachrit*: o Êxodo do Egito; o *Shabat*; o Maná; o episódio de Amalec; a Revelação no Monte Sinai; que nossos antepassados enfureceram o Santo, Bendito é Ele no deserto, particularmente com o Bezerro de Ouro; o que tramaram Balac e Bil’am para fazer (uma conspiração) contra os nossos antepassados, para que conheçamos as justiças de *Hashem*; o incidente (envolvendo) Miryam, a Profetiza; o mandamento de “Lembrar-te-ás de *Hashem*, teu D’us, pois é Ele que te dá força (e idéias) para prosperares” e a lembrança de Jerusalém – que seja reconstruída e firmemente estabelecida brevemente em nossos dias – amen.

Na maioria dos casos, no entanto, as *mitsvot* são realizadas por intermédio de uma ação. Mas essa ação não deve vir isolada do pensamento. Analisemos a *cavaná* – o pensamento, a intenção – durante a realização das *mitsvot*.

Conforme explica o *Shulchan Aruch* (60, 4), todas as

mitsvot precisam de *cavaná* – tanto as *mitsvot* da *Torá* quanto as instituídas por nossos sábios. É obrigatório que se pense, antes ou durante o cumprimento de toda a *mitsvá*, que a realizamos por ser uma ordem de D’us. Decerto, há outras *cavanot* específicas e mais profundas para cada *mitsvá*. No entanto, pensar que a ação é uma determinação Divina é a *cavaná* mínima, que é exigida pela *halachá* sempre que se realize uma *mitsvá*, como por exemplo: segurar as quatro espécies em *Sucot*, comer *matsá* na primeira noite de *Pêssach* ou afixar uma *mezuzá*.

Embora a *cavaná* citada ser obrigatória, caso alguém tenha realizado uma *mitsvá* sem ter tido esse pensamento, ainda assim cumpriu a *mitsvá*. Ou seja, *bediavad* (após o fato), uma *mitsvá* sem *cavaná* é válida.

Porém há quatro casos especiais de *mitsvot*. Elas exigem mais do que a *cavaná* básica de pensar que a ação é uma determinação Divina. São elas as *mitsvot* de *tefilin*, *tsitsit*, *sucá* e a recitação do *Shemá Yisrael* duas vezes ao dia.

As *mitsvot* de *tefilin*, *tsitsit* e *sucá* necessitam, obrigatoriamente, de *cavanot* adicionais. Há legisladores que até determinam que elas não são válidas sem a *cavaná* adicional mesmo após o fato.

Com relação à recitação do *Shemá Yisrael* duas vezes ao dia, entretanto, todos os legisladores são unânimes em afirmar que, caso o indivíduo não tenha realizado as *cavanot* adicionais àquela básica, não cumpriu a *mitsvá* – mesmo após o fato.

A opinião, de que o pensamento (a *cavaná*) adicional du-

rante as *mitsvot* de *tefilin*, *tsitsit* e *sucá* é indispensável para o seu cumprimento, deve-se ao fato de que a *Torá* descreveu o motivo da *mitsvá* somente com relação a essas três *mitsvot*. Assim, pensar nesses motivos torna-se o principal fator do cumprimento dessas *mitsvot* e deve acompanhar a ação.

Quanto à *mitsvá* de *tefilin*, a *Torá* cita (*Shemot* 13:9): “*Vehayá lechá leot al yadechá ulzicaron ben enecha... ki beyad chazacá hotsiachá Hashem Mimitsrayim* – E será para ti como um sinal sobre tua mão e como memória entre teus olhos... que com mão forte te tirou *Hashem* do Egito.” Portanto, o pensamento de que “com mão forte te tirou *Hashem* do Egito” é indispensável nessa *mitsvá*. Sendo assim, cumprimos a *mitsvá* de *tefilin* para lembrar dos milagres e das maravilhas que D’us fez conosco (com mão forte). Esses milagres atestam sobre Sua Unicidade; que a Ele pertence a força e o domínio sobre os seres celestiais e terrestres e que pode fazer com eles conforme Sua vontade.

Com relação à *mitsvá* de *tsitsit*, consta na *Torá* (*Bemidbar* 15:40): “*Lemáan tizkeru vaassitem et col mitsvotay vihyitem kedoshim Lelokechem* – Para que vos lembreis e cumprais todos os Meus preceitos e sejais santos para com vosso D’us.” Assim, cumprimos essa *mitsvá* para lembrar e cumprir todos os mandamentos de D’us e sermos santos para com Ele.

Sobre a *mitsvá* de *sucá*, a *Torá* escreve (*Vayicrá* 23:43): “*Lemáan yedeú dorotechem ki vassucot hoshávti et benê Yisrael behotsií otam meêrets Mitsráyim, Ani Hashem Elokechem* – Para que vossas gerações saibam que nas cabanas

(nas nuvens Divinas) fiz habitar os Filhos de Israel quando os tirei da terra do Egito, Eu sou o Eterno vosso D’us.” Portanto, devemos pensar que estamos cumprindo esse preceito para recordarmos o Êxodo do Egito e as nuvens Divinas que acompanharam e protegeram o nosso povo no deserto.

A quarta *mitsvá* que necessita de um pensamento adicional indispensável durante sua realização, é a recitação do *Shemá Yisrael* duas vezes ao dia. Antes de recitá-lo, como em todas as outras *mitsvot*, deve-se pensar em cumprir uma determinação Divina.

Além disso, antes de começar o *Shemá Yisrael* deve-se aceitar o jugo celestial (*ol Malchut Shamáyim*). Já durante a recitação, é necessário pensar no significado de todas as palavras. Caso não tenha pensado no significado de todas as palavras, após o fato terá cumprido a *mitsvá*. Mas isso não vale no que diz respeito às duas primeiras frases: “*Shemá Yisrael, Hashem Elokênu, Hashem echad*” e “*Baruch, Shem kevod malchutô leolam vaed*”. Essas duas frases devem ser recitadas entendendo-se o significado das palavras e com um mínimo de *cavanot* indispensável.

A primeira frase deve ser recitada em voz alta para despertar a concentração, enquanto a segunda deve ser dita em voz baixa (exceto no *Yom Kipur*).

Assim, quando o indivíduo recitar as duas primeiras frases do *Shemá Yisrael* deve ter em mente ao menos o seguinte:

Shemá - ouça, entenda e aceite.

Yisrael - o povo de Israel.

Ad-nay - Adon hacol; Hayá, Hovê, Yihyê (Dono de tudo; sempre Foi, É, e Será).

El-hênu - é nosso D'us. *Takif uváal hayechôlet uváal hacochohot culam* (Poderoso, Que tudo pode e Senhor de todas as forças).

Ad-nay - Adon hacol; Hayá, Hovê, Yihyê (Dono de tudo; sempre Foi, É, e Será).

Cada uma das três letras da palavra “*echad*” (דכא) possui uma *cavaná*:

Álef (א) - D'us é único.

Chet (ח) - reina nos sete Céus e na Terra (deve-se mentalizar a “*chatotêret*” que compõe a letra *chet*; uma espécie de acento circunflexo, simbolizando a ligação entre os Céus e a Terra).

Dálet (ד) - governa sobre os “quatro rumos do mundo” (*arbá ruchot*).

Baruch, - Bendito é.

Depois dessa palavra deve-se fazer uma pausa, como a de uma vírgula.

Shem Kevod Malchutô - essas três palavras devem ser recitadas juntas.

Shem - o Nome.

Kevod Malchutô - da Glória de Seu Reino.

Leolam vaed - para toda a eternidade.

Se ao terminar de dizê-las perceber que não fez *cavaná* nestas frases, deverá repeti-las, desta vez recitando as duas em voz baixa.

Se perceber que não fez *cavaná* nestas duas frases durante a leitura do primeiro parágrafo (*Veahavtá*), deverá reiniciar imediatamente a partir de *Shemá Yisrael*.

Se perceber que deixou de ter *cavaná* nas primeiras duas frases, quando já estiver no meio do segundo parágrafo (*Veheyá*), deverá terminar este parágrafo, reiniciar o *Shemá* até *uvish'arecha* (ou seja, repetir o primeiro parágrafo), pular o segundo e recitar o terceiro (*Vayômer*).

Além dessas quatro *mitsvot* – *tefilin*, *tsitsit*, *sucá* e *Shemá* – que possuem *cavanot* específicas indispensáveis, cabem algumas observações sobre a recitação da *Amidá* (*Shemonê Esrê*) que rezamos três vezes diariamente.

Durante a *Amidá*, o indivíduo deve afastar todos os pensamentos que o importunam para que sua intenção seja exclusiva e nítida para a *tefilá*. Basicamente, há dois tipos de *cavanot* durante a *Amidá*. O primeiro é ter em mente que a *Shechiná* (a Presença Divina) está à sua frente. O segundo é pensar no significado de todas as palavras. É importante que se pense na tradução das palavras em todas as bênçãos da *Amidá*. Se não conseguir ter *cavaná* em todas, deverá pelo menos ter *cavaná* na primeira *berachá* (*Avot*) e também no *Modim*.

A *cavaná* de pensar no significado das palavras da primeira *berachá* é indispensável. Portanto, quem não tiver ao menos essa *cavaná* não terá cumprido sua obrigação (*lô yatsá yedê chovatô*). Apesar disso, não poderá repetir a *Amidá*.

Se ainda estiver no meio da primeira *berachá* e perceber que não teve *cavaná*, deverá retornar para “*Elokê Avraham*”

(a sétima palavra) e nunca para o início (*Baruch*). Porém somente, se ainda não tiver dito *Hashem* de “*Baruch Até Hashem maguen Avraham*”. No entanto, se lembrar depois de dizer “*Hashem*”, deverá seguir adiante.

O significado da primeira *berachá* da *Amidá*:

Baruch - Fonte das bênçãos (é de D’us Que todas as bênçãos provêm).

Atá - Tu (o Criador)

Ad-nay - *Adon hacol*; *Hayá*, *Hovê*, *Yihyé* (Dono de tudo; sempre Foi, É, e Será).

El-hênu - é nosso D’us. *Takif Uváal hayechôlet Uváal hacochohot culam* (Poderoso, Que tudo pode e Senhor de todas as forças).

Velokê avotênu - o D’us de nossos antepassados; somos obrigados a servi-Lo de coração pleno.

Elokê Avraham, *Elokê Yitschac* *Velokê Yaacov* - D’us dos nossos patriarcas, sobre os quais Ele designou Sua Divindade. Avraham, cuja característica especial era *chêssed* (bondade, graça). Yitschac, cuja característica especial era *guevurá* (bravura, severidade). Yaacov, cuja característica especial era *tif’êret* (beleza, combinação de harmonia, verdade e compaixão).

Hael - D’us, Que possui a qualidade de *chêssed* (bondade).

Hagadol - Grande, Que possui a qualidade de *rachamim* (misericórdia).

Haguibor - Poderoso, Que possui a qualidade de *din* (justiça).

Vehanorá - Temível. Refere-se à qualidade da justiça associada à misericórdia.

El Elyon - Altíssimo, D'us está acima de qualquer conceito ou pensamento.

Gomel chassadim tovim - faz-nos o Bem como se fosse um pagamento, para não nos envergonharmos por estarmos recebendo sem merecermos.

Conê hacol - é Dono de tudo, e dá a cada um o que lhe cabe.

Vezocher chasdê avot umevi goel - lembra as bondades dos nossos antepassados e por mérito deles nos trará o Redentor.

Lemáan Shemô - por Seu Nome, Que paira sobre o Povo de Israel.

Beahavá - faz-nos tudo por Seu intenso amor por nós.

Mêlech - Rei. Que reina sobre todos nós.

Ozer - ajuda o homem, pois apesar de seu esforço, este não tem condições de suprir suas necessidades com suas forças limitadas – o resultado final sempre depende do Criador.

Umoshia - salva, mesmo quando o homem nada pode fazer para tentar resolver seus problemas.

Umaguen - protege de maneira sobrenatural.

Baruch - Fonte das bênçãos (é de D'us Que todas as bênçãos provêm).

Atá - Tu (o Criador)

Ad-nay - *Adon hacol*; *Hayá*, *Hovê*, *Yihyê* (Dono de tudo; sempre Foi, É, e Será).

Maguen Avraham - Protetor de Avraham. Que protege acima da natureza.

Antes de cada *mitsvá* o indivíduo deve parar e refletir em sua ação iminente, tencionando realizar a vontade de D'us. Infelizmente, há muitas pessoas realizam as *mitsvot* mecanicamente. Recitam diariamente o *Shemá Yisrael* e a *Amidá* com pressa e com os pensamentos em outros lugares. Essas pessoas não estão cumprindo a *mitsvá*.

O pensamento, antes e durante as ações, é fundamental para que sejam alcançados os melhores efeitos. Mais especificamente, as *mitsvot* devem ser aperfeiçoadas no que se refere às *cavanot* que a acompanham. Não se deve cumpri-las automaticamente. Isso é um erro muito freqüente no serviço ao Todo-Poderoso, que deve ser combatido com energia.

PREOCUPAÇÃO COM O ESPIRITUAL

Analisando as *parashiyot* que vão desde *Parashat Vayishlach* até *Parashat Vayigash*, notamos que a preocupação dos nossos patriarcas estava dirigida, principalmente, aos assuntos espirituais de nosso povo e não aos físicos e materiais.

Vinte e três anos após ter sido vendido pelos irmãos a comerciantes que iam para o Egito, Yossef tornou-se o vice-rei daquele país. Quando, finalmente, Yossef reencontrou seu irmão Binyamin, que também era filho de Rachel, Yossef caiu sobre o seu ombro (literalmente pescoço) e chorou. O jovem Binyamin, por sua vez, também chorou sobre o ombro de Yossef (*Bereshit* 45:14): “*Vayipol al tsaverê Vinyamin achiv vayêvk Uvinyamin bachá al tsavarav*” – *E se lançou sobre o ombro (pescoço) de Binyamin, seu irmão, e chorou; e Binyamin chorou sobre seu ombro (pescoço).*

Apesar de transcorridos 22 anos sem se encontrarem, certamente o amor mútuo entre eles era sublime. O comentarista

Rashi explica, que Yossef chorou no ombro de Binyamin, pois anteviu (mediante *rúach hacôdesh* – inspiração Divina) a destruição dos Dois Templos Sagrados que viriam a ser construídos na parte territorial da tribo de Binyamin. Binyamin, por sua vez, chorou pela destruição do *Mishcan Shilô* – o Tabernáculo de Shilô – que viria a ser erigido em terras dos descendentes de Yossef. Este tipo de preocupação, por assuntos espirituais, era o que realmente incomodava essas ilustres personalidades do nosso povo.

Quando Yaacov foi para o Egito ao encontro de seu filho Yossef, após 22 anos de luto por ele, a *Torá* conta (*Bereshit* 46:29): “*Vayerá elav vayipol al tsavarav vayêvk al tsavarav od*” – *E se apresentou (Yossef) a ele (a Yaacov) e caiu sobre o seu ombro (pescoço) e chorou sobre o seu ombro (pescoço) mais.* Rashi diz que, neste novo encontro, somente Yossef caiu sobre o ombro de Yaacov e chorou, uma vez que Yaacov *Avínu* estava ocupado nesse momento recitando o *Shemá Yisrael*. Portanto, ao presenciar este acontecimento especial, o intuito de Yaacov foi eternizar espiritualmente o momento, por meio de uma *mitsvá* – a leitura do *Shemá Yisrael*.

Outra prova da ênfase de Yaacov aos assuntos espirituais, foi sua atitude quando se preparava para enfrentar seu irmão Essav. Yaacov partiu da casa de seu pai Yitschac para escapar de Essav, que desejava matá-lo. Yaacov passou 14 anos estudando na *Yeshivá* de Shem e Êver e, posteriormente, mais 20 anos na casa de seu tio Lavan. Ao sair da casa de Lavan, Yaacov desejava saber quais eram as intenções de seu irmão, ou seja, se Essav

ainda queria matá-lo.

Os versículos da *Torá* relatam, que Yaacov mandou “*malachim*” – anjos – para anunciar sua chegada a Essav. Se a preocupação de Yaacov fosse uma guerra contra Essav, o mais lógico seria mandar seus seguranças, seus oficiais de guerra. Mas é evidente que seu receio era outro! A mensagem dirigida a Essav foi (32:5-6): “*Im Lavan gárti... Vayhi li shor vachamor... – Com Lavan morei... e tive boi e burro...*” A palavra “*gárti*” – morei – ao somarmos o valor numérico de cada letra (א=3, ר=200, ת=400, י=10) perfaz 613. Baseado nisso, os comentaristas da *Torá* explicam que a intenção de Yaacov era comunicar que: “Com Lavan morei e embora ele fosse perverso, cuidei das 613 *mitsvot* e não fui influenciado por sua má conduta. Tive a Yossef, cujo símbolo é o boi, e a Yissachar, representado pelo burro. Estes dois filhos carregam consigo o mais importante: o estudo da *Torá*.”

Aparentemente, este recado não interessava a Essav. Talvez esta mensagem até provocasse inveja em Essav, já que relatava as aquisições de Yaacov. Por que, então, Yaacov a enviou?

A intenção de Yaacov *Avínu*, ao confrontar-se com Essav, não era no sentido de defender-se militarmente; mas sim, cuidar de seu nível espiritual. Temia mais a influência negativa de Essav do que um combate físico. Assim, sua mensagem a Essav se referia à eventual influência negativa que Essav oferecia. Por isso, advertiu-o: “Não tente me influenciar negativamente! Saiba que eu já fui testado na casa de Lavan, o Perverso,

e superei o teste, observando os 613 preceitos e colocando as bases do estudo da *Torá* em meus filhos Yossef e Yissachar.”

A continuação da narração nos traz a resposta dos anjos quanto à verdadeira preocupação de Yaacov – se Essav desejava influenciá-lo para o mal. Quando os anjos voltaram a Yaacov, disseram (32:7): “Fomos a teu irmão, a Essav, e ele também vem a teu encontro com 400 homens.” Não seria necessário repetir o termo “a Essav” nesta frase, já que fora citado “a teu irmão” (Essav era o único irmão de Yaacov), mas isso transmitia que: “embora seja teu irmão, ainda é o mesmo ‘Essav’, ainda se comporta como o perverso Essav.”

Continuando com o mesmo raciocínio, quando Yaacov escutou que Essav se aproximava acompanhado de 400 homens – e certamente eram seus discípulos, que possuíam a mesma doutrina de Essav – consta na *Torá* (32:8): “*Vayirá Yaacov meod vayêtsér lô – E temeu Yaacov muito e angustiou-se. “Vayêtsér lô”* (angustiou-se) é um termo similar a “*vayirá*” (temeu). Nossos sábios explicam que este termo – “*Vayêtsér*” – ensina que Yaacov temia o seu *yêtsér*, o seu instinto. Temia que seus instintos fossem derrotados pelas forças negativas de Essav.

Um outro acontecimento que demonstra a mesma filosofia na conduta de Yaacov é transmitida pelo “*Targum Yonatan Ben Uziel*”. Quando os irmãos de Yossef o venderam para comerciantes que rumavam para o Egito, mancharam sua roupa com sangue de um animal. Assim, seu pai presumiria que ele fora devorado por algum animal. Quando mostraram para Yaa-

cov a roupa de Yossef, insinuando que ele fora devorado por um animal feroz (37:33), Yonatan *Ben Uziel* explica que a reação de Yaacov foi a seguinte: “E reconheceu (a roupa de Yossef) e falou: ‘É esta a roupa de Yossef; não foi um animal feroz que o devorou e não foi morto por seres humanos. Mas vejo, por *rúach hacôdesh* – inspiração Divina – que enfrentará problemas espirituais, até mesmo com uma mulher’”. Segundo esta análise, Yaacov sabia que Yossef estava íntegro fisicamente. Porém sua preocupação e seu luto, durante os 22 anos em que ficaram separados, se deviam ao temor de que Yossef decaísse do nível espiritual, que adquirira na casa de Yaacov.

Esta narrativa ajusta-se perfeitamente com aquela que diz, que Yaacov não se consolava por Yossef, já que somente em relação a alguém que realmente morreu é que prevalece o consolo definitivo. Não seria normal, que passasse tanto tempo sem que Yaacov se conformasse, caso presumisse que Yossef realmente falecera.

Comprovamos mais uma vez este raciocínio, da preocupação de Yaacov com o espiritual, observando o comportamento dos irmãos Reuven e Yehudá, e o posterior desenrolar dos acontecimentos, conforme explica o *Rav Yehudá Tsadca zt"l*:

No episódio da venda de Yossef, Reuven e Yehudá tomaram atitudes para poupar seu irmão. Para salvar Yossef de ser morto, Reuven persuadiu seus irmãos a jogarem-no em um poço. A intenção de Reuven era retirá-lo de lá em seguida e devolvê-lo a seu pai. Logo depois, Yehudá aconselhou tirá-lo

do poço e vendê-lo aos mercadores árabes. Neste momento, Reuven não estava presente e não participou da venda. Yehudá não se preocupou com o bem-estar espiritual de Yossef, que seguiria para um país de baixo nível espiritual e ficaria exposto aos riscos de influências negativas. Por esse erro de Yehudá, mais adiante, o versículo 38:1 ... E desceu Yehudá de seus irmãos. Rashi comenta, sobre esta passagem, que os irmãos de Yehudá destituíram-no do *status* de líder que possuía entre eles, pois viram a tristeza do pai pela separação.

Quando já era vice-rei do Egito, Yossef chamou seu pai para ir morar lá. Antes de Yaacov e toda a sua família descerem para o Egito, ele enviou justamente Yehudá para preceder toda a família, para fundar lá uma *yeshivá*. Com isso, Yaacov queria lhe ensinar, como reprimenda por seu erro anterior, que se deve dar preferência aos assuntos espirituais e não aos interesses materiais.

Voltando ao tema do encontro de Yaacov com Yossef, explica o “*Or Hachayim*” (46:30) que os *tsadikim* preferem que seu próprio filho deixe de existir, a que sigam uma conduta não adequada com os conceitos da *Torá*. Por isso, mesmo Yaacov sabendo que Yossef estava vivo, sua alegria não era completa, até comprovar seu semblante e identificá-lo como sendo um *tsadic*. Na oportunidade em que se encontraram, Yaacov manifesta-se a Yossef da seguinte maneira (46:30): “*Já posso morrer agora, depois de ver teu rosto, pois ainda vives.*”

Sabemos que os grandes *tsadikim* conseguem identificar um justo apenas observando o seu semblante. Portanto, logo

que Yaacov se encontrou com Yossef, ficou aliviado por constatar, com certeza, de que ele continuava cumprindo seus ensinamentos apesar de viver num país como o Egito. Mesmo antes de encontrar-se com Yossef, quando disseram a Yaacov que seu filho continuava observando o caminho da *Torá*, Yaacov já manifestou seu alívio. Em *Bereshit* (45:26): “*Falaram a ele (a Yaacov) dizendo, Yossef ainda está vivo e ele governa sobre toda a terra do Egito.*” Em seguida, quando Yaacov se convenceu desta afirmação, consta (45:28): “*Disse Yisrael: Basta! Yossef meu filho ainda está vivo.* E Rashi comenta que a intenção de Yaacov foi dizer: “Tenho agora mais uma alegria, já que meu filho Yossef está vivo”.

Conforme foi exposto, não se deve explicar este trecho como um simples anúncio de que Yossef estava vivo fisicamente, pois isso, Yaacov já sabia. O principal que desejavam comunicar-lhe nesse instante, foi que também sua alma estava viva. Com a mensagem “Yossef governa toda a Terra do Egito”, a intenção era transmitir: “Yossef governa seus instintos, governa o Egito, e não é governado por ele, não é influenciado pelas impurezas do Egito.” Portanto, a expressão de alegria de Yaacov deveu-se novamente ao mesmo motivo: a integridade espiritual de Yossef.

“*Maassê avot siman levanim*” – Os atos de nossos pais devem servir de exemplo para seus descendentes. A exemplo de Yaacov *Avínu*, a ênfase em nossos atos deve ser no sentido de valorizar o lado espiritual, outorgando-lhe primazia em relação às obrigações materiais. Logicamente, o material tam-

bém é necessário, mas não deve prevalecer perante os valores espirituais. A perda de algo material é limitada e a perda de algo espiritual é infinita.

SÁBIOS DE CORAÇÃO

Na *Parashat Vayakhel* consta várias vezes a expressão “*chacham lev*” – sábio de coração. Esta expressão desperta curiosidade, pois o lugar natural da inteligência é o cérebro e não o coração.

Quando a *Torá* descreve os detalhes sobre a construção do *Mishcan*, o Tabernáculo, e os donativos que foram necessários, consta várias vezes a expressão “*chacham lev*” – sábio de coração.

Em *Berachot* 17a consta, que Rava costumava dizer que a finalidade da inteligência é promover a *teshuvá* (o retorno ao caminho da *Torá*) e os bons atos. Não é correto alguém estudar *Torá* e, por outro lado, maltratar os pais, seu rabino ou aquele que possua mais conhecimento. Quem estuda a *Torá* deve, antes de tudo, saber como se comportar de forma honrada, como um temente a D’us, conforme consta no *Tehilim* (cap. 111): *O início da sabedoria é o temor ao Eterno; bom entendimento para todos os seus praticantes.*

Portanto, de acordo com a *guemará*, a *chochmá* (a sabedoria) deve influenciar os atos do homem e a sua personali-

de, para que seja temente a D'us.

O livro “*Or Yahel*”, de autoria do *Rabi Yehudá Leib Hasman zt”l*, traz um exemplo sobre este conceito. Ele cita um farmacêutico que tem conhecimentos sobre os efeitos das ervas. O farmacêutico possui inúmeros tipos de ervas medicinais, mas possui também ervas tóxicas, e todos sabem que ele as costuma usar. Quem confiaria sua saúde a este indivíduo?

Ocorre o mesmo com alguém que possui inteligência, mas não a usa com bons atos. A inteligência é como um remédio que deve ser empregado somente para o bem. Aquele que não usa sua inteligência de forma positiva é comparado com um burro que carrega livros. Para ele, os livros não têm nenhuma validade.

De nada adianta ser inteligente, saber as coisas, sem utilizar os conhecimentos na prática. O sábio deve usar sua inteligência em seu benefício, conforme diz o Rei Shelomô (*Mishlê* 14:16): *O sábio teme e foge do mal e o tolo continua no caminho errado*. Embora fuja do mal, o sábio continua temendo seus atos, enquanto o tolo pensa que está no caminho correto e continua errando.

Portanto, o verdadeiro sábio é aquele que teme e foge do mal. O temor provém do coração, pois é lá que estão os sentimentos. Com isso, podemos entender a expressão citada várias vezes na *Torá* sobre a construção do *Mishcan*: “*al njg*” – *sábio de coração*.

O temor do coração é conseqüência direta da sabedoria. Além disso, este temor deve revelar a inteligência na prática, como diz o versículo: *E todo sábio de coração dentre vós*

venha e faça.

O *Mishcan* é o local onde o Todo-Poderoso quis concentrar Sua Presença, o Santuário construído durante a travessia do deserto. Com o versículo “E todo sábio de coração dentre vós venha e faça”, D’us ordenou que somente aqueles que possuíssem esta “sabedoria ligada com o coração” fossem construí-lo.

Nesta mesma *parashá*, Moshê *Rabênu* reuniu o povo para expor as leis referentes ao *Shabat* e à construção do *Mishcan*. Isso ocorreu no dia seguinte ao *Yom Kipur*. O livro “*Ele Hadevarim*” explica o motivo da escolha justamente deste dia. No dia seguinte ao *Yom Kipur*, o coração do *yehudi* está mais dirigido a D’us. Por isso, nesse dia, a *chochmá* (a sabedoria), está mais ligada ao coração. É um dia no qual o *yehudi* se encontra em um nível espiritual elevado. Moshê o escolheu, então, para transmitir ao povo que este sentimento deve continuar durante todos os dias do ano.

O temor do coração, que é conseqüência da inteligência dos sábios, tem por objetivo a elevação espiritual do indivíduo. Os assuntos transmitidos por Moshê nesta ocasião – a construção do *Mishcan* e o *Shabat* – também se referem à elevação espiritual: O *Mishcan* é o lugar da concentração da Presença Divina e o *Shabat*, foi dado para o Povo de Israel com a finalidade de elevá-lo espiritualmente. Conforme explica o *Talmud Yerushálmi*, o *Shabat* e o *yom tov* foram dados para que o *yehudi* possa estudar *Torá* e, a partir desse estudo, alcançar um nível espiritual superior ao que se encontrava.

NOSSA ESCOLHA

Conforme diz o *Pirkê Avot* (5:4), Avraham Avínu foi testado por D’us em dez diferentes ocasiões e saiu-se bem em todas elas.

As *parashiyot Lech Lechá, Vayerá e Chayê Sará* contam sobre a vida de Avraham Avínu e os testes que ele enfrentou. Há algumas opiniões, entre nossos sábios, sobre quais dos fatos vivenciados por Avraham são incluídos entre esses dez testes.

Para o Rambam, o teste de Ur Casdim, quando Avraham Avínu foi jogado pelo Rei Nimrod em uma fornalha, não é considerado uma das dez ocasiões que *Hashem* testou Avraham. Segundo ele, esse ato de Avraham não pode ser considerado como somente uma prova de fé. Conforme a lógica de Avraham, era óbvio que existia um Criador e que a filosofia idólatra de Nimrod estava totalmente equivocada. Aquele episódio foi, portanto, mais um conflito de idéias.

Todos os comentaristas, exceto o *Rabênu Yoná* e o *Rabênu Bachyê*, concordam que o último teste de Avraham Avínu foi a *Akedat Yitschac* – a oferenda de seu filho Yitschac. Para

o *Rabênu Yoná*, entretanto, o último teste de Avraham foi o sepultamento de Sará.

A expulsão de Hagar e Yishmael da casa de Avraham é considerado pelo Rambam (Maimônides) como um teste. O Ramban (Nachmânides) considera que, nessa oportunidade, Avraham superou dois testes – um por expulsar Hagar e outro por expulsar Yishmael.

No seu comentário sobre a *Torá* (*Bereshit* 12:6), o Ramban explica algo muito importante sobre a história de Avraham, Yitschac e Yaacov – uma regra para se entender o relato das *parashiyot* que falam sobre os patriarcas: Tudo o que aconteceu com eles é um sinal, um ensinamento, para seus descendentes. Esse é o motivo das descrições prolongadas sobre as suas viagens, sobre as escavações de poços e outras coisas mais. Poder-se-ia imaginar, que as histórias são dispensáveis, mas seria um grande erro.

A *Torá* não menciona sequer uma palavra sem proveito. Então, para que a *Torá* conta que Avraham cavou poços de água, que os Pelishtim os tamparam, que Yitschac cavou-os novamente e denominou-os com os mesmos nomes que Avraham escolhera? Todos os fatos relatados têm algo a ensinar para as futuras gerações. Em épocas futuras, os líderes do povo podem aprender muitas lições, desses relatos e transmiti-las e aplicá-las em benefício do povo.

O mesmo ocorre em relação aos testes que Avraham *Avínu* enfrentou. Nós, descendentes de Avraham, em alguma fase de nossas vidas, acabamos sendo testados de forma análoga

aos testes pelos quais ele passou. Além de Avraham servir como exemplo e fonte de inspiração, o fato de ele ter superado esses testes nos dá forças espirituais, que facilitam nossa tarefa mediante essas situações.

Além da obrigação de cumprir todas as *mitsvot* da *Torá*, cada *yehudi* deve vencer alguns testes, de forma individual, que lhe são impostos pelo Todo-Poderoso.

Tanto o Rambam quanto o Ramban concordam, em seus comentários, que os testes submetidos às pessoas não têm a intenção de revelar nada para D’us. Ou seja, a conduta das pessoas, ao enfrentar os testes, não esclarece alguma dúvida para D’us. Portanto, a denominação “teste”, no sentido de verificação, exame, só cabe ao testado, que pode escolher o que fazer. Mas é fundamental saber que D’us não tem dúvidas! Ao submeter-nos a testes, *Hashem* tem outra intenção.

O Ramban explica (no primeiro versículo que trata da *Akedat Yitschac*) que a intenção do Todo-Poderoso é dar a oportunidade para que o indivíduo concretize seu potencial. D’us quer que transformemos em ações, as nossas boas intenções. Sendo assim, sempre que D’us envia um teste para alguém, é porque aquele indivíduo tem condições de superá-lo e ser meritório de uma recompensa muito maior do que apenas suas boas intenções. Dessa forma, o teste torna-se um grande benefício para o testado.

O Rambam, em seu livro *Morê Nevuchim* (vol. 3, cap. 24), explica que a finalidade dos testes é que as outras pessoas – e não o próprio testado – observem o bom exemplo do

testado, aprendam grandes lições e sigam o mesmo caminho. No caso da *Akedat Yitschac*, Avraham demonstrou o quanto ele temia e amava *Hashem*. Toda a humanidade pôde, graças a isso, aprender grandes lições.

Por conseguinte, os testes não esclarecem nada para D’us, Que já conhece todos os resultados. Eles são aplicados em nosso benefício (conforme o Ramban) ou para servir de lição para os demais (conforme o Ramban).

Embora D’us já conheça nossa escolha, nós a possuímos de fato. Isso é denominado de livre arbítrio. A *guemará* (*Nidá* 16) conta em nome de *Rav Chanina Bar Papa*: O anjo encarregado da gravidez, chamado Laila, leva a “gota”, que dará origem ao indivíduo, perante D’us e pergunta: “Criador do mundo, esse indivíduo será forte ou fraco, sábio ou tolo, rico ou pobre?” Mas ele não pergunta se será justo ou perverso, porque isso depende do próprio indivíduo.

Este conceito também foi explicado por *Rav Chanina* da seguinte forma (*Berachot* 33b): “*Hacol bidê Shamáyim chuts meyir’at Shamáyim* – Tudo está nas mãos de D’us, exceto o temor a D’us.” Tudo o que nos acontece, depende exclusivamente da vontade de D’us. Salvo nossos atos relacionados com o cumprimento da vontade Divina, que dependem de nossa escolha e vontade de cumpri-los ou não.

Conforme explica Rashi, esse conceito foi aprendido do seguinte versículo da *Torá* (*Devarim* 10:12): “*Veatá, Yisrael! Má Hashem, Elokecha, shoel meimach, ki im leyir’á et Hashem, Elokecha...* – E agora, ó Israel! O que pede o Eterno, teu

D’us, de ti, senão que temas ao Eterno, teu D’us...”.

Quando se pergunta a um *yehudi*: “Quando você vai cumprir *Shabat*?”, é comum ouvir afirmações como: “Um dia, um dia, se D’us quiser... com a ajuda de D’us!”. Mas quando se pergunta: “Como vão os negócios?” escuta-se a resposta: “Não está fácil; preciso trabalhar muitas horas por dia, viajar bastante e participar de muitas reuniões para conseguir algum sustento”. Quando alguém pensa assim, seus conceitos estão invertidos. De fato, ela precisaria se esforçar para adquirir os valores espirituais – conhecimentos, aperfeiçoamento das virtudes e bons atos. Isso é o que depende dela. Quanto aos valores materiais, a resposta deveria ser: “Com a ajuda de D’us...”.

A grande diferença entre os animais e os seres humanos é nossa possibilidade de escolha, nosso livre arbítrio. Nós temos a capacidade de dominar nossos instintos, escolhendo o caminho que satisfaz a vontade de D’us. Essa virtude se evidencia sempre que enfrentamos um teste, seja pequeno ou grande. Cada vez que nos defrontamos com uma situação na qual nossa vontade seria contrariar a do Criador, podemos fazer uso de nosso livre arbítrio e vencer esse instinto negativo. No *Shabat*, por exemplo, quando temos vontade de praticar um ato proibido e conseguimos conter esse impulso, usamos nosso livre arbítrio.

Além disso, mesmo quando realizarmos algo correto, se o fizemos de forma instintiva, não estaremos fazendo uso do nosso livre arbítrio. Quem coloca *tefilin* como um autômato, por exemplo, porque seu pai colocava e porque seus amigos

também colocam, não está “escolhendo” fazer uma *mitsvá*. Mas se toda vez que ele põe os *tefilin*, lembra-se que o faz exclusivamente por ser a vontade do Todo-Poderoso, aí sim determina sua escolha naquele instante.

O *Rav* Eliyáhu Eliêzer Desler, em seu livro *Michtav Mee-liyáhu* (vol. I, pág. 115), quando trata da responsabilidade da escolha, explica que, quando o pai escolhe o caminho da *Torá*, facilita sobremaneira a escolha de seus filhos. Com suas opções, as pessoas também influenciam todo o meio ambiente que as rodeia.

Neste sentido, há um pormenor importante a ser considerado. Nos Céus, julgam os atos de cada um de acordo com o que ele representa para os demais. Ou seja, levam em consideração o modo que ele é encarado pelos outros. Assim, mesmo que alguém se considere em um baixo nível espiritual, se os demais o encaram como um *talmid chacham*, suas atitudes influenciarão as outras pessoas – para o bem ou para o mal – de um modo especial. Por isso, deve-se considerar mais essa responsabilidade ao tomar resoluções em público.

Sobre os testes que enfrentamos, sobre nossas escolhas e o cumprimento das *mitsvot*, o *Gaon* de Vilna, em seu livro *Col Eliyáhu*, nos transmite um ensinamento essencial. Há somente duas *mitsvot* na *Torá* cuja recompensa é “*arichut yamim*” – o prolongamento dos dias. A primeira *mitsvá* é a de honrar os pais. A segunda é a de afugentar a ave mãe antes de apanhar seus filhotes. Essas duas *mitsvot* parecem antagônicas. A primeira representa a piedade, enquanto a segunda, a crueldade. Respei-

tar os pais e satisfazer suas necessidades demonstra o amor e o reconhecimento dos filhos por aqueles que os criaram. Quando se afasta uma ave mãe dos filhotes, ela pode ficar desesperada ao ponto de jogar-se no mar. Por isso, essa *mitsvá* parece ser algo cruel.

O *Gaon* de Vilna explica, que as *mitsvot* devem ser cumpridas unicamente por serem a vontade de D'us, independente de nossas opiniões e desejos. Devemos cumpri-las mesmo tendo de quebrar nossa natureza, ainda que não encontrando qualquer motivo.

É exatamente essa a lição que aprendemos do nosso patriarca Avraham. A principal característica de Avraham *Avínu* era a bondade – *chêssed*. Ainda assim, ele aceitou cumprir a vontade de D'us e sacrificar seu filho Yitschac. Ele se submeteu à vontade do Todo-Poderoso acima de suas vontades, de sua natureza e de seu entendimento, simplesmente por temê-Lo e amá-Lo.

O YÊTSEER HARÁ

Yaacov *Avínu* permaneceu vinte anos trabalhando na casa de seu tio Lavan. Quando ele partiu, antes de encontrar-se com seu irmão Essav, um anjo lutou com ele. Sobre a passagem da *Torá* (Bereshit 32:25): “*Vayivater Yaacov levadô*” – *E ficou Yaacov só* – o “*Keli Yacar*” diz que o anjo que lutou com Yaacov foi o נ”ד, que é o ministro de Essav. O נ”ד é também o *Yêtseser Hará* (o mau instinto) e o *Satan*. Sua finalidade é cegar o homem, iludi-lo. “Cegar” em hebraico escreve-se נמסל, e daí o seu nome: נ”ד. Ele tenta sempre bloquear a visão do *yehudi*, não deixando que enxergue a verdade.

O *Yêtseser Hará* é comparado pelos nossos sábios à mosca. A mosca só procura feridas ainda não cicatrizadas, pois não consegue perfurar o que ainda não foi aberto. Assim também é o *Yêtseser Hará*: só se infiltra em quem abre uma brecha. Ele não consegue influenciar alguém que se cuida e não tem falha em sua conduta.

Foi isso que ocorreu no episódio do confronto com Yaacov *Avínu*. O נ”ד percebeu que Yaacov abriu uma pequena fenda e aproveitou a oportunidade para tentar influenciá-lo.

D'us abençoou Yaacov *Avínu* com tudo o que há de bom: com riquezas materiais e espirituais. Mesmo assim, depois de ter atravessado o rio, ele voltou para o outro lado para buscar latas pequenas que havia esquecido. Yaacov não precisava delas e, tentando recuperá-las, foi um pouco além de suas necessidades. Com isso, abriu uma abertura mínima para que o *Yêtsér Hará* o enfrentasse. Cabe ressaltar, entretanto, que nesse confronto, Yaacov *Avínu* saiu vitorioso.

Neste contexto, de ser influenciado pelo *נ"ד*, que tenta cegar os homens, quem ama o dinheiro é chamado de cego. Quem ama o dinheiro acima dos valores espirituais e morais, não enxerga os verdadeiros propósitos da vida neste mundo e acaba vacilando em sua conduta.

Vejam os um outro aspecto da influência do *Yêtsér Hará*, analisando uma atitude de Essav e o seu desprezo pelas *mitsvot*.

Essav era o irmão gêmeo primogênito de Yaacov e trocou sua primogenitura por um prato de lentilhas. O livro "*Chidushê Halev*" (*Parashat Toledot*) explica que a venda da primogenitura de Essav para Yaacov pode ser dividida em duas fases.

Primeira fase: Por desejar as lentilhas, Essav se convenceu, de que a primogenitura não lhe seria algo bom. Essav presumiu, que poderia morrer ao realizar os trabalhos que caberiam ao primogênito no Templo Sagrado, caso deslizesse nos inúmeros detalhes do serviço (*Bereshit 25:32*).

E disse Essav: "Eis que eu caminho para a morte; para que quero a primogenitura?"

Segunda fase: Depois que satisfez seu desejo com o prato de lentilhas, Essav sentiu um peso na consciência. Por isso desprezou a primogenitura, conforme descreve a *Torá* no final deste episódio (25:34): *E desprezou Essav a primogenitura.*

O *Rabi Eliyáhu Mizrahi* (Reem) comenta que, analisando a ordem que aparecem os versículos na *Torá*, concluimos que foi realmente isso o que ocorreu. Primeiro Essav vendeu a primogenitura e somente depois desprezou-a. Se o motivo pelo qual Essav vendeu a primogenitura fosse o seu desprezo por ela, deveria estar escrito primeiro: “*E desprezou Essav a primogenitura*” e depois: “*E disse Essav: ‘Eis que eu caminho para a morte, e para que quero a primogenitura?’*” Mas a ordem dos versículos é inversa, demonstrando que o motivo de ter vendido a primogenitura, foi o seu desejo de consumir as lentilhas. O desprezo pela primogenitura veio somente depois de comer, pelo peso na consciência de ter agido mal.

Ou seja, muitas vezes o indivíduo despreza as *mitsvot*, para aliviar um peso na consciência por alguma má conduta, tentando se convencer de que não agiu tão mal.

O desprezo por não cumprir uma *mitsvá* é a base de todos os pecados, e a consequência disso é grave. Há pessoas, por exemplo, que quando não cumprem determinada *mitsvá*, desprezam-na dizendo: “Isso não é para mim! É só para os religiosos!...”

Como devemos nos precaver contra o *Yêtser Hará*?

O *Ramchal* (*Rabi Moshê Chayim Luzzato zt”l*), no livro “*Dêrech Êts Chayim*” (*dibur hamatchil “hinê”*), escreve que

não existe outro remédio contra o *Yêtser Hará* a não ser a *Torá*, pois o seu estudo o enfraquece. A *Torá* é o veneno contra o *Yêtser Hará* e o remédio para a vida de cada *yehudi*.

A *mishná* (*Avot* 4:2) traz: “*Ben Azay* diz: ‘Corra atrás de uma *mitsvá* menos rígida e fuja do pecado, pois uma *mitsvá* atraindo outra e um pecado atraindo outro.’” O *Rav Chayim* de *Wolodjin zt”l* comenta, que as *mitsvot* fogem do *yehudi* e as *averot*, os pecados, perseguem-no. O *yehudi* deve correr atrás das *mitsvot* da mesma maneira que correria ao encontro de alguém que lhe deve dinheiro, e deve fugir das *averot* como aquele que é perseguido por alguém que deseja o seu mal.

Há um recurso – que merece atenção – utilizado pelo *Yêtser Hará*, para tentar convencer-nos a transgredir uma *mitsvá*. Conhecendo-o, fica muito mais fácil vencer o *Yêtser Hará*. O livro “*Alê Shur*” (vol. 2) explica que a imaginação das pessoas antes das ações as ilude. A imaginação é um artifício que o *Yêtser Hará* usa para que sejam cometidos pecados e não sejam cumpridas *mitsvot*. Antes de sucumbir ao pecado, parece-nos que o prazer que obteremos com ele será maior do que realmente acontece.

Para evitar que uma *mitsvá* seja cumprida, o *Yêtser Hará* também faz parecer, ilusoriamente, que seria muito difícil sua realização. Sobre este recurso do *Yêtser Hará*, *Shelomô Hamêlech* também comenta em seu livro “*Mishlê*” (26:13): “*Amar atsel sháchal badárech ari ben harechovot.*” Para não ter de sair para cumprir uma *mitsvá*, imaginamos até que um leão está solto nas ruas.

De tudo o que analisamos sobre o *Yêtses Hará*, comprovamos os seguintes pontos principais: de acordo com o “*Keli Yacar*”, Yaacov Avínu abriu uma pequena brecha e o נ”ד, que é o *Yêtses Hará*, tentou influenciá-lo, lutando com ele. O *Yêtses Hará* tenta, de alguma forma, utilizando os mais diversos argumentos, convencer o indivíduo a fazer um pecado. Depois, procura fazer com que ele despreze a *mitsvá*, tentando aliviar o peso na sua consciência. Vimos, também, que o remédio contra o *Yêtses Hará* é o estudo da *Torá* e que devemos cuidar para que nossa imaginação não nos iludida e, *chas vechalila*, venhamos a praticar um pecado ou deixemos de cumprir uma *mitsvá*.

Conhecendo melhor os conselhos de nossos sábios sobre como vencer o *Yêtses Hará*, com a ajuda de D’us atingiremos elevados níveis espirituais e propiciaremos bons decretos para nós e para todo *Am Yisrael*.

LEIS SOCIAIS

A *Parashat Mishpatim* trata de leis relacionadas à sociedade, como leis referentes a escravos, danos, agressões, furtos, etc.

As primeiras palavras da *parashá* são “*veêle hamishpatim*” – e estas são as leis. Aparentemente, a primeira letra da *parashá*, a letra *vav* – que significa a conjunção “e” – seu uso é indevido, pois bastaria constar “estas são as leis que porás diante deles” em vez de “e estas são as leis...”. O comentarista Rashi explica que, sempre que consta a palavra “*veêle*” é porque a *Torá* menciona um acréscimo à citação anterior. Nesse caso específico, a palavra “*veêle*” vem explicar que, da mesma forma que as leis citadas anteriormente, na *Parashat Yitrô*, foram outorgadas por D’us no Monte Sinai, estas leis, referentes à sociedade, também o foram. O final da *Parashat Yitrô*, que antecede *Parashat Mishpatim*, relata a outorga das Tábuas da Lei com os Dez Mandamentos.

As *mitsvot* da *Torá* estão divididas em três grupos: *edot*, *chukim* e *mishpatim*. *Edot* são as *mitsvot* relacionadas com acontecimentos passados pelo Povo de Israel, como comer

matsot, por exemplo, que nos faz lembrar a Saída do Egito. *Chukim* são as *mitsvot* cujo motivo não pode ser compreendido pelos homens, como as leis de purificação relativas a “*pará adumá*” – a vaca vermelha. *Mishpatim* são as leis lógicas, com motivos compreensíveis pelos homens, como por exemplo “não matarás”.

Cabe aqui perguntar, por que esta *parashá*, que trata dos *mishpatim*, as leis lógicas, inicia justamente com o assunto da compra de um escravo. A *Torá* explica, que um *yehudi* que roubou, deve pagar o dobro do valor do objeto. Caso ele não tenha como pagar, o tribunal rabínico deve vendê-lo como escravo e, com o dinheiro arrecadado, pagar o prejuízo ao proprietário do objeto.

A *parashá* não poderia ter principiado com uma lei mais amena, como, por exemplo, as leis relativas a empréstimos?

O livro “*Darkê Mussar*” responde a esta pergunta, em nome do Saba Mikêlem. Se a *Torá* tivesse sido dada por um ser humano, realmente começaria com este tipo de *mitsvot*. Como a *Torá* foi outorgada por D’us, e Ele é nosso Pai, Que Se preocupa com os filhos, preocupa-Se até mesmo com um filho ladrão e nos ensina como devemos tratá-lo.

Alguém que roubou, segundo as leis civis dos homens, deve ser preso. Não é este o enfoque da *Torá*. O ladrão que está preso não tem bons companheiros e acaba aprendendo ainda mais coisas ruins. Quando sai da prisão, muitas vezes nem tem como se manter, já que passou algum tempo sem trabalhar. Assim, este indivíduo provavelmente voltará a roubar.

A *Torá* ordena, que quem roubou, seja vendido como escravo a uma família que tenha educação, conhecimentos da *Torá* e outras virtudes. Assim, aquele indivíduo poderá sentir o que é uma família saudável e quais os verdadeiros valores morais.

O escravo *yehudi*, antes de tudo, deve ser tratado como um ser humano na casa de seu patrão. Existem muitas leis judaicas que regulamentam a relação entre o patrão e o escravo. Além disso, a *Torá* ordena, que quando o escravo é libertado, seu patrão deve dar-lhe uma ajuda, para que possa recomeçar a vida.

Vejam os outros motivos para a *parashá* começar com as leis relativas aos escravos:

A *Torá* recomendou, que os escravos sejam libertados no ano de *shemitá*, o ano sabático. No entanto, caso alguém deseje continuar como escravo após este prazo, deve ter sua orelha furada pelo tribunal rabínico. Isto, porque a orelha escutou no Monte Sinai, que o Povo de Israel é escravo do Todo-Poderoso (*Vayicrá* 25:55): “*Porque os filhos de Israel são Meus servos.*” Apesar disso, se alguém quiser continuar como escravo de outros, que furem a sua orelha! Fica evidente que, em princípio, D’us não deseja que o *yehudi* seja escravo, para que possa servir somente a Ele. Portanto, o motivo de a *parashá* iniciar pelas leis de escravos, é para transmitir a idéia, de que não devemos esquecer de ser exclusivamente escravos de D’us.

O CORPO, UM ESCRAVO

O *Ôr Hachayim*, Rav Chayim Ben Atar zt”l, traz uma explicação em *parashat Mishpatim*, utilizando uma analogia entre o escravo e o corpo físico das pessoas.

No início da *parashá*, a *Torá* diz (*Shemot* 21:02): “*Ki tiknê êved ivri*” – *Quando comprares um escravo hebreu*. Segundo o *Ôr Hachayim*, esta citação pode ser entendida também como uma referência ao corpo humano. O ser humano é composto de duas partes: o corpo e a alma. Conforme esta analogia, então, o corpo deve ser somente um “escravo” da alma, pois ela deve comandar nossos atos.

A *Torá* continua dizendo: “*shesh shanim yaavod*” – *ele servirá seis anos*. Isto é comparado à vida do indivíduo neste mundo, pois sabemos que os anos do homem na Terra são em torno de seis décadas.

“*Uvasheviit yetsê lachofshi chinam*” – *E no sétimo, sairá livre, de graça*. Isto é comparado à morte, pois somente o morto é “livre”, uma vez que todo o tempo que o indivíduo está vivo, deve trabalhar servindo ao Criador.

“*Im begapô yavô begapô yetsê*” – *Se entrar sozinho,*

sozinho sairá. Literalmente, a palavra “*gapô*” significa “sua asa”. Existem muitas explicações, que não trataremos nesta oportunidade, para o fato de a *Torá* utilizar o termo “asa” para expressar que o escravo chegou solteiro. Segundo a analogia do *Ôr Hachayim*, as asas simbolizam as *mitsvot*, os preceitos da *Torá*, pois elas fazem o pássaro voar (subir), e as *mitsvot* também fazem o *yehudi* subir (espiritualmente). Esta passagem, portanto, transmite o seguinte conceito: se o *yehudi* adquirir *mitsvot* na Terra, sairá (morrerá) levando-as consigo.

“*Im báal ishá hu veyatseá ishtô imô*” – *Se ele tinha mulher, sairá sua mulher com ele*. Segundo o “*Zôhar Hacadosh*”, a palavra “*ishá*” – literalmente mulher – significa uma alma elevada. Portanto: “Se o *yehudi* possuir esta ‘alma elevada’ por seus méritos, ela o acompanhará (após a morte)”. Isto significa, que alguém que conseguiu elevar sua alma, com seus atos neste mundo, atingirá um *status* diferenciado após a sua morte. Os *tsadikim*, os justos, são chamados de “vivos” mesmo após a morte.

“*Im adonav yiten lô ishá veyaledá lô vanim ô vanot*” – *Se o seu senhor lhe der mulher e (esta) lhe der à luz filhos ou filhas*. Ou seja; se o Todo-Poderoso lhe conceder uma alma elevada (sem que tenha sido seu o trabalho de refinamento dela), e ele deixar frutos na terra (suas *mitsvot* e bons atos).

“*Haishá viladêha tihyê ladonêha vehu yetsê vegapô*” – *A mulher e seus filhos serão para seu senhor e ele sairá sozinho*. Nesse caso, o indivíduo não alcançará o *status* diferenciado após a morte (as regalias da “*ishá*” não ficarão com

ele), mas ficará com o mérito adquirido, pelas *mitsvot* e bons atos, na época da Ressurreição dos Mortos.

O QUE SE ESPERA DE NÓS?

Quando um político se candidata a algum cargo público, a primeira providência que toma é contratar uma equipe de marqueteiros, publicitários, psicólogos, estilistas e outros assessores.

Todos esses profissionais são incumbidos de planejar a estratégia da campanha do candidato, relacionada com sua imagem frente ao público eleitor.

Eles determinam que tipo de roupas o político deve vestir, que gestos fazer, o conteúdo e o tom dos discursos, sobre o que falar, sobre o que não falar... e muito mais.

Todo o objetivo destes esforços é realçar as virtudes do candidato, ou até forjá-las, e diminuir seus defeitos – ou escondê-los, se possível.

Seguindo esse raciocínio, todos nós somos “políticos”. Passamos anos de nossas vidas realçando nossas virtudes e escondendo nossos defeitos – escondendo-os de nós mesmos!

Pensamos, em nosso íntimo, que nossas virtudes e atos bons superam de longe nossos defeitos e faltas. Vemos defeitos nas outras pessoas, defeitos que “não temos”, e julgamo-

nos verdadeiros anjos. Salientamos qualquer boa ação, por mínima que seja, e apagamos de nossas mentes as más, não cogitando sobre elas.

Internamente passam pensamentos como: “Eu não roubo, não maltrato ninguém. Educo meus filhos com honestidade e dignidade. Coloco *tefilin* e rezo diariamente. Com certeza estou com as contas ‘no azul!’”.

Na realidade, porém, justificativas como essas não são suficientes. Não roubar e não maltratar o próximo é o mínimo da obrigação de qualquer ser humano. Somente isso não garante um parecer imparcial positivo.

Além disso, “não roubar”, “não maltratar” e “rezar diariamente” são afirmações relativas. Antes delas, devem ser analisadas questões primordiais: “Como são realizados os negócios no trabalho?”, “Quanto se ofende ou humilha o próximo?”, “Como é a concentração durante as orações?”, “Como anda o orgulho, o nervosismo?”.

Uma análise tão superficial e parcial da nossa situação espiritual certamente não é suficiente. Em vez disso, duas perguntas básicas devem nortear nossos pensamentos e atitudes: “O que se espera de mim” e “Qual o meu potencial para realizar a vontade Divina?”.

No Tribunal Celestial, após os 120 anos sobre a Terra, mostra-se para o indivíduo qual é o perfil espiritual que de fato atingiu; quais as suas virtudes e defeitos – sem qualquer “maquiagem”, sem qualquer disfarce. Isso causa um choque para a alma do indivíduo.

Todo o objetivo do ser humano nesta vida é procurar ver seus defeitos, enquanto ainda é tempo. E tentar corrigi-los, para que, quando chegar o momento, o choque seja o quanto menor.

Baseado no livro Siftê Chayim

RESPONSABILIDADE COLETIVA

Em uma das *parashiyot* da *Torá*, após o relato da Saída do Egito, *Parashat Tetsavê*, não consta o nome de Moshê *Rabênu*. O livro “*Sichot Mussar*”, de autoria do Rabino M. Birnboim *Shelita* explica, de uma maneira muito interessante, o motivo desta singularidade: Esta *parashá* inteira discorre sobre a *kehuná* – o sacerdócio – e dos encargos que foram outorgados a Aharon como *cohen* (sacerdote). Para evitar que pessoas como Cômach e seus seguidores alegassem, que quem elegeu Aharon foi Moshê, favorecendo assim seu irmão, D’us omitiu o nome de Moshê da *parashá*. O Todo-Poderoso quis mostrar, que a designação de Aharon provinha exclusivamente Dele e que Moshê era apenas um intermediário de Sua vontade.

Quando o Povo de Israel pecou com o bezerro de ouro, D’us sugeriu a Moshê que exterminaria todo o povo – que nunca aconteça – e recomençaria uma nova nação a partir dele. O “*Báal Haturim*” comenta que Moshê, quando ouviu isso, alegou a D’us que, se o povo não fosse perdoado, D’us poderia

apagar o seu nome da *Torá* (*Shemot* 32:32): *Apaga-me, rogo, do Teu livro que escreveste.*

As pessoas devem tomar muito cuidado com o que dizem. Esta sentença de Moshê, por exemplo, funcionou como uma maldição. Apesar de ter sido apenas uma expressão condicional e mesmo tendo D'us perdoado o povo, o dito se cumpriu em parte e o nome de Moshê não consta nesta *parashá*. O decreto de um *tsadic*, um justo, portanto, mesmo que proferido na condicional (“se” o povo não for perdoado...), é executado.

Comentando este acontecimento, de Moshê *Rabênu* ter proferido a frase “apaga-me do Teu livro...”, o *Rav* Meir Wachtfoigel faz, no seu livro “*Côvets Sichot*”, uma análise essencial para o comportamento humano, que trazemos a seguir.

O judeu não é considerado como alguém com obrigações privativas, exclusivas de sua pessoa. Todos possuem obrigações e responsabilidades para com o mundo inteiro de um modo geral e para com o Povo de Israel de uma forma particular. Com isso, os acontecimentos sucedidos com outras pessoas devem tocá-lo, de forma a questionar-se qual a sua relação com o evento, como pode ajudar os envolvidos e como poderia ter evitado danos. Por outro lado, deve ter consciência de que seus atos, bons ou ruins, afetam o mundo inteiro.

Nesse sentido, a afirmação de Moshê, “apaga-me do Teu livro...”, veio em conseqüência da enorme responsabilidade que sentia frente ao povo.

O *Rav Meir* traz alguns ditos de nossos sábios, que demonstram a responsabilidade que cada um de nós deve ter perante a comunidade.

No “*Midrash Cohêlet Rabá*” (7:28) está escrito, que quando D’us criou o homem, mostrou-lhe todas as árvores do Gan Êden e disse-lhe: “Olhe como a Minha criação é bela e louvável! Tudo o que criei, criei para você! Cuidado para não estragar o Meu mundo, porque se você estragá-lo, não haverá quem o conserte em seu lugar!”

À primeira vista, esta passagem parece estranha. Como pode um indivíduo estragar toda a Criação Divina?

A intenção do Todo-Poderoso ao expressar-Se desta forma era transmitir a Adam, e a todos os homens que viriam posteriormente, que os atos de cada um influenciam toda a Criação. Para que os indivíduos não pensem, que são responsáveis apenas por seus atos e que suas decisões afetam somente a si.

No *Talmud* (*San’hedrin* 37) consta que todas as pessoas têm a obrigação de dizer: “Para mim foi criado o mundo”. Esta afirmação não significa, absolutamente, que devemos ser vaidosos, mas transmite este conceito de que nossos atos repercutem em todo o mundo.

O *Talmud* (*Yomá* 20b) cita que havia três “vozes” que eram ouvidas no mundo inteiro, por todas as pessoas. Uma delas era o som do desligamento da alma do corpo daqueles que morrem. Os sábios pediram a D’us, que tivesse piedade dos homens e cancelasse este efeito. D’us atendeu a esta solicitação.

Sobre isso, o “*Côvets Sichot*” pergunta qual o motivo da ocorrência original, uma vez que o desligamento da alma do corpo parece algo que diz respeito unicamente a cada indivíduo. A resposta trazida é que: “Como as pessoas são responsáveis por todo o mundo, cada alma que se desprende de um corpo é algo que interessa a todos os outros, e, por isso, deveriam senti-lo.”

Na “*Petichta Deica Rabati*” consta que, na época da destruição do Primeiro Templo Sagrado, o Todo-Poderoso disse ao Profeta Yirmeyáhu: “Eu Me pareço a um homem que perdeu seu filho único no dia do casamento, embaixo da *chupá*, e você não se importa Comigo nem com Meu filho! Vá chamar Avraham, Yitschac, Yaacov e Moshê em seus túmulos, pois eles sabem se lamentar.”

Yirmeyáhu respondeu que não sabia onde estava enterrado Moshê *Rabênu* e D’us explicou-lhe como fazer para encontrá-lo. Depois disso, Yirmeyáhu seguiu as instruções do Todo-Poderoso e foi até a *Mearat Hamachpelá* convocar os patriarcas. Quando os patriarcas e Moshê *Rabênu* lhe perguntaram, por que D’us os estava chamando, Yirmeyáhu respondeu que não sabia. Teve medo que eles o acusariam, dizendo: “Em teus dias isto aconteceu a nossos filhos?!”

Sobre este *midrash*, surge a pergunta: “O que realmente temia o profeta, se as desgraças vieram em decorrência dos pecados do povo?” Sabemos que Yirmeyáhu continuamente advertia o povo, para que retornasse ao caminho correto.

A resposta está justamente no princípio citado acima. Pro-

vavelmente Yirmeyáhu, levando-se em consideração o seu elevado nível espiritual, sentia-se responsável pelo povo e, de certa forma, culpado pelas calamidades que assolaram o Povo de Israel. Caso os patriarcas o acusassem que a destruição do Templo ocorreu em seu tempo, porque ele não conseguiu cumprir a sua obrigação de corrigir o povo, não adiantaria ele alegar que “fez de tudo” para evitar o acontecido. O conceito de que todos são responsáveis pelos incidentes que recaem sobre o povo e o mundo é fundamental. E Yirmeyáhu, de fato, se sentia responsável pelos pecados do povo e pela destruição do Templo.

A obrigação que cada judeu tem de advertir o próximo, caso perceba uma falta, também provém deste princípio, de que “*Yisrael arevim zê lazê*” – cada *yehudi* é responsável pelo seu semelhante.

Em *Shemot* (5:1) consta, que Moshê e Aharon, seguindo as instruções de D’us, foram falar com o Faraó: *E depois vieram Moshê e Aharon e falaram ao Faraó*. Rashi comenta que os *zekenim* – os 70 anciões – deveriam estar junto com eles frente ao Faraó, mas no caminho foram se “esquivando” um a um, por temerem enfrentar o ditador. Por terem fugido da responsabilidade coletiva de enfrentar o Faraó, posteriormente não tiveram o mérito de aproximar-se da Presença Divina junto com Moshê, no Monte Sinai, na Outorga da *Torá*.

Outro exemplo sobre a responsabilidade coletiva é quando a *Torá* narra sobre o nascimento de Moshê. Consta o seguinte (*Shemot* 2:4): *E ficou de longe sua irmã para ver o*

que lhe acontecia. Miryam, irmã de Moshê, ficou acompanhando o que aconteceria a seu irmão depois de terem-no colocado numa cesta sobre o rio. Miryam não fez isto por simples curiosidade, mas para saber como seria sua salvação, pois disso também dependia a salvação de todo o povo. Ela também se sentia responsável pelo povo. Graças a seus atos, Miryam teve o mérito de participar posteriormente da salvação de Moshê, como está escrito (2:7): “E diz sua irmã à filha do Faraó: ‘Queres que eu vá chamar para ti uma mulher, amada das hebréias, para que amamente o menino para ti?’”.

Moshê *Rabênu* tinha um grande senso de responsabilidade. Como explica o *midrash* “*Shemot Rabá*” sobre (2:11): “...e viu suas pesadas tarefas...”. O *midrash* pergunta o que significa o termo “e viu”. O *midrash* responde, que Moshê via as árduas tarefas do povo, chorava e dizia: “Que pena sinto por eles! Antes eu morresse e eles ficassem livres, pois não há trabalho mais duro do que o do cimento”. Não apenas isto, mas Moshê também se unia ao povo no trabalho e ajudava a cada um. O *midrash* continua relatando qual foi a sua recompensa: “D’us lhe disse: ‘Você abandonou todos os seus afazeres, preocupou-se com o sofrimento de Israel e se comportou como se comportam verdadeiros irmãos. Agora, Eu abandono os mundos superiores e inferiores para falar exclusivamente com você.’” Por isso, D’us o chamou “*mitoch hassenê*” de dentro da sarça ardente.

Quando alguém recebe, com boa vontade, qualquer responsabilidade para executar tarefas, que se espera que ele rea-

lize, outorgam-lhe, dos Céus, forças para cumpri-las. É isso que nossos sábios dizem no “Talmud Yerushálmi”: *Àquele que começa uma mitsvá, dizem-lhe: “conclua a mitsvá!”*. Este dito não significa apenas, que alguém que começa uma *mitsvá* deve terminá-la, mas também, que receberá uma ajuda dos Céus para fazê-lo.

Moshê *Rabênu* estava disposto a sacrificar-se pelo Povo de Israel e determinado a declarar “apaga-me do Teu livro...”. Mesmo antes de ser o líder do povo, já participava de seus sofrimentos e ajudava-os, quanto mais depois de ter sido escolhido como o guia, intermediário entre o povo e o Todo-Poderoso, e depois que D’us lhe transmitiu a *Torá*. Sempre esteve disposto a fazer qualquer coisa pelo bem do povo.

RESPONSABILIDADES

Os indivíduos estão sujeitos a dois tipos de responsabilidades:

1. Aquelas que são intencionalmente buscadas, como as profissionais por exemplo.

2. Aquelas que involuntariamente vêm ao seu encontro.

Nos dois casos, o indivíduo não tem o direito de se esquivar de seus deveres.

A seguir, um exemplo da *Torá* sobre o primeiro tipo de responsabilidades. Yossef, o filho de Yaacov, foi vendido por seus irmãos quando era jovem. Muitos anos depois, ele se tornou o vice-rei do Egito. Quando seus irmãos foram comprar mantimentos no Egito, Yossef os reconheceu, mas não foi reconhecido por eles. Dadas certas circunstâncias, Yossef disse a eles que o irmão caçula, Binyamin, deveria ficar retido no Egito e que os demais poderiam voltar para sua terra. Então, Yehudá imediatamente exigiu, que Binyamin voltasse com eles para a casa do pai. Yehudá disse a Yossef (*Bereshit* 44:32): “*Ki avdechá arav et hanáar*” – *Pois teu servo se deu por fiador do jovem. O comentarista Rashi explica: “Se você quer saber por que justa-*

mente eu, dentre todos os irmãos, senti-me mais agredido por essa situação, é porque eu me vinculei a ele, assumindo a responsabilidade de cuidar dele.” Portanto, zelar pelo irmão caçula foi uma iniciativa de Yehudá; uma responsabilidade que ele buscou sozinho e, posteriormente, não se esquivou dela.

Em todas as gerações, o Povo de Israel se organizou em *kehilot* – comunidades. Cada *kehilá* com o seu *rav*, *gabai*, *chazan* e muitas outras pessoas que se dedicavam a ela. Com relação às responsabilidades referentes à comunidade, o “*Midrash Rabá*” (*Yitrô*, 27), em nome de *Rav* Nechemyá, explica algo muito importante. Quando alguém busca uma responsabilidade para si, referente à comunidade, não deve deixar passar as irregularidades que eventualmente perceber. Tal encarregado tem a obrigação de advertir os implicados, sob pena de ser castigado junto com eles. Nessa acepção, não haveria sentido em afirmações como: “Não tenho o direito de me intrometer em suas decisões particulares”, ou: “Esse conflito deve ser resolvido entre eles; eu não tenho nada a ver com isso!”

O outro tipo de responsabilidades a que as pessoas estão sujeitas, engloba aquelas que involuntariamente vêm ao seu encontro. Na seqüência, um exemplo, narrado pela *Torá*.

Quanto Avraham *Avínu* tinha 75 anos, obedecendo a uma ordem Divina, partiu da cidade de Charan – da casa de seu pai – e Lot, seu sobrinho, partiu com ele. Depois de algum tempo, Avraham e Lot se separaram. Avraham foi morar em Kenáan e Lot, na cidade de Sedom. Como os habitantes de Sedom eram muito maus e pecadores, D’us enviou dois anjos para a cidade:

um para destruí-la e outro para salvar Lot.

Lot recebeu os dois anjos e protegeu-os dos perversos habitantes de Sedom, que intencionavam fazer maldades com eles. Lot disse (*Bereshit* 19:8): “...*Ki al ken báu betsel corati*” – ... *entraram à sombra de meu telhado*. Ou seja: “... eles estão sob os meus cuidados”. Lot defendeu os enviados, argumentando aos sodomitas que era responsável por aqueles homens. Ele não se esquivou dessa responsabilidade que surgiu inesperadamente.

Um outro exemplo nos conta a *guemará* (*Bavá Metsiá* 85a). Certa vez, um bezerro, que deveria ir para a *shechitá* (o abate ritual), escondeu-se embaixo da roupa de *Rabi*. O sábio retirou o bezerro e disse: “Vá para a *shechitá*, pois é para isso que você foi criado.”

Em conseqüência destas palavras, *Rabi* passou por muitas dificuldades em sua vida, que só cessaram depois do seguinte acontecimento:

Certa vez, a empregada de *Rabi*, que limpava a casa, encontrou alguns ratos e varreu-os. Ao observar a cena, *Rabi* disse: “*Verachamav al col maassav!* – E Sua piedade recai sobre todas Suas criaturas.” Esta demonstração de piedade em relação às outras criaturas fez com que cessassem os sofrimentos que vinha recebendo. Vemos, portanto, que *Rabi* deveria ter aceitado a responsabilidade, que veio ao seu encontro, de proteger o bezerro.

A seguir, uma referência muito clara sobre a responsabilidade de um *yehudi* em relação ao próximo. A *mishná* (*Shabat*

54b) enuncia: “É proibido deixar um animal sair no *Shabat* com uma cinta em volta dos chifres, e a vaca de *Rabi El’azar Ben Azaryá* saiu dessa forma, desacatando a decisão dos sábios.” Sobre este incidente, a *guemará* explica, que a vaca em questão não era propriedade de *Rabi El’azar Ben Azaryá*, mas sim de seu vizinho. Já que *Rabi El’azar* não o repreendeu, os sábios consideraram, como se aquela fosse sua própria vaca.

Sobre alguém assumir as responsabilidades que vêm ao seu encontro, o livro “*Côvets Sicho*” traz um bonito comentário. De acordo com o que explicaram nossos sábios (*Berachot* 8), depois que foi destruído o Templo Sagrado, D’us “repousa sobre quatro *amot* de *halachá*”. Isso significa, que a Presença Divina repousa nos lugares onde se estuda *Torá*. No trecho relatado anteriormente – sobre Lot e a responsabilidade que assumiu sobre os que “entraram à sombra de seu telhado” – podemos deduzir também, que aqueles que estiverem à sombra do “telhado do Eterno”, ficarão sob Seus cuidados, pois Ele observará este mesmo conceito e não Se eximirá desta responsabilidade.

Portanto, quem desejara garantia do mérito da Providência Divina, deve se vincular ao grupo de estudiosos dos centros de estudos judaicos. Cabe ressaltar ainda mais um ponto neste sentido: as verdadeiras responsabilidades judaicas devem ser buscadas nesses centros, para que as boas intenções sejam, na prática, proveitosas e meritórias.

A VIDA DE UM GRANDE HOMEM

Quando um *talmid chacham* (sábio) morre, todos os *ye-hudim* são considerados seus parentes. Quando um homem comum morre, sua família deve ocupar-se de seu *hesped* – o discurso em memória do falecido. Porém, quando se trata de um *talmid chacham*, toda a comunidade passa a ter essa obrigação.

Nossos sábios nos advertem para não negligenciarmos *hespedim* para os *chachamim*. No nosso caso, não morreu somente o chefe da família Chreim, mas sim, o líder da família da *kehilá sefaradi* de São Paulo.

O *Chacham* Chahoud ז"ל desde a sua juventude se dedicou à comunidade em todas as áreas. Tanto em Alepo como em Beirute – e nos últimos vinte anos em São Paulo – esteve sempre atento às necessidades da *kehilá*. Um homem que, dia e noite, nunca mediu esforços em seu trabalho público comunitário.

Conta o *Talmud* (*Berachot* 28b) um episódio sobre o grande sábio *Rabi Yochanan Ben Zacay*. No fim de sua vida, doente,

recebeu a visita de seus alunos. Assim que entraram, *Rabi Yochanan* caiu em prantos. Ele chorou justamente quando seus alunos entraram, porque discípulos são como filhos! Quando alguém ensina o filho de seu amigo, o professor passa a considerá-lo seu próprio filho.

Somente a sagrada *Torá* consegue estabelecer este elo entre dois seres, não havendo ligação tão forte como esta. *Rabi Yochanan Ben Zacay*, naquele momento solene e derradeiro, preocupou-se como seus discípulos se comportariam após sua morte. Será que continuariam no caminho da verdade que ele lhes ensinara?

Poucos momentos antes de seu falecimento, *Rabi Yochanan Ben Zacay* disse: “Preparem uma cadeira para o Rei Chizkiyáhu!”. Rashi explica que o Rei Chizkiyáhu veio ao mundo para acompanhá-lo no caminho aos Céus. E por que justamente Chizkiyáhu? Porque Chizkiyáhu lutou pelo cumprimento da *Torá*! Sabe-se que, na época em que Chizkiyáhu foi rei, em toda *Êrets Yisrael* não havia homens, mulheres ou crianças que não fossem profundos conhecedores da *Torá*. Assim também foi na época de *Rabi Yochanan Ben Zacay*, que se dedicou sobremaneira pelo estudo e cumprimento da *Torá*.

O *Chacham Chahoud zt”l* estudou, ensinou e sustentou a *Torá*. Também podemos dizer, então, que o Rei Chizkiyáhu veio para acompanhá-lo em sua despedida. O *Chacham Chahoud zt”l*, durante toda a sua vida, preocupou-se com as leis que fundamentam os alicerces da família judaica – *cashrut*, *Shabat*, *taharat hamishpachá*...

Ele costumava acordar todas as madrugadas, sem exceção, para estudar o *Zôhar Hacadosh*. Podemos dizer que *Rabi Shim'on Bar Yochay*, o autor deste livro básico da *Cabalá*, também veio acompanhá-lo!

Não houve dia em que ele não tivesse recitado todo o livro de *Tehilim* (Salmos) – tanto nos *shabatot* quanto nos outros dias da semana. Podemos, então, dizer ainda: “Preparem uma cadeira para o Rei David!”, pois ele também veio acompanhá-lo.

Hoje, resta uma grande lacuna espiritual em nossa comunidade. Quem preencherá estas horas de estudo da *Torá*?! O Criador condicionou a própria existência do Universo ao estudo da *Torá*! Conforme está escrito: “Se não fosse pelo estudo da *Torá*, dia e noite, Eu não teria criado os Céus e a Terra!”.

Será muito difícil um só homem preencher esta lacuna. Porém, todos nós, juntos, e cada um de nós particularmente, temos de nos esforçar e estudar mais; cumprir mais *mitsvot*, para que, unidos, possamos preencher este vazio.

O *Chacham* Chahoud foi um escudo espiritual e material para toda a *kehilá*! Rogamos que, nas Alturas, ele interceda em favor de sua esposa, que se dedicou durante toda a sua vida, junto a ele, em prol da comunidade. Que ele interceda em favor de seus filhos, filhas, genros, noras, netos e por todos nós, para que não conheçamos mais preocupações e tristezas.

“Que *Hashem* exclua a morte para sempre e que seque as lágrimas de todas as faces.”

falecimento, leis de onen, quem e quando deve cumprir as leis de avelut, leis de sepultamento, keria e seudat havraá, as proibições do avel, leis de avelut nos yamim tovim e leis referentes ao Cadish na data de aniversário do falecimento.

Nos Caminhos da Eternidade II

Uma abordagem sobre as parashiyot e festas judaicas. Disserta-se sobre os princípios básicos do judaísmo, como o berit milá, as tefilot, a cashrut, o Shabat, a educação judaica e a pureza do lar. Traz o enfoque judaico sobre as virtudes do homem, como a serenidade, imparcialidade, felicidade, harmonia, agilidade e o temor a D'us.

Pessach e Suas Leis (2ª edição)

Trata dos seguintes assuntos: leis ligadas ao mês de nissan, leis da venda e vistoria do chamets, regulamentos para a véspera de Pêssach que cai num Shabat, leguminosas em Pêssach, o Sêder de Pêssach, casherização de utensílios e leis de Sefirat Haômer.

Rosh Hashaná, Yom Kipur e Sucot

Leis referentes ao mês de elul, Rosh Hashaná, Yom Kipur, Sucot, Shemini Atsêret e aos yamim tovim. Entre outras, leis das orações, de Bircat Hamazon, Assêret Yemê Teshuvá, toque do shofar, Tashlich, teshuvá, sucá, das quatro espécies, Hoshaná Rabá e Eruv Tavshilin.

Shomer Shabat (2ª edição)

Um resumo prático das leis referentes ao Shabat. Aborda, entre outros, os seguintes temas: os preparativos, as velas, o Kidush, as refeições, o Bircat Hamazon, a Havdalá, a eletricidade, o tratamento da roupa, leis de cozimento, de transporte, de muçtsê, de construção (bonê) e tendas (ôhel), leis referentes à preparação das refeições, a atar e desatar (cosher umatir) e à vegetação.

Vaani Avarechem

Leis de Bircat Cohanim – a bênção que os cohanim recitam para toda a congregação – e tum'at cohanim – leis especiais da proibição de impurificação aplicadas exclusivamente aos cohanim.

Vaani Tefilá

Indispensável para os que desejam se aperfeiçoar em suas orações. Fatores primordiais para que a oração atinja níveis elevados são comentados: a compreensão do texto, pronúncia correta, pensamentos específicos, o horário adequado para cada oração e rezar com minyan. Leis sobre tefilin, Keriat Shemá, Amidá, Chazará, Tashlumin, Hallel, Baruch Hu Uvaruch Shemô e amen, os atrasados na tefilá, regras gramaticais do Lashon Hacôdesh e tabelas de horários judaicos.

Veten Berachá

Um resumo das principais leis das bênçãos anteriores e posteriores ao consumo de alimentos. Aborda, entre outros, os seguintes temas: bênçãos dos diversos alimentos, importância das berachot, intenção, cem bênçãos por dia, procedimento adequado, definição dos shiurim, pat habaá bekisnin, keviut seudá, interrupção durante a refeição, quando o principal isenta o secundário, Bircat Hamazon no Shabat e yom tov, além de uma lista de alimentos com suas respectivas bênçãos.